



BAIRROS DE ARACAJU
NARRATIVAS

J. CAMPOS

Renata DeCastro e Alberto Roiphe
(Organizadores)

BAIRROS DE ARACAJU: NARRATIVAS

Organizadores

Renata DeCastro

Alberto Roiphe

ISBN

978-85-60102-26-6

EDITORA CRIAÇÃO CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes

Christina Bielinski Ramalho

Fábio Alves dos Santos

Jorge Carvalho do Nascimento

José Afonso do Nascimento

José Eduardo Franco

José Rodorval Ramalho

Justino Alves Lima

Luiz Eduardo Oliveira

Martin Hadsell do Nascimento

Rita de Cácia Santos Souza



BAIRROS DE ARACAJU: NARRATIVAS



Criação Editora
Aracaju | 2021

Renata DeCastro
Alberto Roiphe
(Organizadores)

Copyright 2021 by organizadores

Todos os direitos reservados - Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucros ou vantagens, com observância da Lei em vigência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja expressa marcação do nome do autor, título da obra, editora, edição e paginação. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.619/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Este é um projeto apoiado pelo Edital de Premiação de Artes Visuais e Literatura, proposto pelo Governo de Sergipe, através da Fundação de Cultura e Arte Aperiçê de Sergipe – FUNCAP, com recursos da Lei Aldir Blanc.

Diagramação
Adlma Menezes

Capa
Alberto Roiphe

Xilogravura da capa
Jefferson Campos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

D291b DeCastro, Renata; Roiphe, Alberto (org.).
 Bairros de Aracaju: narrativas / Organizadores: Renata
 DeCastro e Alberto Roiphe. -- 1. ed. – Aracaju, SE : Criação
 Editora, 2021.
 274 p. 21 cm. Ilustrado
 ISBN. 978-85-60102-26-6

 1. Literatura. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Narrativas. 4.
 Sergipe. I. Título. II. Assunto. III. Autores. IV. Organizadores.

CDD 028.5
CDU 087.5(81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura Brasileira: Infantojuvenil.
2. Literatura: Infantojuvenil (Brasil).

Aos nossos estudantes e a
todos aqueles que cultivam um
olhar de criança



Sumário

- 7** **APRESENTAÇÃO-AVISO**
Renata DeCastro e Alberto Roiphe
- 11** **NARRATIVAS INFANTOJUVENIS SOBRE OS BAIRROS DE ARACAJU: QUANDO ESTUDANTES DE LETRAS SE TORNAM AUTORES**
Alberto Roiphe
- 29** **AS AVENTURAS DO CLUBE DO CAJU: O FAROL – (FAROLÂNDIA)**
Edna Ferreira dos Santos
Emily Maria dos Santos
Ruth Evely dos Santos
- 43** **O QUE HÁ ALÉM DOS MUROS – (INÁCIO BARBOSA)**
Yonara Maltas
- 73** **CIRURGIA?!?**
Deyvison Moreira Santos
Thalita Síntique dos Santos
- 97** **MEMÓRIAS DO ROZA – (ROZA ELZE)**
José Regivaldo Vieira Santana
Maria Poliana Santos Dias
Nana Vitória de Carvalho Menezes

- 115** ONDE MORA A SAUDADE? – (SIQUEIRA CAMPOS)
Glaucilane Santos da Silva
Larissa Ramos de Brito
Larissa Santos Calazans
- 125** O VELHO DAS CAJARANAS – (COQUEIRAL)
Wesley Cleiton Aquino Almeida
- 153** NA ONDA DE INARA – (ATALAIA)
Carla Lauane Couto Freitas
- 171** O TESOURO QUE BRILHAVA A MIL MILHAS DAQUI –
(ATALAIA)
Rozana Silva da Cunha Santos
Hivanilda Silva dos Santos
- 193** DIVERSÃO DA CRIANÇA – (JARDINS)
Saádia Patrícia Alves Cássia
- 213** SORVETE MÁGICO – (CENTRO)
Carla Azevedo
Daniela Santos
- 233** AS AVENTURAS DE AMÉRICA: UMA BUSCA
INTERPLANETÁRIA PELA LEITURA – (BAIRRO AMÉRICA)
Franciele Vieira
Suelen Souza
- 257** O PNEU QUE GIROU NA CANAL 5 – (AUGUSTO FRANCO)
Dicson Soares dos Prazeres
- 265** ORGANIZADORES, AUTORES E ILUSTRADORES SE
APRESENTAM

APRESENTAÇÃO-AVISO

Atenção! Este livro contém NARRATIVAS
INFANTOJUVENIS SOBRE BAIROS DE ARACAJU!



Ao dobrar a esquina de uma história, os leitores
poderão encontrar fortes expressões culturais
de nossa gente sergipana!

Renata DeCastro
Alberto Roiphe

NARRATIVAS INFANTOJUVENIS SOBRE OS BAIRROS DE ARACAJU: QUANDO ESTUDANTES DE LETRAS SE TORNAM AUTORES



Alberto Roiphe

INTRODUÇÃO

Desenvolvido entre 2018 e 2020, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do Ministério da Educação, vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas, da Universidade Federal de Sergipe – PIBID-Português/DLEV/UFS, o projeto “Narrativas Infantojuvenis sobre os bairros de Aracaju”, por mim coordenado, teve como objetivo incentivar estudantes de Letras a prepararem os seus próprios materiais didáticos, por meio da criação de objetos literários, a fim de organizarem suas aulas de forma estética e, ao mesmo tempo, autônoma.

Dentre esses materiais, o projeto visava inicialmente a construção de narrativas infantojuvenis relacionadas aos bairros da cidade de Aracaju, mas que se estendeu para municípios vizinhos, fazendo com que as tramas valorizassem a cultura sergipana e evidenciassem espaços geográficos, aspectos históricos, variações linguísticas, dentre outros elementos que compõem a nossa formação cultural.

Para registrar tal experiência de formação de professores é que este artigo se apresenta, trazendo relatos de experiências ocorridas durante o processo de criação das narrativas deste livro, narrativas literárias tantas vezes postas, equivocadamente, em lugar sacralizado e inalcançável.

SOBRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO DAS NARRATIVAS

Para a organização do projeto “Narrativas infantojuvenis sobre os bairros de Aracaju”, foram estabelecidas, em primeiro lugar, diretrizes a serem consideradas pelos estudantes de Letras dentre as quais se destacam duas: (1) a realização de pesquisas sobre a história dos bairros da cidade de Aracaju e (2) a produção de narrativas ficcionais voltadas ao público infantojuvenil, considerando-se, para tanto, os elementos estruturais da narrativa, assim como os acontecimentos históricos nos bairros escolhidos para a pesquisa, os acidentes geográficos, os moradores de épocas diversas, para caracterizar a narrativa. Foi a partir dessas duas diretrizes que se desenvolveram as práticas de criação literária durante encontros quinzenais com o grupo de estudantes.

Para o início dos trabalhos relacionados aos bairros, além de se inteirarem sobre a estrutura geral do projeto, os estudantes tiveram acesso ao texto “Construindo um mundo”, da obra *Confissões de um jovem romancista*, no qual Umberto Eco (2018) revela seu processo de criação ou de “gestação literária”, como denomina, mostrando que reunia documentos, visitava lugares, traçava mapas, tomava notas de plantas de prédios, fazia esboços de rostos de personagens, anunciando o fato de estar sempre focado em capturar ideias, imagens e palavras durante a construção de suas histórias.

Dessa forma é que a primeira diretriz do projeto foi proposta aos estudantes, chamando a sua atenção para a importância da pesquisa durante o início do processo efetivo de escrita das narrativas. Foram sugeridos alguns espaços para que os estudantes pudessem realizar suas investigações a respeito da cidade de Aracaju: o Museu do Homem Sergipano, o Memorial de Sergipe, o Centro de Memória Lourival Baptista, o Instituto Tobias Barreto e o Laboratório de imagens Lineu Lins.

Escolhidos os bairros que seriam cenários de suas narrativas e realizados os primeiros levantamentos sobre suas particularidades, foi sugerida também a leitura do texto “O Bairro”, de Pierre Mayol, que integra a obra *A invenção do cotidiano* (CERTEAU et al, 2013), para que, individualmente ou em grupos,

os estudantes começassem a estruturar suas histórias, tendo como indicação, portanto, a segunda diretriz do projeto.

O que suscitou uma série de questionamentos sobre o processo de construção da narrativa foi a leitura da obra *Como narrar uma história*, de Silvia Adela Kohan (2012), dando origem a uma longa discussão sobre itens importantes para o processo de escrita: “motivações para a escrita”, “como dar forma às ideias”, “a importância da pesquisa” e “aprender a observar os acontecimentos do cotidiano”.

No que se referia às motivações para que ocorresse o processo de escrita da narrativa, seguimos a discussão a partir das seguintes questões, já adaptadas ao nosso foco, o bairro:

QUAIS AS MOTIVAÇÕES PARA A ESCRITA?

O que necessita ser contado na sua história?

Você vai optar por contar total ou parcialmente?

Sua história revelará algo? Um mistério? Um segredo?

Quais são as condições para você narrar? Partirá de algo real, de algo pessoal, de algo imaginário? A sua história mesclará tudo isso?

Pergunte a si sobre coisas que chamem a sua atenção – um fato engraçado ou um fato muito pessoal ou uma particularidade da história do bairro que você escolheu... Preste atenção aos acontecimentos que alteram o seu estado de espírito: O que aconteceu? O que você sentiu?

Lembre-se de que todas as ideias são boas. É preciso, entretanto, que você valorize a forma do relato e as formas linguísticas?

Diante da possível “ausência” de ideias, esses questionamentos contribuíram para que os estudantes vislumbrassem possibilidades e, conseqüentemente, começassem a escolher, ainda no plano das ideias, estruturas textuais de uma narrativa, nos questionamentos que se seguiram.

COMO DAR FORMA ÀS IDEIAS NO PROCESSO DE ESCRITA?

Você vai partir do geral para o particular ou do particular para o geral?

Ocorre algo que gera tensão e mudança na sua narrativa?

No que se refere à organização dos fatos, sua história será uma narrativa contínua ou fragmentada?

Lembre-se de que é possível planejar a narrativa até certo ponto e depois criar hipóteses para os desdobramentos, como sugere Gianni Rodari: “o que aconteceria se...”.

Para pensar sobre a estrutura da narrativa, de um fato mais amplo para um fato particular ou de um fato particular para um fato mais amplo, surgiram discussões sobre os pormenores de alguns bairros da cidade de Aracaju, levando-nos novamente a importância da pesquisa para o processo de escrita.

POR QUE A PESQUISA É IMPORTANTE PARA A ESCRITA?

É preciso que você conheça os bairros para descrever minúcias, cheiros, sabores, plantas...

É preciso conhecer os seus personagens em detalhes...

Em que época se passa a sua história? Isso também exige pesquisa?

Quem é o narrador da sua história?

Lembre-se de anotar tudo isso.

Refletir sobre o fato de que a pesquisa é parte do processo de criação da narrativa contribuiu para que os estudantes não tivessem o bairro apenas como pano de fundo para o desenvolvimento da história, um risco que se corre em uma proposta de trabalho como esse. É importante destacar, nesse ponto, que pesquisas históricas sobre os bairros se estenderam para observações sobre o cotidiano dos espaços urbanos, evidenciando “falares”, “placas”, “anúncios” etc.

QUAL O PAPEL DE ACONTECIMENTOS COTIDIANOS NO PROCESSO DE ESCRITA DA NARRATIVA?

Anote notícias sobre o bairro que chamem a sua atenção.

Anote uma palavra significativa que tenha ouvido ao passar pelo bairro.

Anote informações encontradas em notícias sobre o bairro que possam contribuir para a sua história.

Lembre-se de observar imagens do bairro.

Durante o processo, ao mesmo tempo que esses questionamentos eram considerados uma atenção à forma e ao conteúdo a serem desenvolvidos, a leitura de uma seleção de livros de outras narrativas parecia ampliar discussões sobre descobertas de estratégias de escrita e ilustração e, sobretudo, fazer com que surgissem outras ideias.

Uma parte da seleção era composta por livros de imagens, que foram lidos conjuntamente: *Oh!* de Josse Goffin (1992), *Onda*, de Suzy Lee; *Na garupa do meu tio*, de David Merveille (2009), para analisarmos as sequências narrativas. Outra parte da seleção era composta por livros que contribuíram para que pudéssemos analisar o diálogo entre linguagem verbal e linguagem visual: *Pato! Coelho!* de Amy Krouse Rosenthal, com ilustrações de Tom Lichtenheld (2010); *Papai!* de Philippe Corentin; *A rainha das cores*, de Jutta Bauer.

Organizar os fazeres foi sempre uma forma de manter a continuidade das construções narrativas. Para isso, foi planejado um passo a passo, de acordo com adaptações do que sugere Silvia Adela Kohan (2012), em *Como narrar uma história*. Por isso, propusemos modelos para a criação da estrutura da narrativa e de sua sinopse para desenvolvimento futuro, sempre estabelecendo relações com o bairro escolhido.

ESTRUTURA DA NARRATIVA

1) Evidenciar a possibilidade de um acontecimento

Paula quer ser milionária.

2) Enumerar alternativas para a sua realização

Paula trabalha muito.

Paula descobre uma importante fórmula química.

Paula recebe uma herança não esperada.

3) O resultado

Paula viaja para os Estados Unidos.

SINOPSE

Fernando organiza-se para uma viagem ao Chile, não encontra uma passagem de avião que o leve diretamente a esse destino, é forçado a fazer parte do trajeto num barco, vê o jacaré pela primeira vez na vida, fica entusiasmado, entra na selva com um grupo de aventureiros, começa um incêndio e precisam voltar atrás. Fernando fica numa aldeia por alguns dias até que o incêndio seja apagado.

Indicar a preparação de uma estrutura previamente à construção da narrativa, assim como a sua sinopse, ainda que ambas fossem modificadas ao longo do processo, foi um ponto de partida mais seguro para os estudantes, sobretudo porque, uma vez apresentadas as sinopses das narrativas em nossos encontros, a motivação do grupo pareceu aumentar em virtude do conjunto que se vislumbrava.

Tomando conhecimento das narrativas, os personagens passaram a chamar a nossa atenção. Fizemos, portanto, uma oficina para a criação de personagens. Para a realização dessa atividade, ouvimos a canção “Tropicana”, de Alceu Valença e Vicente Barreto, observamos que, na letra da música, a partir do tema “mulher”, os autores, em seu estilo próprio, criam uma estrutura composicional em que aproximam o corpo da personagem ao gosto de diferentes frutas tropicais: “Jaboticaba, teu olhar noturno”; “Beijo travoso de umbu-cajá”; “Pele macia, ai! Carne de caju”, “Saliva doce, doce mel, mel de uruçú”, dentre tantos outros exemplos. Dessa forma, os autores vão desconstruindo e reconstruindo uma musa feita de frutas.

Em seguida, do ponto de vista dialógico, pudemos observar que construções semelhantes às da letra da canção “Tropicana” também ocorrem nas artes visuais. Para tanto, observamos a obra de Giuseppe Arcimboldo que, no século XVI, produziu retratos dos “personagens” vienenses diferentes das formas convencionais daquela época, caracterizando-os por flores, frutos, objetos etc.



“Mola” – A Primavera, 1563 (Figura 1)
Giuseppe Arcimboldo
Óleo, 60 x 50 cm
Museu da Academia Real de São Fernando



O bibliotecário, 1566 (Figura 2)
Giuseppe Arcimboldo
Óleo, 97 x 71 cm
Museu da Academia Real de São Fernando

Nessa apreciação comparativa das obras, foi possível perceber como a estrutura composicional da letra da música “Tropicana”, de Alceu Valença e Vicente Barreto, e das pinturas de Arcimboldo têm algo em comum. Os músicos constroem sua Morena Tropicana com frutas; Arcimboldo também usa de flores e de livros para a construção de seus “personagens”. Foi, portanto, uma oportunidade para questionarmos: Que tipo de efeito essas construções causam na leitura? Observando que, se, por um lado, podemos identificar como elogio as atribuições oferecidas à Morena Tropicana, por outro, podemos perceber elogios, mas também certa ironia, por parte de Arcimboldo, ao retratar personalidades de seu tempo por meio de flores, objetos, frutas, legumes, bichos etc.

Considerando essas associações entre as artes, a proposta destinada aos estudantes (fotografias 1 e 2) foi recortarem coleções de pequenas imagens impressas em algumas revistas: plantas, veículos, alimentos, vidros de perfumes, aparelhos celulares etc e, a partir de tais imagens, realizar uma colagem, assim como faz Arcimboldo, caracterizando uma personagem (Fotografias 3 e 4).



Fotografia 1



Fotografia 2



Fotografia 3



Fotografia 4

Para que esse exercício, relacionando a linguagem verbal e linguagem visual, tivesse continuidade, os estudantes foram convidados a simular a descrição dos personagens, em primeira pessoa, de dentro para fora, mostrando quais seriam suas vontades, seus medos, seus dramas pessoais, seus pensamentos, suas desconfiças, suas dúvidas, ou seja, mostrando sua situação psíquica, suas atitudes, seu nome, suas ações, suas reflexões, suas inquietações, seus desejos, suas carências, suas emoções, seus impulsos, seus hábitos, aprendendo sobre a necessidade da descrição em uma narrativa.

Para que as histórias se estruturassem de modo mais organizado, segundo a demanda dos estudantes, discutimos em outro encontro “a matéria e as circunstâncias”, isto é, os elementos da narrativa e, sobretudo a diferença entre narrar e descrever, tendo como referência para isso a obra de Othon Garcia (2001), Comunicação em prosa moderna.

A MATÉRIA E AS CIRCUNSTÂNCIAS

A matéria da narração é o fato. Tal como o objeto (matéria da descrição), tem igualmente sentido muito amplo: qualquer acontecimento de que o homem participe direta ou indiretamente.

O relato de um episódio, real ou fictício, implica interferência de todos ou de alguns dos seguintes elementos (personagens, fato e circunstâncias):

O quê: o fato, a ação (enredo);

Quem: personagens (protagonista(s) e antagonista(s));

Como: o modo como se desenrolou o fato ou ação;

Quando: a época, o momento em que ocorreu o fato;

Onde: o lugar da ocorrência;

Porquê: a causa, razão ou motivo;

Por isso: resultado ou consequência.

Lembre-se: Nem sempre todos esses elementos estão presentes, salvo quem e o quê, sem os quais não há narração.

(adaptado de GARCIA, 2001, p. 254-255, grifos do autor)

Durante o processo de criação, outras seleções de livros contribuíram para que os estudantes observassem esses elementos presentes em narrativas (também as poéticas) o diálogo, sempre presente, entre linguagem verbal e linguagem visual.

Por esse motivo, lemos juntos obras como: *Ou isto ou aquilo.*, de Cecília Meireles (s.d.), como ilustrações de Maria Bonomi; *Bili com limão verde na mão*, de Décio Pignatari (2008), com ilustrações de Daniel Bueno; *O nascimento do dragão.*, de Wang Fei e Marie Sellier (2010) com ilustrações de Catherine Louis e carimbos também de Wang Fei, entre outros.

“Um roteiro” que ainda contribuiu para a escrita foi a já citada obra *Como narrar uma história*, de Silvia Adela Kohan (2012), para evidenciar outras possibilidades a serem pensadas para a criação da narrativa, incluindo “hipóteses” relacionadas ao avanço ou ao retrocesso na estrutura.

UM ROTEIRO ÚTIL

A narrativa tem sempre que mostrar um “avanço” dos fatos ou também pode mostrar um “retrocesso”, uma volta ao passado?

QUANDO SE PENSA NO ‘AVANÇO, SURGEM ALGUMAS HIPÓTESES:

- o cumprimento de uma missão;
- a ajuda de aliados;
- a eliminação de um adversário;
- a negociação;
- o ataque;
- a satisfação (castigo, vingança ou recompensa).

QUANDO SE PENSA EM RETROCESSO, SURGEM OUTRAS HIPÓTESES:

- o tropeço (erro, falha, crime);
- a criação de um dever;
- o sacrifício;
- o ataque sofrido;
- o castigo recebido.

Lembre-se de que os itens acima podem ser incrementados, observando onde cabe cada um deles na história, de forma a garantir unidade e coerência para convencer o leitor. Para ter certeza disso, tente sempre responder às seguintes questões:

Os parágrafos se enlaçam uns com os outros?

Há alguma informação repetida sem necessidade ao longo da narrativa?

Foi, então, que partimos, efetivamente, para as etapas de construção da narrativa, divididas em quatro partes, de acordo com a estrutura tradicional do conto, contendo (1) “exposição”, (2) “complicação”, (3) “clímax” e (4) “desfecho”, a serem entregues em encontros consecutivos, seguindo o cronograma previamente acordado entre nós.

Embora fosse possível, por parte dos estudantes, determinar diferentes organizações narrativas, as quatro etapas foram seguidas e, a partir de seus textos, foram sugeridos novos rumos às tramas, a fim de que houvesse a valorização de alguns acontecimentos, a decisão sobre elementos que

garantissem coerência à história, a ênfase na descrição de personagens, de objetos e de espaços, tudo em virtude dos melhores procedimentos para a produção dos sentidos intencionados às narrativas.

Os resultados preliminares exigiram a elaboração de ilustrações (1 e 2), principalmente para apresentação em evento produzido pela coordenação central do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Sergipe – PIBID/UFS.



Ilustração 1



Ilustração 2

A movimentação dos estudantes para a apresentação de seus trabalhos no evento fez com que tivessem a ideia do conjunto de narrativas, de seus títulos, de suas ilustrações, de seus fatos relevantes, entre outras características, até então, somente descritas em nossos encontros.

Tomar conhecimento do conjunto de narrativas parece ter incentivado os estudantes aos desafios da finalização do projeto, fosse para procederem alterações que sugerissem motivações a seus futuros leitores, devido às reações que observavam durante a apresentação dos trabalhos de seus colegas, fosse para aliar a linguagem verbal das narrativas voltadas para crianças da Educação Básica à linguagem visual das ilustrações, contribuindo para a sua formação estética.

AS NARRATIVAS INFANTOJUVENIS SOBRE OS BAIRROS DE ARACAJU

Toda essa experiência deu origem às histórias, cujas sinopses se reúnem a seguir, observando-se, em relevo, os seus títulos e os bairros onde ocorrem.

AS AVENTURAS DO CLUBE DO CAJU: O FAROL, de autoria de Edna Ferreira dos Santos, Emily Maria dos Santos e Ruth Evely dos Santos, conta a história de um grupo de garotos que, ao observarem a reforma pela qual um farol da cidade passou, logo após um terrível incêndio, se deparam com o Faroleiro, um senhor que levou uma nova e segura fonte de luz para o bairro da **FAROLÂNDIA**. Essa fonte, que podia ser vista de longe pelos marinheiros, passou a chamar a atenção de todos os moradores da região. Porém, nem todos ficaram encantados com a novidade do mestre dos faróis. Mas quem? As desconfiadas crianças do Clube do Caju que, lideradas pelo curioso Nelito, resolvem investigar. Levados pela curiosidade do líder, elas embarcam em uma grande aventura.

O QUE HÁ ALÉM DOS MUROS, de Yonara Maltas, é a história de Dile, um personagem que está cansado de conhecer o mundo apenas a partir da visão que tem da sua casa no bairro **INÁCIO BARBOSA** e das leituras dos livros que ouve de Marilu, decide sair e explorar o mundo a partir de outras perspectivas. O que Dile não esperava, entretanto, era não conseguir encontrar o caminho de volta.

A narrativa **CIRURGIA!?!?**, de Deyvison Moreira Santos e Thalita Síntique dos Santos conta a história de Pedro, um menino agitado e curioso que costumava passar as férias escolares na casa de sua avó Tereza. Todas as noites, na volta do trabalho, sua mãe, Sílvia, passava para buscá-lo. Uma noite, porém, Pedro ouviu sua mãe em uma ligação que o deixava intrigado. Ela falava sobre cirurgia. Mas, sem entender o restante da conversa, o menino fica apavorado com tão assustadora palavra junto à informação de que as suas férias agora serão diferentes, já que ele irá para a casa de sua tia na capital, Aracaju.

Em **MEMÓRIAS DO ROZA**, de José Regivaldo Vieira Santana, Maria Poliana Santos Dias e Nana Vitória de Carvalho Menezes, é contada a história

de Curió, o pássaro que irá mexer com Luiz e despertar nele um grande amor pela natureza. Luiz, um menino muito travesso, típico da sua idade e cheio de determinação e saúde como toda criança, brincava, sorria e também estudava. Pequeno aventureiro que usava suas “artes” como suporte para caça. Caça? Isso mesmo. Ele tinha um primo chamado Antônio, o qual participava de forma íntegra do seu dia a dia, como caçadores. Só que essa busca por algo, usando a caça como ferramenta, é interrompida!? Passavam a maior parte do tempo no bairro **ROSA ELZE**, onde morava sua tia Ana, bem próximo ao Colégio de Aplicação, no qual estudavam também com suas primas Helena e Maria o 8º ano do ensino fundamental. A infância dessas crianças foi repleta de coisas boas nas quais deixaram grandes aprendizagens para eles. Por isso, Antônio irá contar como foram todas essas aventuras com seus primos.

Na narrativa **ONDE MORA A SAUDADE?** de autoria de Glaucilane Santos da Silva, Larissa Ramos de Brito e Larissa Santos Calazans, o que está em evidência é o antigo bairro Aribé, atual **SIQUEIRA CAMPOS**, local onde moravam Heitor e Laura. Os dois eram amigos inseparáveis e estudavam na mesma escola. Por motivos de trabalho do pai de Heitor, que foi transferido para outro estado, eles se separam. Mas, para não perderem contato, começam a se comunicar por meio de cartas até que algo surpreendente aconteceu... A história é narrada por Laura que vai revelando as transformações ocorridas em suas vidas e no bairro que passaram a infância.

Na narrativa **O VELHO DAS CAJARANAS**, de Wesley Cleiton Aquino Almeida, é relatada a história de Alice, uma menina que, inconformada com um seco “– Não” do Senhor José, entrou em um sítio para pegar uma cajarana. O local era muito conhecido pelos vizinhos, afinal, todas as noites coisas estranhas aconteciam por aquelas bandas. Alice, uma adolescente de 14 anos, que era novata no bairro **COQUEIRAL**, não sabia o porquê as mulheres da região não podiam comer a canjarana e sempre se questionava se nos outros bairros também era assim. Aquela menina transgressora desejava comer a fruta, pois os seus amigos, o Matheus e o Lucas, comeram e disseram que ela era gostosa. Mas, ao pular o muro, Alice viu o inesperado: todas as canjaranas estavam esmagadas no chão e o velho José se transformava num bicho estranho.

O conto **NA ONDA DE INARA**, de Carla Lauane Couto Freitas, relata a história de quatro amigos que decidem ir à praia da Orla da **ATALAIA** na madrugada de 11 de novembro. Adolescentes por sua vez, inconsequentes, decidem entrar no mar, exceto Bia, que por ser cautelosa demais, opta por ficar à beira da água apreciando a dimensão do incrível céu que brilhava aquela noite. Os três outros entram na água, de repente algo estranho acontece. Grito, desespero e agonia é o que resta para Inara, João e Heloísa.

DIVERSÃO DA CRIANÇA é uma narrativa de Saádia Patrícia Alves Cássia direcionada a pais, educadores e crianças para contribuir metaforicamente para o processo de amadurecimento de sua inteligência emocional e física. Na narrativa é retratado um ambiente tranquilo e bem frequentado da cidade de Aracaju, a Praça Missionária Zilda Arns. Nessa praça, localizada no bairro **JARDINS**, é que as crianças, enquanto brincam e se divertem, começam a tomar suas primeiras decisões e a tentar equilibrar suas emoções.

No conto **O TESOURO QUE BRILHAVA A MIL MILHAS DAQUI**, de Rozana Silva da Cunha Santos e Hivanilda Silva dos Santos, Pedro é descrito como um garoto sonhador e aventureiro. Certo dia ele conhece Akaiu, um papagaio inteligente e diferente de qualquer outro de sua espécie, e juntos saem em busca de uma grande aventura na calorosa e encantadora **ATALAIA**. Após a chegada de uma embarcação misteriosa, os amigos acabam encontrando um mapa mágico, vivem diversas aventuras em busca do tesouro que mudaria, à época, a vida de todos os moradores daquela tranquila colônia de pescadores. O que será que havia na misteriosa embarcação? Será que os amigos encontraram o tesouro?

SORVETE MÁGICO, de Carla Azevedo e Daniela Santos, conta que, na década de 1950, dona Yara possuía um estabelecimento de grande sucesso no **CENTRO** da capital e palco de momentos importantes da história, além de ser o ponto de encontro da juventude da época. A sorveteria Yara tinha uma arquitetura inspirada nos cafés europeus e obteve destaque por sua localização privilegiada. Com os avanços no processo de urbanização e comércio da área, o público tornou-se escasso, sempre buscando novas opções para o lazer que eram cada vez mais variadas. E, aos poucos, imersa em dívidas que o aluguel e outras pendências lhe custavam, fora obrigada a deixar o lugar. Quase sessenta

anos após o local ser demolido e transformado em uma área livre e arborizada entre os atuais prédios da Câmara dos Vereadores e da Procuradoria Geral do Estado, sua filha Cacau descobre um meio de reviver os tempos de ouro que tanto ouvira dona Yara narrar e embarca em uma aventura misteriosa e saborosa ao lado de seus amigos em busca de descobrir o segredo que faria da reabertura da sorveteria que marcou a grande Aracaju e a pessoa mais mágica da sua vida novamente um doce sucesso!

Em **AS AVENTURAS DE AMÉRICA: UMA BUSCA INTERPLANETÁRIA PELA LEITURA**, de Franciele Vieira e Suelen Souza, é narrada a história de América, uma flowergirl vinda de Marte há anos luz de distância da Terra, que tem a missão de formar a maior quantidade de leitores numa comunidade em um bairro **[AMÉRICA]** da cidade de Aracaju, porém grandes desafios foram colocados em seu caminho. Entre os desafios enfrentados por América, um deles é a Trix, nascida no planeta Internet, que foi mandada à Terra para tornar o planeta habitável ao seu povo, uma figura muito arisca e que domina o mundo tecnológico, está disposta a pôr um fim na carreira de heroína de sua inimiga, usando todas as artimanhas de uma tecnologia avançada capaz de destruir o mundo da leitura. As Aventuras de América e seu grande desafio de expandir a leitura serão motivos de grandes batalhas entre sociedade, super vilões e a era digital tecnológica. Mas será que a tecnologia e a leitura podem andar juntas?

Para encerrar a coletânea, contamos com a colaboração do professor e escritor Dicson Soares dos Prazeres, convidado a publicar o seu conto **O PNEU QUE GIROU NA CANAL 5**, narrativa que conta a aventura de uma turma de amigos no bairro **AUGUSTO FRANCO**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta a produção das narrativas, os próximos passos estavam relacionados ao desenvolvimento do trabalho de formação de leitores, em práticas a serem avaliadas pelos professores supervisores do projeto nas escolas públicas envolvidas. No entanto, tais práticas não foram possíveis de se realizar com todos os grupos de estudantes, em virtude de alterações que ocorrem em todo projeto.

Ainda assim, as avaliações de todo o processo poderiam nos levar a uma série de questões de pesquisa: Como as tramas foram construídas? De que maneira os elementos da narrativa foram considerados? Houve influências teóricas para a realização das práticas? Em que medida a leitura de obras infantojuvenis durante o processo foi importante para a construção das histórias? Como relacionar o trabalho sobre língua portuguesa e literatura a partir dos materiais construídos no projeto? Todas elas, perguntas para outras ocasiões.

Afinal, este artigo tem outro intuito, o intuito de se caracterizar como uma apresentação das narrativas, direcionada a pais, educadores, artistas e outros formadores de crianças e adolescentes, para mostrar a importância das narrativas construídas para a valorização da cultura sergipana no âmbito familiar e no âmbito escolar, evidenciando, portanto, espaços geográficos, aspectos históricos, variações linguísticas, dentre outros elementos que compõem a nossa formação cultural.

REFERÊNCIAS

CORENTIN, Philippe. Papai! Tradução de Cássia Silveira. Ilustrações de Philippe Corentin. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ECO, Umberto. Confissões de um jovem romancista. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2018.

FEI, Wang; SELLIER, Marie; LOUIS, Catherine. O nascimento do dragão. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Ilustrações de Catherine Louis. Carimbos de Wang Fei.

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 20ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 254-255.

GIRARDET, Sylvie. SALAS, Nestor. Os quadros divertidos de Arcimboldo. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GOFFIN, Josse. Oh! São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KOHAN, Silvia Adela. Como narrar uma história: da imaginação à escrita – todos os passos para transformar uma ideia num romance ou num conto. Tradução de Gabriel Perissé. Belo Horizonte: Gutenberg, 2012.

LEE, Suzy. Onda. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MEIRELES, Cecília. Ou isto ou aquilo. Ilustrações de Maria Bonomi. São Paulo: Editora Giroglé, s.d.

MERVEILLE, David. Na garupa do meu tio. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

PIGNATARI, Décio. Bili com limão verde na mão. Ilustrações de Daniel Bueno. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ROSENTHAL, Amy krouse. Pato! Coelho! Tradução de Cassiano Elek Machado. Ilustrações de Tom Lichtenheld. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

AS AVENTURAS DO CLUBE DO CAJU

O FAROL

EDNA FERREIRA DOS SANTOS
EMILY MARIA DOS SANTOS
RUTH EVELY DOS SANTOS

As Aventuras do Clube do Caju: O Farol

Edna Ferreira

Emily Maria

Ruth Evely



As Aventuras do Clube do Caju: O Farol.

Há muito tempo, o farol localizado onde hoje é conhecido como Farolândia, já foi a casa e o local de trabalho de Seu Arnaldo. Naquela época, ele não tinha vizinhos e não permitia a aproximação de pessoas não autorizadas no local. Por medo de que a população destruísse o novo e resistente farol reconstruído com ferro vindo diretamente da França, após um terrível incêndio. Ele sempre ficava de vigília para espantar os curiosos.

Sabendo disso, os adultos evitavam ir para lá, pois não queriam incomodar o zeloso senhor, ou seu Arnaldo. E se aproveitavam da fama de carrancudo do Faroleiro para pôr medo nas crianças rebeldes.

Em uma bela tarde de domingo, as crianças do bairro mais próximo do Farol, se reuniram em uma casinha de madeira de quintal batizada de Clube do Caju, e comandadas por Nelito, um menino magrelo de cabelo cacheado que é conhecido no bairro por ser o mais danado de todos os meninos, planejavam sua próxima aventura, que naturalmente envolvia desafiar o tão temido seu Arnaldo, ao brincarem nas proximidades do farol.

— Quem topá no farol, é o novo líder do Clube do Caju. – Disse Nelito, em tom desafiador para os seus colegas do clube.

— Tá maluco?! Se o Falor...farolero nos pegar, ele vai jogar todo mundo num carderão e cumê! – Falou João, morrendo de medo.

— Isso é só conversa seu bobão, é só pra tacar medo! – Retrucou Jonas, o mais velho do grupo e o mais gordinho depois de uma breve pausa para espreitar o quintal pela janela disse: — Se tá cum medinho, seja o juiz.

Seguiu-se uma pequena discussão até que ficou decidido, que João seria o juiz daquela competição. E então, todos saíram da sede do clube e foram para perto do farol, escondidos por entre as árvores eles olhavam atentos ao redor, buscando ver o velhote. Minutos se passaram e nada do homem aparecer. O deixou a criançada contente.

João, por sua vez, começou a colocar seus amigos em uma fileira, ombro a ombro e depois, ele subiu em uma parte mais elevada do terreno, encheu os pulmões de ar, estufando ainda mais o peito e então falou, o seguinte.

— Em suas marcas...preparar...um, dois, três e...

— SAIAM DAQUI SEUS MOLEQUES!!!

Gritou o Faroleiro, interrompendo a contagem e indo em direção aos garotos enquanto segurava um cacete de madeira na mão, pondo todos para correr em várias direções.

Na correria, Nelito se escondeu atrás de uma árvore e viu o seu Arnaldo passar correndo atrás dos outros meninos. Ele pensou em fugir por outro caminho, mas antes precisava fazer uma coisa. Em questão de segundos ele estava indo para perto do farol, com todo cuidado, na pontinha dos pés, até que seus dedinhos magros tocaram a estrutura de ferro.

— Ah... Venci. – Sussurrou, comemorando a vitória da aposta – Ah poxa...ninguém tá aqui pra ver.

Pensou consigo e ficou ali parado, ouvindo os gritos dos seus amigos fugindo do Faroleiro e os berros do velhote espantando a molecada. Respirou fundo, pronto para correr e fugir dali. Porém, uma luz estranha chamou a sua atenção.

— O que foi isso? – Perguntou assustado, com a cabeça erguida para céu.

O sol já estava sumindo para dar vez à noite, e a luz brilhou novamente no alto do farol. Nelito, curioso, foi subindo rapidamente os degraus da escada, até chegar em um ambiente completamente iluminado.

Ele mal conseguiu enxergar então cobriu os olhos com as mãos para se proteger. Aos poucos a luz foi ficando mais fraca, pôde olhar diretamente para de onde vinha aquele brilho. O menino viu uma gaiola, dessas de colocar passarinho, mas dentro dela estava uma coisinha amarela luminosa.

— Oxe... que passarinho estranho é esse?! – Perguntou surpreso e intrigado com sua recém descoberta, com o rosto colado nas grades da gaiola.

— Eu não sou um passarinho! – Respondeu o ponto brilhante, em tom de irritação.

— Ah! – Gritou assustado o menino, estremeceu de medo, mas não saiu do lugar. Engoliu em seco e então perguntou : — Então é o que se num for passarinho?

Ouviu-se uma curta risada, e brilho da criatura diminuiu. Nelito viu a forma daquilo que estava preso dentro da gaiola e ficou de boca aberta.

— Uma Estrela. Daquelas que ficam lá no céu. – Respondeu a Estrela calmamente e depois sorriu.

— Oh...eu tô no céu?

Quando ouviu essa pergunta inocente a Estrela soltou uma gargalhada.

— Não, ainda estamos no farol.– Respondeu ela gentilmente.

— Tá fazendo o quê aqui? - Perguntou Nelito, cheio de curiosidade.

Eu estou presa como pode ver... Aquele homem malvado me acertou com uma pedrinha mágica, eu caí do céu e então ele me pegou e prendeu aqui. Eu quero voltar para minha casa, me sinto tão sozinha aqui. – A Estrela esclareceu, e lembrar os acontecimentos daquela noite lhe deixou triste. E então olhou para o menino e perguntou: – Você pode me ajudar?

Nelito ficou em silêncio, e isso lhe permitiu ouvir a voz de alguém lhe chamando. Era a voz de Jonas, ao pé da escada chamando pelo seu amigo.

— Nelito! Desce daí, Nelito! Vamo embora!! – Gritava Jonas para o alto, ele estava desesperado.

— Vou voltar pra te ajudar dona Estrela ou não me chamo Nelito! – Ele disse determinado para a Estrela e em seguida começou a descer a escada apressadamente.

Jonas e Nelito saíram do farol segundos antes do Faroleiro chegar. Naquela noite, longe do perigo do farol. Eles se reuniram na sede do clube, no quintal da casa de Nelito, este por sua vez contou para seus colegas tudo o que viu, e juntos, eles começaram a pensar em um plano para libertar a Estrela do Farol.

— Já sei! Vamo chamar a puliça. – Disse João depois de estalar dos dedos.

— Tô doido é?! – Disse Valentina, a única menina do clube, brava como uma mãe que pega criança fazendo travessura. — Nunca que vão acreditar que aquele cara de calango é malvado!

Ela não participou da corrida naquele dia, pois tinha catecismo na igreja do bairro Santo Antônio que era muito longe dali.

— Calma, gente! Eu tenho um plano! – Gritou Nelito, chamando a atenção de todos. Então, explicou o plano.

— Destá que vamo acudir essa tal estrela, eu tô doido mesmo é pra abjudar ela de perto - disse Jonas animado quando o plano tinha sido contado.

— Hum...tomara que dê certo. - disse Valentina e fez bico.



Depois que todo mundo foi embora, Nelito entrou em casa agoniado, a vontade de contar o que tinha visto à família era tão grande que ele rejeitou até o cuscuz com leite que tanto amava. Contou tudo aos pais e a seu irmão mais velho, Manoel, que ouvia tudo com atenção. Seus pais, assim como sua amiga havia previsto, não acreditaram na história. – Esse menino tá é abilolado – dizia seu pai sentado à mesa. Deixa, homem, deixa que criança tem essa mania de inventar história Manoel na idade dele era igualzinho - disse a mãe. Nessa noite Nelito não dormiu logo, passou horas olhando para o céu até conseguir pegar no sono. No dia seguinte, na reunião do clube do caju, a decepção não era novidade. Nenhuma das crianças conseguiu convencer os adultos de casa do mal que o Faroleiro havia feito.

— E o plano B, Nelito? – Disse Valentina

— Ora... Simples, vamo voltá lá e libertá a estrela, todo mundo! – Respondeu Nelito

Ninguém sabia muito bem como enfrentar o Faroleiro, mas a curiosidade era maior e todos aceitaram ir até lá mais uma vez. O seu Arnaldo descansava na sua cadeira onde dava pra ver de longe quem se aproximava. Antes mesmo das crianças chegarem perto do farol, foram surpreendidas pelo velho que logo gritou

—Saíam daqui, seus fio da peste!

— A gente sabe do o seu segredo, e viemo pedir que o sinhô solte a estrela! – Gritou Nelito em resposta, segurou seu badogue e apontou para o faroleiro, que soltou uma gargalhada rouca.

Nesse momento João já tava de perna bamba, e Jonas começava a tremer também. Vamos embora, Nelito, disse ele. Nesse momento todos ouviram um choro rouco junto com um pedido de ajuda, era a Estrela.

— Só saio daqui cum a estrela - Disse Nelito encarando o Faroleiro com toda sua coragem.

— Ora, seus fio de uma égua, saíam daqui agora! - Berrou o Faroleiro.

O velhote carrancudo se aproximou dos pirralhos, pegou badogue das mãos de Nelito e jogou para longe, depois com um puxão torceu as orelhas dele e de João. Jonas, mais alto e mais ágil só pensou em correr e pedir ajuda, mas desistiu da ideia quando ouviu um “tec”.

Valentina acertou o velho com uma pedrinha que havia lançado pelo badogue que o Faroleiro tinha jogado, mas ela rapidamente o pegou do chão. Arnaldo soltou um gemido quando foi atingido, largou as orelhas dos meninos e colocou as mãos no rosto.

— Toma essa, seu cara de calango! – Disse a menina, correndo depois. Nelito puxou João e Jonas pelo braço e os ajudou a correr dali.

Ao final do dia, ainda assustados no quintal de Nelito, onde seu pai havia construído uma sede de madeira para o clube do caju, foram surpreendidos por todos os pais dos integrantes. Os adultos haviam sido informados pelo Faroleiro sobre o que aconteceu no Farol mais cedo. O decreto foi geral, Todos de castigo! Por um mês! Por importunar e machucar um pobre velho que só teria feito o bem para o bairro durante anos cuidando do farol.

Na semana seguinte, só se falava na festa dos homenageados da cidade, onde todos aqueles que fizeram benfeitorias para o seu bairro, iria receber uma medalha e o reconhecimento de todos. E no bairro dos meninos o escolhido foi... O Faroleiro pela sua moderna luz brilhante do Farol.

Nelito não andava muito feliz, respeitando o castigo e longe dos amigos e ainda pensando na pobre estrela sofrendo pela vaidade do terrível Faroleiro. E mais essa! Homenagear aquele bexiguento! Reclamou o pivete na mesa do jantar. Mais respeito! Disse o pai. Amanhã você também está proibido de ir à festa dos homenageados, o castigo ainda não acabou! E vá para o quarto!

Nelito não queria ir nessa festa, mas teve um plano. Um plano infalível. O plano C! E precisava com urgência contar para o clube do Caju, mas para isso precisaria de ajuda. Nesse momento ele olhou para cama ao lado, e viu Manoel quieto e lendo.

— O que foi? – Perguntou Manoel sem tirar os olhos das letras.

— Me ajuda! Por favor. – Implorou Nelito ele sabia que poderia contar com o irmão.

Manoel olhou para o irmão e sorriu, era tão danado quanto ele.

O dia da grande festa chegou, na hora marcada todos se reuniram na praça do bairro. Tudo estava bem lindo e arrumado, tinha muitas comidas e gente arrumada. O faroleiro conversava animado com o povo, rindo com as piadas que lhe contavam. Era seu Arnaldo aqui, seu Arnaldo acolá...

Tinha gente vindo dos bairros vizinhos, era uma movimentação de carro e carroças, ninguém reparou em um homem de chapelão, todo encolhido que conduziu uma carroça para fora do bairro. Na verdade, não era homem nenhum, era um jovem de 15 anos, de cachinhos dourados chamado Manoel.

Quando se afastou o suficiente da festa, o jovem começou a ouvir as reclamações da molecada escondida no carregamento e rapidamente Valentina tirou o manto marrom que escondia eles, e o cheiro podre chegou no nariz do condutor da carroça.

— Mas... tão cagano aí dentro ? - Reclamou Manoel, tapando o nariz uma mão.

— Eu tô neuvoso - diz baixinho, João todo encolhido no canto da carroça enquanto seus companheiros abanavam o fedor do pum com as mãos.

Poucos minutos depois eles chegaram perto do farol. Desceram em um pulo da carroça, menos Jonas que ficou segurando as rédeas da égua chamada Estelita, debaixo do último poste da estrada enquanto o grupo se preparava para invadir o local, pegando seus estilingues.

Manoel ia na frente segurando uma lamparina de querosene, iluminando o caminho até chegar na casinha do faroleiro. Eles ficaram surpresos pois a porta já estava aberta. Entraram sem fazer barulho, Manoel foi o último a entrar, fechando a porta da casinha assim que passou por ela. E quando se virou para iluminar a garotada com a luz de sua lamparina notou que eles estavam parados e um cachorro estava rosnando bem na frente deles.

— Ai meleca... - Manoel disse em voz baixa.

O cachorro latiu, mas para todos parecia mais uma contagem regressiva em forma de latido.

— Eu...tenho um novo plano... - Diz Nelito um pouco trêmulo, com medo do cachorro enorme e assustador. - CORRE !

Assim que Nelito gritou, todos gritaram e correram do cão raivoso. Correram em círculos até acharem uma saída, e quando todos subiram em cima da mesinha do faroleiro foram encurralados pelo cachorro.

— Pra trás criatura! - Berrou Manoel, e ameaçou jogar a lamparina no cachorro que se aproximava deles espumando de raiva.

— A gente vai morrer! - Choraminguou João, escondeu-se atrás de Valentina. E então um barulho como se fosse um trovão é ouvido por todos e imediatamente o fedor se espalhou pelo local.

AAHH João! Isso lá é hora de soltar pufa ?!- Reclamou Valentina e os outros meninos reclamaram também.

O peido do João era tão fedorento que fez com que o cachorro, cujo focinho é muito sensível, desmaiasse. Ao ver aquele monte de pelo branco desacordado no chão, a molecada berrou de alegria erguendo os braços do João como se ele tivesse vencido uma grande luta.

Num instante eles chegaram na lanterna do Farol, onde a estrela estava presa. Manoel que só acreditava nas palavras do irmão e os outros meninos, puderam ver de perto a estrela que Nelito tanto falava.

— Uau – disseram todos ao mesmo tempo

— Viemo soltar você - Disse o líder do clube para a Estrela, tentando abrir a portinha da gaiola para estrela sair. – Hum... não tá abrindo...

— Aquele homem de cabelo branco, ele está com a chave, sempre anda com ela. – A Estrela disse ainda mais triste que dá última vez. - Vocês são corajosos, mas não vão conseguir me libertar sem a chave.

A Estrela começou a chorar, levando todo mundo também a chorar, menos Manoel que engoliu o choro. Ele entregou a lamparina para Valentina, se aproximou da gaiola e a pegou nos braços.

— Pessoal... acho que tá na hora de irmos para festa. – Disse Manoel sorrindo, levando as crianças a secaram as lágrimas e seguiram-no.

A luz do farol então se apagou. O clube do caju voltou à carroça estacionada. Não precisaram mais da lamparina para iluminar o caminho pois tinham a Estrela e quando subiram no veículo, ouviram o latido do cão raivoso.

— Essa não, vamo, vamo, vamo!! — Grita Nelito todo agoniado.

Manoel tomou as rédeas e começou a fazer com que a Estelita cavalgasse mais depressa pois o cachorro todo branco que nem fantasma vinha logo atrás.

Na festa, todos estavam prestando atenção no seu Arnaldo. Ele estava no palco de madeira, montado especialmente para que todo o pessoal possa vê-lo recebendo a medalha dos homenageados. No momento em que o velho Faroleiro se aproximou do microfone para agradecer as honras o furdunço começou.

Uma luz estranhamente forte surgiu no fim da rua, depois da luz ouviu-se gritos e latidos. Demorou um pouco até os olhos do povo se acostumar com a luz e perceber a garotada apavorada na carroça.

Nisso todo mundo começou a gritar agoniado, a sair da frente da carroça adoidada. O cachorro foi controlado quando seu Josias, o vaqueiro deu um laço e pegou o cachorro como se fosse um gado fujão. E a carroça só parou quando chegou em frente ao palco, do Faroleiro e ao redor do povo paralisado de medo.

— Peguem esses moleques! – Berrou enraivecido o Faroleiro se recuperando do susto.

O povo já ia avançar sobre os meninos, mas Manoel ergueu a gaiola e exibiu a estrela para o todos. E o povo abriu a boca bastante surpreso. Se ouvia “OOhh...” por todo o evento.

— Nelito disse a verdade, todo esse tempo. — Diz a Estrela para o povo, o que causou ainda mais espanto. — O Faroleiro me caçou que nem um passarinho. Me acertou com uma arma e me prendeu nessa gaiola...

A verdade foi exposta, o seu Arnaldo quis correr dali, mas não conseguiu pois foi segurado pelos pais de João e de Valentina.

— Fiz isso para o bem da população! — Gritou o Faroleiro em desfesa — É uma energia econômica, pensem em ter umas suas casas!! Não seria magnífico?

— Isso é do mal, se todo mundo tiver uma estrela, não vai ter nenhuma pro céu. A lua vai ficar sozinha! — Respondeu Nelito, descendo da carroça e indo até o velho malvado.

Pisou em algo que o faroleiro acabou deixando cair. Um saquinho bem bonitinho, de cor azul. O Faroleiro tentou se livrar das mãos que o seguravam, mas foi em vão. O moleque pegou o saquinho e abriu para ver o que tinha dentro. Viu que dentro tinha bolinhas de uma cor prata bem brilhante e dentre as bolinhas, pensou que uma dessas pedrinhas foi a que derrubou a estrela do céu, quase fechou o saquinho de novo mas não o fez quando percebeu uma coisa dourada, que era a chave da gaiola.



Valentina! – Nelito a chamou e jogou a chave para esta, que a pegou no ar. Em seguida, astuta como sempre, a menina e vestidinho amarelo abriu a portinha da gaiola e assim libertou a estrela, que finalmente ficou livre.

Anos depois, crianças olhavam para cima, para a lanterna do farol, que agora é cercado por prédios, universidades e outros estabelecimentos.

Uma mulher alta de cabelo preto e pele bronzada falava e gesticulava de costas para o farol.

— Desde aquele dia, ninguém nunca mais ouviu falar do Faroleiro.

O farol ficou abandonado por muito tempo, quase caindo aos pedaços, bem diferente de como a gente está vendo hoje. Até fizeram outro na Coroa do Meio, mas este não tem estrelas presas e nem o espírito do Faroleiro malvado uhuhuhu... – A professora Joice imitou um fantasma, tentou assustar as crianças mas elas apenas rira m, nenhum pouco assustadas.

Era um fim de tarde e acabado o passeio pelas redondezas da Farolândia as crianças retornaram para a van escolar. Antes de fechar a porta do veículo atrás de si, Joice tocou o pingente de chave que o colar de prata envolta do pescoço tinha, era um presente de sua bisavó Val. Já dentro do transporte, colocou o cinto de segurança, olhou para cima, para lanterna apagada do Farol e sorriu.

Fim

O que há além dos muros?



Yonara Sousa Maltas
Ilustração: Ricardo Costa

Realizando um sonho

Marilu estava mais inquieta do que o normal naquela tarde, não parava de falar. Estava ansiosa com um evento que aconteceria na universidade, um seminário sobre uma das suas autoras favoritas: Cecília Meireles ou Clarice Lispector, não me recordo bem.

Uma das coisas de que eu mais gosto, é quando estou ao pé de sua cama e ela lê. Não é uma leitura silenciosa, ela lê em voz alta, é como se lê-se realmente para mim... eu fico quieto, ouvindo atentamente cada palavra. Às vezes eu fecho os olhos, confesso! Mas, nada que tire a minha concentração para cada palavra dita com maior cuidado na entonação.

Já perdi as contas de quantos livros e histórias Marilu já leu e contou para mim... Fico sempre a imaginar o que há além dos muros, além das janelas...

Minha vida é reclusa, nunca saí desta casa senão para ver o médico ou, uma vez ainda mais rara, para ver algum parente velho. Mas, eu já decidi! Quase como aquelas promessas de final do ano, de que um dia, o mais breve possível, sairei por aquela porta, atravessarei esse jardim, e cruzarei o portão... Desbravarei o mundo! Ainda que por um dia..., porém, não pretendo sair para não mais voltar. Será uma saída breve. Apenas para conhecer aquilo que Marilu me faz tanto imaginar.

Terá que ser uma saída cautelosa e sorrateira: sair sem ela perceber e voltar sem que ela perceba minha ausência. Assim, não a deixarei preocupada e nem deixarei de ter realizado o meu desejo. Agora confesso para você que este dia está perto, ela anda tão distraída, com a cabeça nas nuvens, que nem perceberá quando eu sair junto a ela quando ela for para a universidade. Será amanhã, sem falta! Já me fiz esta promessa.

Amanheceu!

Ela até que aparenta estar mais calma, e eu? Ao contrário estou tão nervoso, que é capaz de Marilu perceber que algo está errado e querer me levar ao veterinário e perder, inclusive o seu seminário.

Tenho que manter a calma!

Vou deitar aqui na poltrona e fingir que não há nada acontecendo, não sei como farei isso. Meu coração acelera, minha mente está a mil... Ela, ao contrário, está apenas revendo alguns livros e escolhendo a roupa, como num dia em que não há nada de especial. Nem parece a Marilu de um mês atrás, ou mesmo a de ontem: tagarela e ansiosa.

Está chegando a hora!

Ela me faz um cafunê, pega as chaves do carro e se dirige à porta. Tenho que me apressar e ser discreto, ela não pode notar minha presença, nem muito menos a minha intenção. Motivos eu nunca lhe dei para desconfiar, nunca saí desta casa sem ser com sua autorização, como companhia ou de forma voluntária, mesmo que fosse para tomar injeção! Agora estou aqui, fazendo isto escondido, pareço até bandido que deve alguma explicação.

Conseguí!

Ela já no carro e eu aqui no jardim, aguardando a hora do portão abri e ela não me vê pelo retrovisor.

Falta pouco! Estou quase encontrando a liberdade, não que me sinta um prisioneiro...Saí!

E agora?

O que eu faço?

Tanto tempo desejando, tanto tempo planejando e não sei sequer para qual lado devo ir...

Olho para esquerda, olho para direita, foco o olhar para frente, um olhar vago, não sei realmente o que faço... Não posso é ficar aqui parado!



Desbravando o bairro!

Saí repleto de incertezas com um olhar embasbacado. Olhei uma última vez a fachada da minha casa como se estivesse me despedindo ou contemplando. Não sei ao certo! Não foi com preocupação de memorizar ou guardar alguma referência, foi como se realmente a cumprimentasse e dissesse um “até breve”.

E me coloquei a andar a passos lentos, sem pressa... Acabei optando pela esquerda. Motivo? Explicação?

Nenhum! Justificativa zero! Intuição? Não! Apenas uma opção, porque tinha que fazer alguma.

Andei um pouco, talvez um quarteirão, não sei... e virei à direita. Continuava a olhar o céu, as árvores: Nem tinha imaginado que existiam tantas! Afinal de contas, estava numa cidade e sempre o que passava na TV ou o que era retratado nos livros eram prédios, carros, pessoas correndo de um lado para outro, tudo num ritmo frenético..., entretanto, estava absurdamente calmo!

No máximo havia dois veículos parados. Não sei especificar o tipo, um era vermelho e outro prata. Nem havia pessoas nas ruas. Também não sei o motivo, talvez estivessem dormindo, talvez já estivessem trabalhando ou até mesmo no seminário junto com Marilu.

O pensamento continuava longe, divagando. Até que de repente, ouvi uns barulhos estranhos e fiquei curioso. Quis saber do quê se tratava, procurei cada vez mais descobrir de onde ele surgia e encontrei, vinham de uma casa com portão branco, desses de metal com detalhes trabalhado, tinha alguma gravura que não consegui identificar, mas era um portão bonito.

E os barulhos? Eram de filhotes, filhotes de uma cadela. Não demorou muito para que a mãe se aproximasse. E antes que você pergunte ou tire conclusões precipitadas, a menos não da minha parte, eu nunca tive problema algum com nenhum outro animal, talvez porque eu não conheça muitos, mas isso não vem ao caso.

Ela educadamente se aproximou e me cumprimentou, ao mesmo tempo num tom protetor me perguntou o que eu queria ou se procurava alguém. Respondi que não, que estava apenas passando por ali, passeando e que ao ouvir os sons de seus filhotes quis saber de onde vinham. Perguntei seu nome e ela disse que era Candinha, perguntou o meu, e eu disse: Dile, prazer em conhecê-la!

Ela perguntou se eu era do Bairro, do Inácio Barbosa e, quando eu disse que sim, ela demonstrou surpresa por nunca ter me visto, então lhe expliquei que estava ali, passeando pela primeira vez, era quase um turista. Ela riu, deve ter achado aquilo tudo muito engraçado ou no mínimo inusitado.



Elogiei seus filhotes, eram todos realmente bonitos, eram seis: alguns todo pretos, outros todo brancos e ainda tinham os malhados. Candinha ainda me disse que eram quatro machos e duas fêmeas. Dei os parabéns e me despedi com um até logo. Ela disse que esperava me ver novamente e me desejou um bom passeio.

Quando já estava saindo, voltei e perguntei onde estávamos, ela respondeu: Na Rua Mário de Andrade. Agradei.

Não sei se seria útil, mas achei importante perguntar, eu sempre vi e ouvi a Marilu falar de endereço, nome de rua e de avenida.

Até o carro dela falava!

Ao menos era isso que eu o (a) ouvia dizer na hora de me levar ao veterinário: Entre na rua fulano de tal, dobre à esquerda na rua beltrano e ela assim fazia. Sei que o destino sempre era certo.

Voltei a andar... Dessa vez virei à esquerda, andei mais um pouco, continuei a contemplar. Não sei se era eu, mas para mim o dia estava lindo! Céu limpo, sensação térmica agradável, nem quente e nem frio, com uma brisa suave que refrescava meu pelo.

Dobrei a direita, foi ai que a vi!

Pelo acinzentado, olhos azuis, usava uma espécie de colar com um pingente bonito com o símbolo do infinito. Fiquei sem graça, pois nunca havia falado com uma gata antes e ela era tão bonita, tinha essa coisa no olhar...



Mas, nem precisei ir falar, pois ela falou comigo primeiro.

— Você se mudou para cá? Perguntou ela.

— Não! Respondi.

Ela demonstrou um ar de decepção. Até que fiquei feliz por isso.

Coisa boba! Pensando depois... Devo ter parecido um tolo.

— Faz tempo que tem uma casa para alugar nessa rua, já faz mais de ano que não mora ninguém lá. Ela começou a me contar...

— Quando te vi, achei que fosse um novo morador. Fiquei toda feliz! Pois na rua inteira, sou o único animal que há. Falou em tom de lamentação e tristeza, completando ao dizer que se sentia só, que achou que havia encontrado um parceiro.

E eu disse meio embasbacado que podia ser seu parceiro.

Ela perguntou onde eu morava e eu não soube dizer. Disse simplesmente: no Bairro! Lá para trás, no final...Eu só sabia que era para trás, pois eu só havia andado para frente e foi aí que eu percebi, que havia perguntado a rua para Candinha, mas qual era a rua que eu morava? Não sabia!

Perguntei seu nome, pois apesar de toda conversa não havíamos nos apresentado, ela disse: Capitu, que nome lindo eu respondi.

— Quer passear comigo? Perguntei.

— Não posso, já tenho compromisso. Ela respondeu.

Não falei, mas imediatamente pensei: vai tomar injeção coitada! Ao menos era isso que eu sempre ouvia quando tinha veterinário: “hoje você tem compromisso”. E lá ia eu tomar injeção ou coisa do tipo. Ou simplesmente ela não queria passear e foi educada.

De qualquer modo, voltei a andar...

Notei que havia uma placa azul na parede de uma casa e estava escrito Rua Machado de Assis, achei um quadro esquisito para se colocar na parede e dobrei a esquina pegando à esquerda, foi então que levei um susto, avistei um animal um pouco mais adiante andando esquisito, parecia que estava em câmara lenta. Fiquei parado olhando por um tempo, depois me senti mal por estar observando, não ia gostar que fizessem isto comigo. Então fui lá e o cumprimentei.

— Olá! Como vai? E ele respondeu:

— Tudo bem.

—Você está bem? Perguntei um pouco mais enfático, dessa vez.

— Sim! Estou fazendo meu alongamento matinal. Exercícios são sempre importantes. Respondeu com a maior naturalidade possível.

Achei aquilo engraçado, mas me contive. Por dentro estava morrendo de rir, mas tentei mostrar o máximo de respeito.

— Qual seu nome? Continuei...

— Jagunço. E o seu?

— Dile! Prazer...Você mora aqui?

— Sim e não.

— Como assim? Perguntei espantado com a resposta.



— Eu moro em qualquer lugar, no momento moro aqui, mais precisamente naquela árvore e me apontou um cajueiro. Ele tentou explicar...

— E não tem ninguém que cuide de você?

— Não preciso que cuidem de mim. Eu sei me virar!

Na mesma hora eu questionei: E quem te leva para o veterinário?

E ele com ar de desentendido questionou: Pro vet o quê?

Agora ele que me olhou esquisito e eu dei por encerrado o assunto.

— Desculpa te perguntar, mas que tipo de animal você é? Essa pergunta eu não podia deixar de fazer.

E ele respondeu educadamente e todo orgulhoso, chega estufou o peito, se é assim que a gente chama ou que deve chamar: Eu sou um lagarto, na verdade um camaleão.

— Ah! Desculpa! É que eu nunca tinha conhecido um. Respondi envergonhado.

— Não se preocupe, isso é normal! Até os humanos ficam assim quando nos veem. Respondeu ele tentando amenizar meu desconforto.

— E você sabe onde estamos? Em que rua ou lugar exatamente do bairro?

— Certeza mesmo eu não tenho. Eu ouço muito o nome Euclides da Cunha, mas não sei se é alguém importante da rua ou nome dela. Como eu te disse, eu estou aqui, mas não sou daqui.

Baixei a cabeça triste e decepcionado. Ainda não compreendia essa ideia de pertencer ou não a algum lugar, tão pouco como viver sem ter alguém para cuidar de você. Enfim, depois eu vou ter muito tempo para refletir sobre isso..

— Obrigado Jagunço! Mas, agora tenho que ir. Espero poder te encontrar novamente.

— Também! Respondeu ele sorridente. Parti...

Segui em frente.

Não precisei andar muito, apesar de não ter muita gente, bicho não faltava por aqui.

Dobrei à direita mais uma vez e desisti, retomei então a esquerda. Era uma rua grande, larga e comprida. Não sei o que me fez mudar de direção, porém por algum motivo foi bom, ouvi o canto de um pássaro, um canto bonito e assim como no início dessa caminhada o som dos filhotes chamou minha atenção, agora era o canto do pássaro que causava essa reação, que atiçava a minha curiosidade.

Não precisei caminhar muito para encontrá-lo, estava na varanda da casa, numa gaiola bem bonita. Mas, diferente do que o canto fazia parecer ele estava com o semblante triste.



A música sim era linda, era boa de se ouvir..., no entanto, a sua expressão era triste!

E lhe disse meio sem jeito:

— Sr. Pássaro, desculpa interromper, o senhor está bem?

E ele respondeu:

— Sou um canário e não! Desculpa a sinceridade... Na mesma hora eu pensei “por que todo mundo sempre pede desculpas quando é sincero?” e perguntei:

— Qual o seu nome?

— Brás e o seu?

— O meu é Dile. Por que sua música é tão bela e sua expressão tão triste?

— Porque eu estou preso! Eu deveria estar livre...Tenho asas, mas não posso voar, não além desse espaço insignificante da gaiola, quando eu tenho o céu todo a minha vista.

Na mesma hora fiquei triste.

Nada comparada a dor e tristeza que o canário sentia, pois só sabe quem as sente. Porém, tive empatia e, isto é muito importante. Queria poder fazer algo, libertá-lo!

Ele até pediu: Dile você não pode vir aqui derrubar essa gaiola, tentar quebrá-la? Por mim...

Bem que eu gostaria, porém nunca pulei muro algum na vida. Não sabia se conseguiria. Tentei e até consegui pular o muro, não era dos mais altos e ainda assim tive certa dificuldade devido à falta de prática. O problema foi onde a gaiola estava, pois não consegui alcançá-la! Acho que estava alí, justamente para evitar os gatos, não um gato que estivesse querendo libertá-lo, mas que quisesse machucá-lo.

Ficamos frustrados.

Ouvimos alguns passos, talvez em consequência do barulho que eu havia causado tentando alcançá-lo, devia ser alguém para verificar se estava tudo “bem”. Então, resolvi sair. Eu me despedi apressadamente de Brás, antes que alguém me visse. Desejei-lhe toda sorte e ele agradeceu o meu esforço.

Até então foi um dos momentos mais tristes. O dia continuava belo, mas já não era tão feliz.

Havia conhecido mais animais em algumas horas do que em toda minha vida, histórias bem diferentes, queria poder ajudar, queria poder fazer algo. E eu achava que tinha problemas...

Voltei a andar!

Afinal de contas, não podia desperdiçar a oportunidade de estar livre, liberdade que outros não tem, nem que fosse por um dia ou o livre-arbítrio de ir e vir que nenhuma gaiola pode oferecer, por mais bela que seja.

Nessa hora já nem sei quantos quarteirões andei ou deixei de andar no dia, eu estava realmente triste. Quando dobrei a esquina virando à direita, ouvi outro canto de pássaro e por um momento achei que fosse o Brás, mas aí percebi que o canto era diferente, dessa vez o pássaro estava numa palmeira, estava solto.

Ele então me perguntou:

— Você que é o Dile?

Me assustei! Como ele sabia quem eu era? Quem ele era?

— Sim! Sou eu... respondi apreensivo. E você, quem é? Indaguei em seguida.

— Eu sou o Sabiá! Sou amigo do canário, do Brás, todos os dias eu vou lá visitá-lo, tento confortá-lo, contar a ele as coisas que vejo, lhe ajudar a passar os dias e, hoje assim que eu cheguei, ele me falou de você. Como ele me disse que você acabara de sair, tentei te alcançar, vim te agradecer, afinal não é todo dia que a gente encontra um gato que tenta libertar um pássaro.



— Não fiz nada demais. Na verdade, literalmente, já que não consegui libertá-lo. Respondi em um tom desanimado.

Ao que o Sabiá respondeu imediatamente: Agir e demonstrar que se importa, vale mais do que simplesmente falar e, que eu havia feito isto. Feito muito mais do que outros, que falam que se preocupam, porém não agem e nem demonstram e, por isso ele também era grato, por ter tentado ajudar seu amigo.

Agradei pelas palavras.

Como não havia perguntado ao Brás, perguntei a ele se sabia me dizer onde eu estava. Ele respondeu que conhecia o Inácio Barbosa como a pena de sua asa, que ali era a Rua Gonçalves Dias e que eu estava praticamente no meio do bairro e que o Brás mora na Rua Olavo Bilac, caso eu resolvesse aparecer mais vezes.

Agradei pelas informações e disse que faria o possível para visitá-los.

Sabiá disse que agora precisava ir, que ia voltar para fazer a companhia diária e que tinha sido um prazer me conhecer.

Eu disse que a satisfação tinha sido minha.

Só agora comecei a perceber, mas já ouvi esses nomes em algum lugar, porém minha cabeça está tão cheia e pensando em tantas coisas, que não consigo lembrar de onde. Mas tenho certeza que conheço!

Voltei a caminhar...

Contornei à direita, acho que andei dois quarteirões e então dobrei à esquerda, andei mais um pouco e virei à esquerda novamente.

Não sei quantos minutos ou horas já haviam passado.

Tanta coisa já tinha acontecido, podiam ter sido vinte minutos ou quatro horas. Realmente não sei! Os dias eram mais longos nessa época do ano, o que dificultava ainda mais para acompanhar a passagem do tempo.

O sol continuava lá...

Comecei novamente a reparar nas casas, nas árvores, não era a imagem de cidade que eu tinha. Ainda não tinha visto de fato nenhum prédio, um ou outro carro começava a circular. Mesmo assim lentamente, nada do ritmo acelerado, uma ou outra pessoa também começava a aparecer, caminhando devagar, um adolescente de bicicleta, aqui ou acolá. Mas tudo muito pacato, realmente a imagem que eu criei de cidade estava indo por água abaixo.

Admito que da minha casa avistava realmente tudo muito tranquilo e calmo, mas eu achei que isso fosse por estar em casa e não que retratasse o bairro ou a cidade. Será que todos os bairros são assim, calmos? Tomara que sim...

Uma casa me chamou a atenção, tinha flores e um jardim enorme. As flores ficavam numa espécie de canteiro na calçada, não se restringiam ao interior resguardadas pelo muro, estavam ali ao alcance de todos que passavam.

Adoro jardim e adoro flores!

Comecei a lembrar do jardim de lá de casa...

Enquanto eu me aproximei e sentia o aroma das flores, ao menos das que estavam ao meu alcance, uma pedra se mexeu, levei um susto! Na verdade, não era uma pedra, era um jabuti e pensei “realmente preciso sair mais”, foi o que constatei.

O jabuti disse: São perfumadas, não são?

E respondi positivamente: São sim! De fato, eram muito cheirosas.

Ele completou dizendo que também eram gostosas. Demonstrei espanto e disse que não pretendia comê-las, apenas apreciar seu aroma.

E ele disse que não conseguia resistir.



Perguntei então seu nome e me disse que se chamava Sá e me apresentei igualmente.

— Você mora aqui há muito tempo, Sá?

— A vida toda, desde que me entendo por tartaruginha, desde quando lembro de ter casco. E começou a rir.

Confesso que não entendi a piada, mas acabei rindo junto, Sá tinha um riso contagiante.

Perguntei se era sempre assim, calmo...e ele respondeu que sim, exceto aos finais de semana, quando os jovens colocam o som alto, começam a beber e fazer festa ou durante o carnaval, que o bairro fica lotado de gente por causa dos bloquinhos, mas de modo geral, é muito tranquilo.

Foi perceptível sua indignação quando falou do som alto. Deve ser algo que realmente gere incômodo. Então, perguntei se ele não gostava das festas...

— Não! Já estou velho...Prefiro ficar aqui, sentindo o cheiro das plantas, ouvindo uma música calma ou o canto dos pássaros. Já está bom demais. Respondeu sem revelar a idade, mas não tinha aparência de nenhum jovenzinho, se vocês me entendem. Comecei a rir, mas pelo jeito como ele falava, do que pelo que tinha dito realmente.

Fiquei tentando imaginar aquele lugar tão pacato repleto de gente e som alto, não consegui. Era como se fosse outro lugar, teria que ver para crer.

Disse que precisava ir, ele acenou com a cabeça e a gente se despediu.

Mais uma vez outro quadro azul numa casa, será que são parentes? Esse pessoal tem um péssimo gosto para quadro... pensei. Dessa vez, tinha escrito Rua Padre José de Anchieta e só então percebi que não se tratava de enfeite da casa, mas do endereço da rua, era algum tipo de identificação padronizado.

Mas por qual motivo só algumas tinham e outras não? Não sei! No entanto, agora, caso eu esquecesse de perguntar, já tinha uma alternativa, procurar os tais quadros azuis, ainda que precisasse contar com a sorte de encontrá-los.

Dobrei à direita e caminhei, caminhei, caminhei... lembrando de tudo que havia acontecido até então e quanta coisa aconteceu!

Dobrei à direita novamente e continuei a caminhar, agora tinha uns canteiros e finalmente eu ouvia o barulho intenso dos carros, não era na rua onde eu estava, era numa rua mais ao alto, mas mesmo assim o barulho incomodava, continuei caminhando. Acho que cheguei ao final da rua, havia andado uns três ou quatro quarteirões, não sei exatamente, quando decidi virar à direita mais uma vez.

Cheguei numa pequena praça, lembrava mais um canteiro para ser sincero, estava com sede e havia um rio ao lado, um rio enorme e o barulho da água tanto me acalmava como me deixava com mais sede, por sorte encontrei uma vasilha dessas plásticas que alguém jogou na mata e, para minha sorte, acumulou água. Preferi pensar que era água da chuva e bebi. A sede era tamanha que não resisti. O gosto ao menos não estava estranho: espero que não passe mal, pensei.

Por um momento até agradei à falta de educação dos humanos, mas nada justifica o descaso com o lixo, matou minha sede é verdade, mas podia ter servido de criadouro de mosquito da dengue ou entupido um bueiro, sei lá... essas coisas todas que a gente cansa de ver e ouvir na TV.

Voltei a caminhar... quando de repente, começaram a cair coisas em mim, eram sementes, olhei para o alto, mas não enxergava de onde vinham, ouvia os barulhos nas árvores. Continuavam a me atingir, ouvia os barulho, mas não os via, então perguntei:

— Quem está aí?

Ao mesmo tempo pedi:

— Para com isto! Machuca. E ainda questionei:

— O que eu te fiz?

Então, saíram da árvore, eram dois micos e eles riam sem parar

— Qual a graça? Por que fizeram isto? O que lhes fiz?

Questionei em tom aborrecido.

Ao que responderam:

— Nada! A gente só acha engraçado e nunca te vimos por aqui. E continuavam rindo...

— Isso não justifica, é pura maldade! Refutei.

— Afinal, quem são vocês?



E eles se apresentaram: Eu sou Guto e eu sou Nando. Sinceramente? Não sei distinguir quem era quem, para mim os dois eram idênticos, mas fiquei com vergonha de perguntar se eram irmãos, se eram gêmeos... preferi parar por aqui. Eles, por sua vez, perguntaram se eu estava a passeio, se era novato no bairro, tal qual todos os outros, estavam curiosos, querendo saber quem eu era e de onde eu vinha, e respondi que era daqui e estava a passeio.

Eles reforçaram que nunca haviam me visto e como das outras vezes, expliquei que não costumo sair.

Caí na besteira de perguntar a eles onde estava e para que lado deveria seguir para chegar no fim do bairro, tendo como base as informações que o Sabiá e outros tinham me dado, eu deduzi que eu morava no final do Inácio e eles me disseram que eu estava na Travessa Casemiro de Abreu e mandaram seguir pela direita, que bobagem que eu fiz, acabei retornando, maldita hora que resolvi ouvi-los!

Se eles já estavam caçoando de mim antes, resolveram continuar com a gozação, para piorar ainda agradei e segui fielmente a orientação. Só percebi depois que havia voltado quase um quarteirão, quando avistei os carros que tanto haviam me incomodado lá de cima e ouvi seus barulhos, foi quando notei o caminho errado que havia tomado, dobrei então à esquerda tentando não os encontrar novamente e retomar a rota que estava fazendo anteriormente.

Entre numa rua e, logo de cara, notei outro daqueles quadros numa das primeiras casas, dessa vez o nome era Rua José de Alencar. Quando já estava perto do final do quarteirão, um cão latiu para mim:



- O que está fazendo aqui? Acho que era um pitbull...
Respondi que estava indo para minha casa.
- Gatos não são permitidos nessa rua! Bradou ele.
- Por que não? Questionei.
- São inimigos! Respondeu imediatamente.
- Inimigos? O que eu lhe fiz? Nem te conheço... Continuava sem entender absolutamente nada.

— Não sei! Só sei que é assim... Respondeu com uma convicção nada convincente, todo valente, falando alto, peito estufado, tentando mostrar que mandava ali.

— Relaxe! Pois já estou indo, estou apenas de passagem, não tenho intenção alguma de ser seu inimigo. Nem te conheço! O que você me fez ou o que eu te fiz para criarmos inimizade? Tentei acalmá-lo e fazê-lo refletir.

Ele simplesmente respondeu: Foi isso que me ensinaram a vida inteira... que gato e cachorro são inimigos.

Ainda surpreso com aquilo, lhe respondi: Mas, essa justificativa é insuficiente! Primeiro a gente tem que conhecer o outro, para só então termos algum motivo para gostarmos ou não, sem falar que inimizade é um sentimento ainda mais forte.

— Continuo não tendo nada contra você! Fui enfático em afirmar...Muito menos apenas o fato de você ser um cão, para fazer com que não goste de ti ou tenha inimizade com você.

Ele ficou confuso, acredito que foi a primeira vez que parou para refletir sobre isso. Pediu para que eu tomasse meu caminho e eu disse que assim o faria. Mas, antes queria saber seu nome e ele disse Peri. Agradei e retomei o meu caminho.

Vi uma praça enorme, agora já estava começando o sol a se pôr. Finalmente eu tinha noção de quanto o tempo tinha passado e não era questão de minutos ou algumas poucas horas. Daqui à pouco Marilu chegaria e eu não estaria em casa, passei mais tempo fora do que planejei, tenho que me apressar, adiantei o passo.

A praça era linda, repleta de árvores de tipos diferentes e tinha um burro lá. Não resisti. Este eu tinha que cumprimentar, pois eu sempre achei fascinante a variedade de equinos e nunca conheci nenhum.

— Com licença Senhor Burro!

— Pois não?



— Como o senhor está?

— Estou bem e você?

— Na verdade não muito bem, estou um pouco perdido... respondi cabisbaixo. Tenho que chegar em casa, já está tarde, perdi a noção do tempo e nem tenho certeza do caminho. Acabei fazendo quase um desabafo.

— Mas, nunca conheci um burro e como não saio muito, resolvi lhe cumprimentar. Me chamo Dile e o senhor? Tentei mudar o tom triste da fala anterior.

— Não se desespere, vai dar tudo certo! Meu nome é Conselheiro.

— O senhor sempre está por aqui?

— Sim! O meu dono estuda nesta escola.

— O senhor tem um dono?

— Sim! Eu o trago e o levo todos os dias... e enquanto ele está na aula, eu fico aqui na sombra, esperando-o.

— E ele te trata bem?

— Sim! Não tenho do que reclamar. Ele não me maltrata, nem coisa do tipo, como vejo acontecer com outros animais, pelo contrário, ele me dá tanto amor como outros dão a um cachorro ou a um gato como você, só não é muito convencional e as pessoas demoram a aceitar, já até tentaram me tirar dele.

— Entendo! Mas, na verdade só podia imaginar...Naquele momento pus-me a pensar se Marilu era minha dona, nunca a considerei desse jeito, mas como será que ela me via? O que eu faria ou como me sentiria se tentassem me separar dela apenas por não ser “convencional”?

— Infelizmente tenho que ir, mas foi uma satisfação conhecê-lo Conselheiro, algum conselho, com o perdão do trocadilho? Falei sorrindo e ele percebeu que não fui desrespeitoso.

— Na verdade, sim! Não aceite menos do que mereça e não exija dos outros o que você mesmo não possa dar.

— Obrigado! Realmente era um excelente conselho.

— Já que o senhor vem sempre aqui, você sabe o caminho mais rápido para chegar ao final do bairro? Diferente de Guto e Nando, ele não me deu motivos para não confiar na sua orientação e já estava tão atrasado que não tinha nada a perder...

— Sei, sim! Estamos na Praça Monteiro Lobato, é só você seguir reto, vá contornando o rio, não tem erro!

— Está certo e obrigado novamente, você me ajudou muito! Espero voltar a vê-lo...

— Como te disse, estou sempre por aqui, é só aparecer meu jovem!

Então, após me despedi, apressei ainda mais o passo, contornando o rio, seguindo reto, torcendo para Marilu ainda não ter chegado. Afinal de contas, o plano era esse: sair sem ela notar e voltar sem que ela percebesse minha ausência.

Estava com medo...

O que aconteceria se ela chegasse em casa antes de mim?

Já até imaginava ela colando fotos minhas de procura-se, chorando na cama pensando que algo de ruim havia acontecido, compartilhando nas redes sociais, os amigos tentando mantê-la calma e alguém até tentando arrumar um substituto, como se fôssemos um objeto que qualquer coisa é só colocar outro no lugar e está tudo resolvido.

Consegui!

Avistei a fachada da casa, nem foi intencional, mas agora que eu a vi, até que me serviu de algo aquela olhada despreziosa..., entretanto, tem um problema com o qual eu não contei nem quando sonhei com este dia: o muro.

O muro é alto e completamente fechado, eu não tenho costume de pular muro, mas lembrei que fiz isso hoje mais cedo, quem sabe eu não consiga novamente?

Tentei uma, duas, três vezes...

Na terceira eu quase consegui! Ainda fiquei pendurado, mas, infelizmente cai. Até que observei a casa da vizinha, tinha um muro um pouco mais baixo e, para minha surpresa, também tinha uma daquelas placas azuis, desta vez com o nome Av. Cecília Meireles, por um momento fiquei imaginando que se realmente fosse um quadro Marilu teria este no seu quarto.

Parei de devanear e pensei que finalmente tinha encontrado a solução dos meus problemas: eu poderia subir pelo muro da vizinha e de lá pular para dentro de casa. Mas tinha um outro problema: o muro da vizinha tinha cerca elétrica, não ia ter como...

Resolvi tomar uma distância maior, para pegar mais impulso. Respirei fundo, contei até três, corri, saltei e a duras penas finalmente consegui!

Estava exausto, sujo, faminto, acabado..., porém, estava no jardim!

Agora era só entrar, mas eu não havia pensado nisso antes também: a porta estava trancada, não tinha como...

De um jeito ou de outro Marilu vai saber que eu saí, por mais que eu tenha me esforçado para chegar antes dela. Tanto esforço em vão. O sentimento de impotência e frustração me tomam, agora não há mais nada a fazer, apenas esperar. Deitei-me no tapete que fica em frente à porta, aguardando apenas a sua chegada, o momento em que Marilu descobriria que eu havia traído sua confiança.

O portão abriu e os faróis iluminaram o jardim, ela enfim chegou!

Encontrei o meu lugar...



A portão abriu, o carro entrou e o portão fechou. Eu continuei alí, parado, estava tão cansado e não havia mais nada o que fazer, era realmente somente aguardar...

Ela desceu do carro, pegou suas coisas, seus livros e sua mochila e foi então quando se dirigiu à porta que me viu.

Eu estava preocupado se iria levar alguma bronca, mas não foi isto que aconteceu!

Ela largou imediatamente as coisas que estava segurando e num tom meio que de surpresa e desespero, não sei descrever bem, disse meu nome, me pegou no braço, começou a me fazer carinho e pedindo desculpa, na hora não consegui entender o que estava acontecendo...por qual motivo ela estava se desculpando, pedindo perdão. Ela não parava de ficar se desculpando e questionando como foi capaz de fazer isso comigo.

Abriu a porta, recolheu os livros e a mochila, colocou minha comida e trocou minha água, não me deu banho, pois estava tarde, mas mesmo assim me limpou, como já havia dito eu estava realmente muito sujo, mas acho que ela pensou que a sujeira era do jardim e só então comecei a entender o que estava acontecendo: Ela estava se culpando! Pensou que havia me trancado do lado de fora e que eu tinha passado o dia todo tentando entrar de algum jeito... Ela não desconfia e realmente não faz ideia do que aconteceu, que eu saí! Ao menos isso eu consegui, não foi tudo em vão... sem falar dos amigos que fiz.

Enquanto eu comia, ela tomava banho e se arrumava para deitar. Eu como de costume, deitei ao pé da sua cama e enquanto ela se arrumava, dei uma olhada no quarto, pensei no que teria acontecido se eu não tivesse conseguido voltar, então fiquei admirando aquele ambiente tão comum, tão familiar e que algumas vezes nem valorizava.

Pensei também em cada um dos animais que conheci, dos amigos que fiz. Pensei no Jagunço, na sua ideia de pertencer ou não a algum lugar, apesar de não compreender direito, uma coisa eu sei, eu definitivamente pertenço a este, não sei se necessariamente a casa, mas ao lado de Marilu.

Não sei como ela me vê, não estou nos seus pensamentos, mas com toda certeza não a vejo como dona, como o Conselheiro faz... mas, também não julgo meus amigos, cada um tem o direito de pensar e sentir diferente de mim e eu diferente deles.

Foi então, que olhando os livros de Marilu nas prateleiras, comecei a ver nomes familiares e então comecei a rir sozinho, pois tudo fazia sentido, eu tinha certeza que conhecia aqueles nomes.

A Marilu chegou, deitou e como de costume pegou um livro: Olhinhos de Gato e ela disse: Vamos encerrar nossa noite em grande estilo, depois do susto que passamos! E me fazendo cafuné ela começou a ler, eu fechei os olhos e eu prestei atenção a cada palavra dita e o detalhe da sua entonação...



CRURGiA

A hand-drawn illustration of a man with a surprised expression looking at a green chalkboard. The word "CRURGiA" is written on the board in white, with a red bandage on the letter "i" and a white arrow pointing to it. The man has dark, curly hair and is wearing a dark red shirt. The background is a light blue sky.

CIRURGiA



Deyvison Moreira Santos
Thalita Síntique dos Santos

ILUSTRADO POR
Vinícius Prudente de Assis








PRÓLOGO

Na narrativa infanto-juvenil CIRURGIA?!?, o leitor é conduzido à acompanhar os momentos de tensão vividos pelo agitado e curioso protagonista, Pedro. Ele, em uma noite das suas férias, escuta uma ligação misteriosa, sua mãe, Silvia, fala ao celular sobre CIRURGIA, essa ligação e essa palavra tão assustadora, para Pedro, o deixa cheio de medo e dúvidas. Tudo fica ainda mais confuso quando o garoto recebe a informação que fará uma viagem, e um grande embrulho enigmático lhe é dado de presente. A partir disso, a mente do nosso protagonista mirim viajará nas memórias, e na inquietação, a fim de desvendar os mistérios daquela ligação.





altavam algumas semanas para o carnaval, e Pedro sabia que, passando o carnaval, passariam também as suas férias. Novo ano, nova série, tudo depois do carnaval. Pedro não se incomodava com a volta às aulas – ao menos teria com quem brincar – pensava ele. Sua curiosidade e agitação não combinavam com a vida corrida de Sílvia, a sua mãe, ela quase não tinha tempo para responder a todas as suas dúvidas e ainda lidar com a energia de um garotinho de 8 anos. Por isso, ele costumava passar os dias das férias na casa da sua avó, que não era longe, era só descer a mesma rua. O menino ia de skate, o que deixava esse percurso ainda mais curto e rápido, ele só parava para desejar bom dia aos conhecidos da vizinhança, às vezes, nem parava e do “bom-dia”, só conseguiam ouvir o “diiiiiiiiia” e o barulho das rodas velozes do skate girando no asfalto.



Era uma imagem matinal comum: Pedro saindo de casa com sua mãe, ela para o trabalho e ele para casa da vó Tereza. Lá, ele podia fazer tudo, mas acabava não fazendo nada, talvez pela falta de companhia de gente da sua idade. Era sempre a mesma rotina, chegar à casa da avó, pedir a benção, tomar o café da manhã, assistir TV e, perto da hora do almoço, tomar banho no chuveirão do quintal, para almoçar fresquinho. À tarde também tinha as suas mesmices: tirar um cochilo, lanchar, assistir e reclamar que naquele horário não passam desenhos legais.



A sua mãe, chegava do trabalho às 18h e passava para pegá-lo, mas naquele dia foi diferente, ela chegou carregando um grande pacote e falando com alguém no celular. Passou sorrindo por Pedro, como quem quisesse dizer algo com o sorriso e o olhar, colocou o embrulho misterioso na mesa e seguiu casa adentro. Não dava para saber o que ela carregava e nem com quem ela estava falando ao celular, o pacote estava bem embrulhado, parecia uma encomenda ou um presente. Ele, bastante curioso para saber com quem sua mãe estava conversando, acompanhou-a e escutou uma parte da ligação:

- Cirurgia é bom, resolve tudo. – disse ela espontaneamente.

Pedro ficou a-n-e-s-t-e-s-i-a-d-o a única palavra que conseguiu escutar foi CIRURGIA! Lembrou logo do que a sua mãe sempre dizia:

- Pedro, vá devagar com esse skate, se você quebrar o braço outra vez, só cirurgia para consertar.



Seguiu a sua mãe assustado, lembrando o quanto sofreu quando caiu do skate e quebrou o braço, ele não queria passar por isso outra vez. Lembrava bem do movimento daquele hospital que, depois de um ano, ainda visitava seus pesadelos, além disso, lembrava de como falaram da possibilidade de cirurgia para colocar o seu braço no lugar.

Quando acabou a ligação, Sílvia virou-se em direção à Pedro e se surpreendeu ao ver seus olhos assustados, estavam tão arregalados que lhe tomava todo o rosto. Percebendo que algo não estava bem, Sílvia acreditou que a notícia que tinha para seu filho poderia transformar aqueles olhos assustados em um grande sorriso:

— Pedro, tenho uma ótima notícia para você, as suas férias serão diferentes este ano! Sua tia Deyse disse que você pode passar essas duas últimas semanas lá. Seus primos já estão animados para recebê-lo! O que acha, querido? — Disse Sílvia entusiasmada.

— Mas mãe, e a cirurgia? — disse Pedro com cara de preocupado e confuso.

— Que cirurgia, querido? Vai ser ótimo, eu irei para lá no feriado do carnaval, não precisa ter medo – fez um carinho no rosto dele e continuou:

— Agora vá, pegue suas roupas e o pacote na mesa, é um presente que comprei para você, dê a bênção à sua avó, e vamos para casa. Estou muito cansada e ainda tenho que arrumar a mochila para você levar amanhã.

Pedro fez o que a sua mãe mandou, recolheu suas roupas e pegou o pacote misterioso, decidiu que só iria abrir o embrulho quando chegasse em casa. Olhou para sua avó, com o intuito de pedir a benção, mas, no mesmo momento, se surpreendeu ao ver que lá estava ela, costurando com pontos firmes dois pedaços de pano. Aquele movimento forte com a linha o fez lembrar do telefonema enigmático, nem quis chegar perto, pediu a benção de longe mesmo e foi para casa. No pequeno caminho, não pode deixar de pensar na possibilidade da cirurgia, por isso, nem quis voltar andando de skate.

Chegou em casa preocupado, escovou os dentes preocupado, e deu um beijo de boa noite na sua mãe, igualmente preocupado.

— Pedro, não vai abrir o presente que a mamãe comprou para você?

– falou Sílvia ao perceber que o filho havia se esquecido do presente.



A lembrança do presente alegrou Pedro instantaneamente, ele pegou o pacote, rasgou o embrulho com rapidez e decepcionou-se. O medo voltou na mesma hora que viu o kit de cirurgia de brinquedo, mas, mesmo assim sorriu educadamente para sua mãe, lhe deu um abraço e tremulo foi para o quarto carregando o embrulho. Não conseguiu dormir bem, olhava para aquela caixa de brinquedos, para todos aqueles utensílios médicos e só conseguia pensar que sua mãe estava querendo dizer alguma coisa com aquilo, e com certeza não era coisa boa. O medo era tanto que esqueceu que um kit daqueles era um dos presentes que ele mais queria. Apesar de toda preocupação, Pedro estava ansioso com a viagem, afinal, nunca havia saído de Estância, essa seria a sua primeira visita à Aracaju. Mas a palavra cirurgia, o presente, e a imagem da sua avó costurando, firmemente, aqueles pontos o fizeram imaginar que poderia, facilmente, ser a sua pele aquele tecido rasgado, necessitado de costura, e esse pensamento não o deixou dormir.



A noite foi longa... Finalmente, o dia amanheceu, e tudo já estava pronto, sua tia Shara iria levá-lo para a capital. Antes de sair para o trabalho, Sílvia passou no quarto de Pedro para despertá-lo; abriu bem as cortinas, deixando o dia ensolarado invadir o ambiente.

— Bom dia, meu bem! Sua tia acabou de chegar e vai com você até a casa da tia Deyse, boa viagem, meu pinguinho de gente, comporte-se, daqui a 4 dias estarei lá com você.

Ele sabia que a mãe já estava atrasada, mas não queria viajar sem entender aquele telefonema e aquela palavra horrível que ela disse sem nenhuma preocupação ou explicação. Por isso, não se conteve e perguntou:

— Mas mãe, e a cirurgia?

— De novo essa história de cirurgia? Não estou entendendo, é do brinquedo que você está falando? Sabia que você iria gostar! Já imaginou você em uma sala de cirurgia de verdade? Vá treinando... Não esqueça de levá-lo, pegue o skate também.

— Cirurgia de verdade? — Disse Pedro ainda mais confuso e assustado.

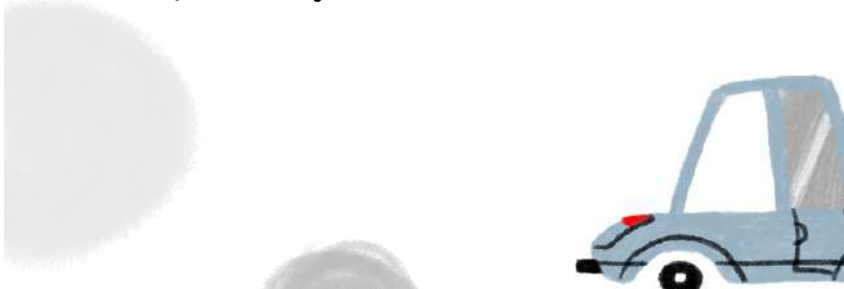
— Pedrinho, estou atrasada. Te amo, filho. Peça para sua tia me ligar à noite, aí terminamos essa conversa — respondeu ela já saindo do quarto.

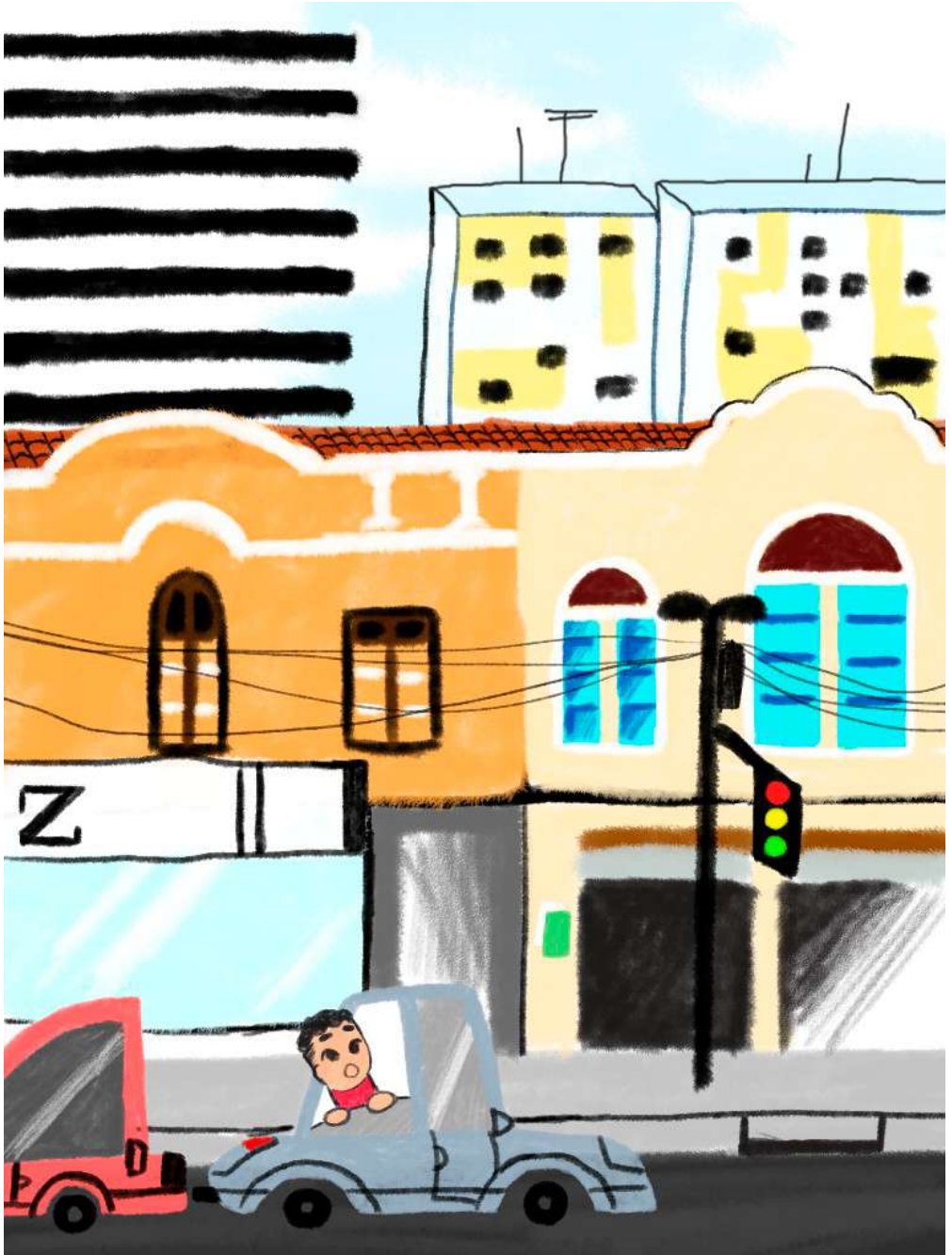
Era mais ou menos 1h de viagem, de Estância até Aracaju, mas, para Pedro, a viagem durou horas, impaciente, ele não conseguia tirar da cabeça: “cirurgia, skate, sala de verdade, cirurgia, skate, sala de verdade.” Nada daquilo fazia sentido para Pedro e ele nem queria pensar na possibilidade de estar dentro de uma sala de cirurgia de verdade, a única coisa que ele sabia era que não conseguiria deixar essa dúvida para a noite.



Na capital, impressionou-se com o movimento, tantas pessoas indo e vindo... O carro estava parado no semáforo e, como um recado tranquilizador para Pedro, uma garota de skate passou ao lado da sua janela, ela ia tão rápido e, mesmo assim, se desviava e encontrava tão facilmente caminho por entre os carros, aquilo deixou Pedro tão admirado que, naquele momento, um largo e espontâneo sorriso surgiu em seu rosto, porque andar de skate era uma das coisas que ele mais gostava. Mas, como medo gruda na mente e não sossega até tomar por completo o pensamento, Pedro olhou para o movimento, a garota de skate que já ia longe e toda aquela cena o fez recordar da agitação que viu no hospital e lembrou também que, se não fosse o skate, ele não precisaria ter passado por aquilo, foi aí que o sorriso dele murchou como um balão vazio. O sinal abriu, o carro voltou a andar, obedecendo ao movimento da cidade, e Pedro, atento à tudo, começou a ler as placas, principalmente as das lojas, foi quando o carro fez uma curva e bem lá na frente tinha uma grande placa verde que Pedro não pode deixar de observar. Estava escrito: “CIRURGIA”!? Era isso mesmo?

Ou estava distante demais para Pedro enxergar? Ele arregalou bem os olhos, o carro ia se aproximando, e o nome cirurgia estampado naquela placa ia ficando ainda MAIOR. As letras saltavam e se misturavam, ganhavam as formas dos objetos do kit que ele havia ganhado na noite anterior, o carro se aproximava da placa na mesma velocidade que o coração de Pedro batia.





— Vocês vão ficar onde? – Perguntou o taxista, interrompendo aquele momento de terror na mente de Pedro.

— Ali na rua Dom Bosco, aqui no Cirurgia mesmo – respondeu a sua tia.

Com o coração ainda acelerado Pedro começou a pensar, foi juntando tudo, o nome na placa, o telefonema, a pergunta do taxista e, enfim, gritou de empolgação:

— Cirurgia é o nome do bairro!

Sua tia Dani e o motorista sem entender tamanha empolgação apenas riram. Agora tudo parecia fazer sentido. Mas ele ainda não aceitava a ideia de um bairro com um nome tão assustador, porém, seguiu a viagem um pouco mais tranquilo. Chegando na casa da sua tia, abraçou seus primos que logo o chamou para brincar. Por um tempo, Pedro esqueceu daquele mal-entendido que vinha lhe apavorando desde a noite passada.

Mais tarde, ainda naquele dia:

— Pedro, vi que você trouxe seu skate, a Dani ama andar de bicicleta e o Tony gosta de patins, o que acham de ir até a praça andar um pouco? – Sugeriu a sua tia Deyse.

Pedro adorou a ideia, porque agora poderia andar de skate bem rápido e sem se preocupar com a terrível palavra “cirurgia”, e até iria tentar andar como a garota que tinha visto mais cedo. Chegando na praça, sua tia Deyse sentou-se em um banco, abaixo de uma das várias árvores e começou a ler um livro de nome estranho “Cine... alguma coisa”, enquanto Pedro e seus primos se divertiam dando voltas por entre os contornos da praça.

— Tiaaaa, eu estou curios... – disse Pedro em uma das suas voltas.

— Pode perguntar, meu bem – respondeu sua tia, sem saber se ele tinha escutado.

— Por que esse bairr... – Pedro tinha tanta energia que não parava para perguntar.

Outra volta, outro pedaço de pergunta...

— Se chama Cirurgiaaaaa?

Deu mais uma volta, parou ofegante e com um olhar curioso:

— Por que, Tia? Eu não entendo o porquê de um nome tão assustador para um bairro.

— Você o acha assustador, querido?

— Sim, muito assustador, lá na minha cidade os bairros têm nomes normais, como: o Porto d’areia, Alecrim, São Jorge, só lembro desses e eles não me assustam.



Sua tia olhou carinhosamente para ele, pensou um pouco e suspirou, como quem não esperava aquela pergunta, mas tinha um sorriso no rosto, típico de quem fica surpreso, mas com uma surpresa boa.

— Dani, Tony, venham cá! Seu primo me fez uma ótima pergunta, quero que vocês ouçam.

Eles se acomodaram, Pedro sentou no seu skate, Dani na sela de sua bicicleta e Tony sentou-se no banco, ao lado da sua mãe.

— O seu primo Pedro me fez uma curiosa pergunta: “por que esse bairro se chama Cirurgia...?” Bem, vocês ainda não andam sozinhos por aí, mas, quando andarem, vão perceber o quanto é importante a nomeação das ruas, bairros e cidades. Imaginem se os lugares não tivessem nome, como iríamos chegar ou dizer em que lugar estamos?

— Mas, então, como colocam os nomes nas ruas e nos bairros? Eu posso colocar? Queria um bairro chamado jujuba de limão – disse Dani, a mais agitada no momento.



Ainda rindo do nome sugerido por sua filha, Deyse disse:

— Vou usar a pergunta do Pedro para responder a sua, filha. Por exemplo, esse bairro chama-se Cirurgia, pois leva o nome do Hospital das Clínicas Dr. Augusto Leite, mais conhecido como Hospital de Cirurgia, o único local, na época, que realizava operações cirúrgicas. Até 1986 esse era o maior hospital público de Sergipe, até que inauguram o HUSE – Hospital de Urgência de Sergipe. Pois bem, o bairro foi nomeado para homenagear esse hospital histórico e importante para o nosso Estado. Ele ainda funciona e não fica distante daqui.

— Faz sentido, mas a senhora ainda não respondeu como colocam os nomes nos bairros e nas ruas? – Repetiu a garotinha.

— Continuando... percebam que, no caso deste bairro, foi uma homenagem à um lugar, nessa situação, um hospital, mas podem ser nome de outras cidades, nome de personalidades importantes já falecidas. A população também pode sugerir, esses nomes entram em votação na Câmara dos Vereadores, porém esse processo de nomeação de ruas e bairros leva tempo e muita pesquisa.



— Mas tia, todos os lugares que têm nome tem justificativa?

Essa praça, por exemplo, qual o nome dela?

— Praça da Bandeira – respondeu espontaneamente Tony.

— Praça da Bandeira? Mas não vejo nenhuma bandeira aqui?! –
Questionou o menino

— É, Pedro, infelizmente não tem mais bandeiras aqui, mas saiba, já foi diferente. Há alguns anos, nesta praça, ficava instalado o memorial da bandeira, o qual fazia parte de um projeto chamado Museu na rua, as escolas, e a população vinham visitar, era uma forma acessível de resgatar a história do povo aracajuano.

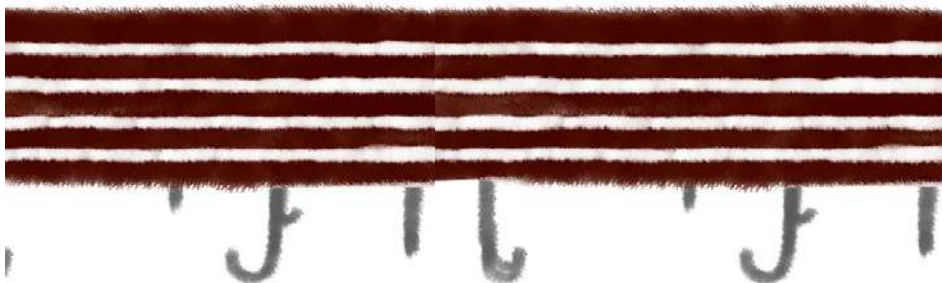
— Devia ser muito legal, tia – respondeu Pedro com entusiasmo.

- Era sim, Pedro. Mas já está ficando escuro, hora de ir para casa. Eu tenho algumas fotos desta praça naquela época, pegarei depois do jantar para vocês verem.

— Só mais uma voltinha, mãe – insistiu Tony.

— É, tia. Só mais uma – disse Pedro reforçando o pedido do seu primo.

Eles deram mais umas três voltas, Pedro, despreocupado com a velocidade que ia no skate, afinal, a ideia de cirurgia não lhe assustava mais e, mesmo com nome assustador, aquele bairro era realmente agradável.



Chegando em casa jantaram e antes de dormir contemplaram as fotos da praça uns anos antes. Alguns dias depois, sua mãe chegou, era carnaval e um bloco tradicional passava pelas ruas do bairro Cirurgia – o Rasgadinho –, Pedro ficou curioso quanto à origem do nome e fez o mais lhe era comum, perguntou.

— Rasgadinho, mas não tem ninguém aqui com a roupa rasgada. Rasgadinho deveria ser o nome de uma festa de Halloween – pensou Pedro quando viu o bloco passando. E foi assim com todos os lugares que visitou no fim das suas férias: da Atalaia ao Bugio. Mas voltou para casa com o nome de um bairro na cabeça, esse não lhe assustava, ao contrário, divertia-o de tanto pensar nas suas possibilidades.

— Jaboticaba? Jaboti? Ana... Jo-bo-ti-a-na – repetiu várias vezes, achando o nome engraçado.

Ele nem imaginava que o livro de nome estranho “Cine... alguma coisa” que sua tia estava lendo na praça era de um autor de lá, Antônio Carlos Viana, mas o mistério do bairro Jabotiana é dúvida para as próximas férias.



José Regivaldo Vieira Santana
Maria Poliana Santos Dias
Nana Vitória de Carvalho Menezes

Memórias do Rosa



Antônio: - Rosa Elze, que saudade deste lugar! Como é bom voltar aqui e poder rever a senhora, Tia Ana, você não imagina o quanto estava ansioso para te ver. Uma pena não conseguirmos juntar o Luiz, a Maria e a Helena. Seria uma festa só!

Narrador: Assim, estava Antônio radiante ao voltar para o bairro, onde passou sua infância juntamente com os seus primos. Neste bairro, era o lugar de maior felicidade do Antônio. Ficava próximo do colégio e por isso facilitava sua ida todo final de semana à casa de sua tia, junto com os seus primos.

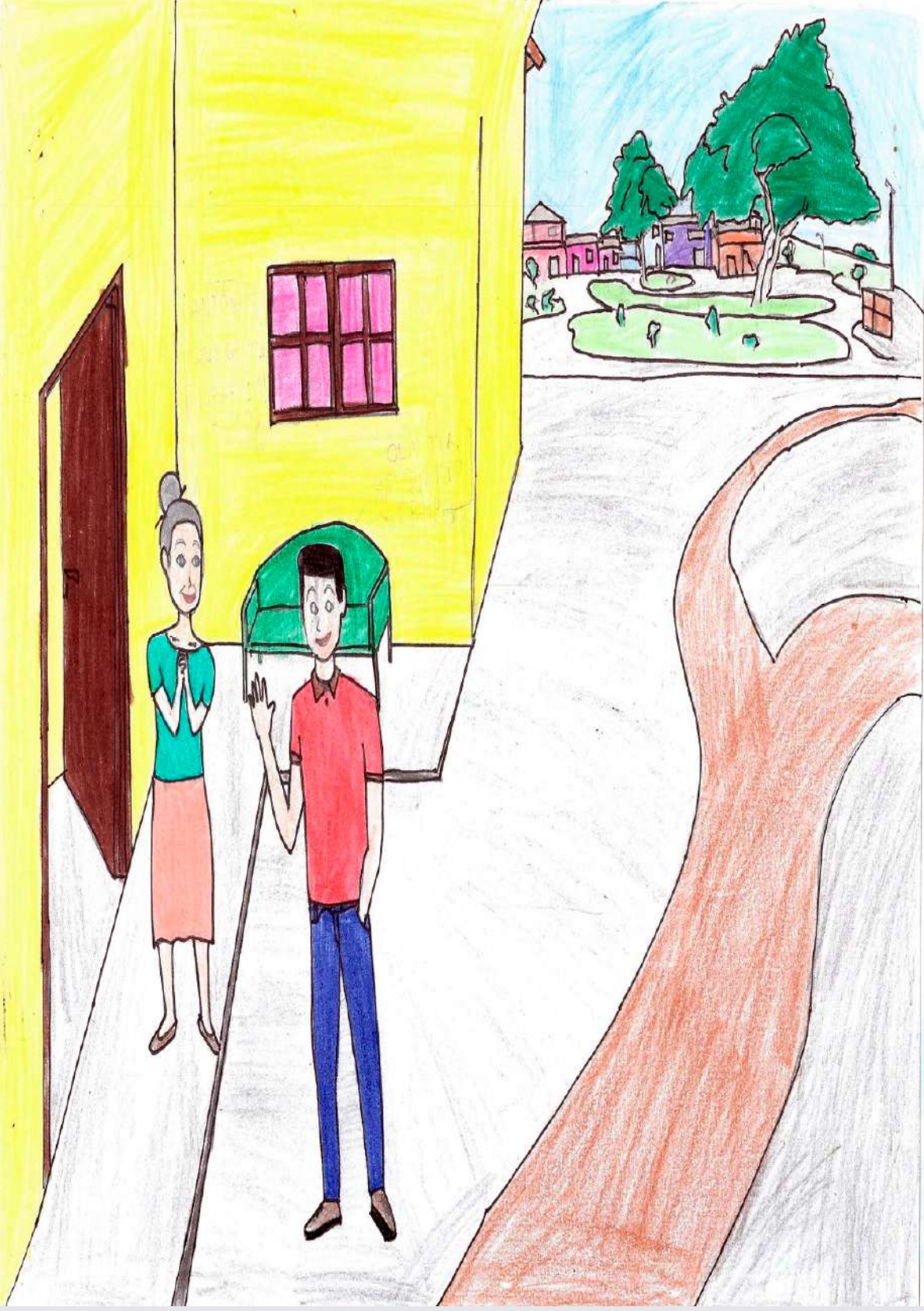


Narrador: Antônio feliz por estar com sua tia, lembrar e voltar ao passado...

Antônio: Aprontamos tanto aqui, em tia Ana? Como a senhora suportava a gente?

Tia Ana: É, realmente! Vocês me davam um pouco de trabalho.

Narrador: Tia Ana nunca teve filhos e sempre morou sozinha, então seus sobrinhos eram sua diversão e companheiros. Era sempre os 4 juntinhos, não desgrudava para nada! Helena e Maria eram mais calmas, já os meninos...



Antônio: Tia, olhando agora para esta praça me vem tantas lembranças boas, tantas brincadeiras e também confusões. Acabei de lembrar quando eu e Luiz brigamos feio e a senhora ficou preocupada. Lembra tia?

Tia Ana: Lembro sim, meu filho. Foi uma confusão só!

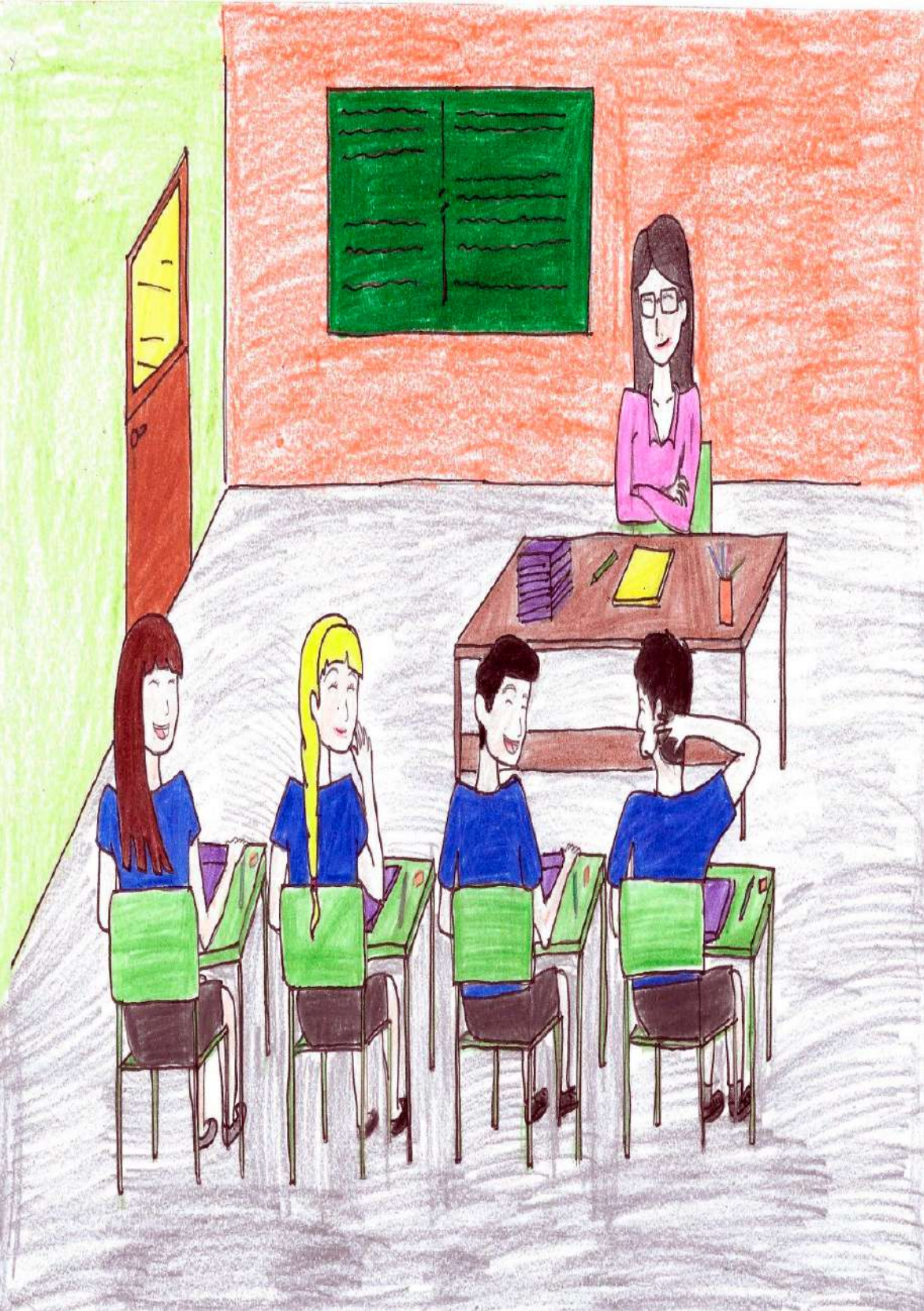
Antônio: Mas, o importante é que no final de tudo, a gente se resolveu. Não é atoa que virei biólogo, não é tia?

Tia Ana: Pois é, meu filho, quem diria...

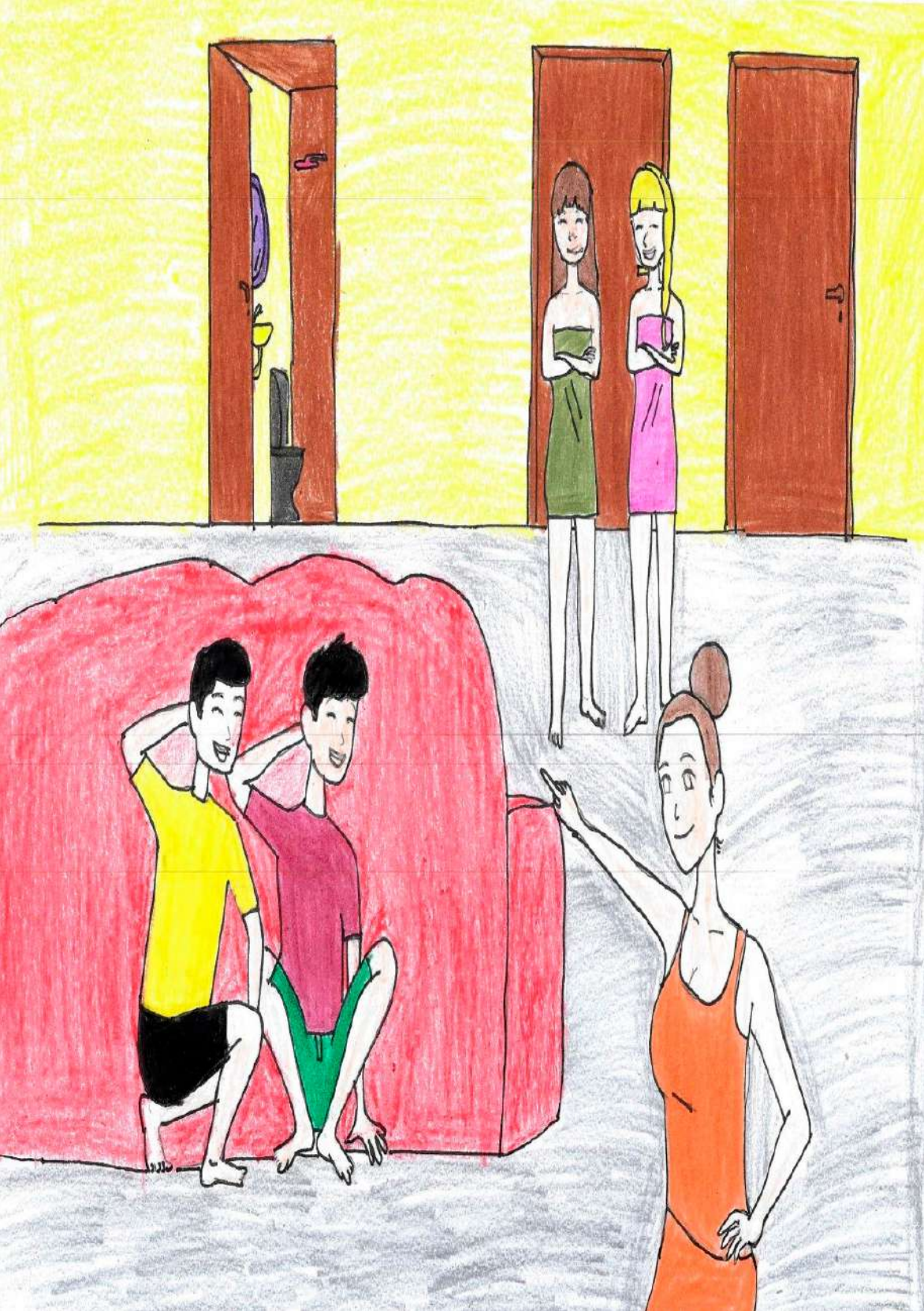
Antônio: é, tia. Mas, eu sempre soube o valor que a natureza tem. Na escola, a professora disse que sem ela não respiramos, nem comemos.

Tia Ana: isso, meu rapaz. Você nunca gostou de maltratá-la, lembro de quando brigou com o Luiz, o foco foi porquê ele matou um pássaro.

Antônio: Isso, tia. Fiquei um pouco bravo com aquela situação.



Antônio: Lembro-me que isso foi falado, pela professora de ciências Josefa, numa segunda-feira, no Colégio de Aplicação. Ela também nos explicava sobre a interferência humana na natureza. Por isso, deveríamos cuidar dela. Mesmo assim o Luiz não entendia e continuava a querer matar passarinho. Foi por isso que ficamos distantes um do outro, a ponto da Maria e a helena perceberem.



Antônio: Exatamente às 17hs, Tia Ana ficava preocupada e chamava a gente para tomar banho e nosso cafezinho da noite que ela fazia com muito amor.

Narrador: A Tia Ana era daquela tia bem adorada pelas crianças.

Tia Ana: Vamos, vamos! Primeiro vai as meninas, depois os meninos. Rápido, é o tempo que organizo o café.

Antônio: Enquanto esperávamos as meninas, sempre eu e o Luiz assistíamos TV. Neste dia, foi diferente. Tia Ana percebeu...

Tia Ana: O que houve, brigaram?

Antônio: O Luiz não quer falar comigo porque não quis caçar com ele.

Luiz: Eu não consigo entender o Antônio, tia. Licença, amanhã irei caçar sozinho.



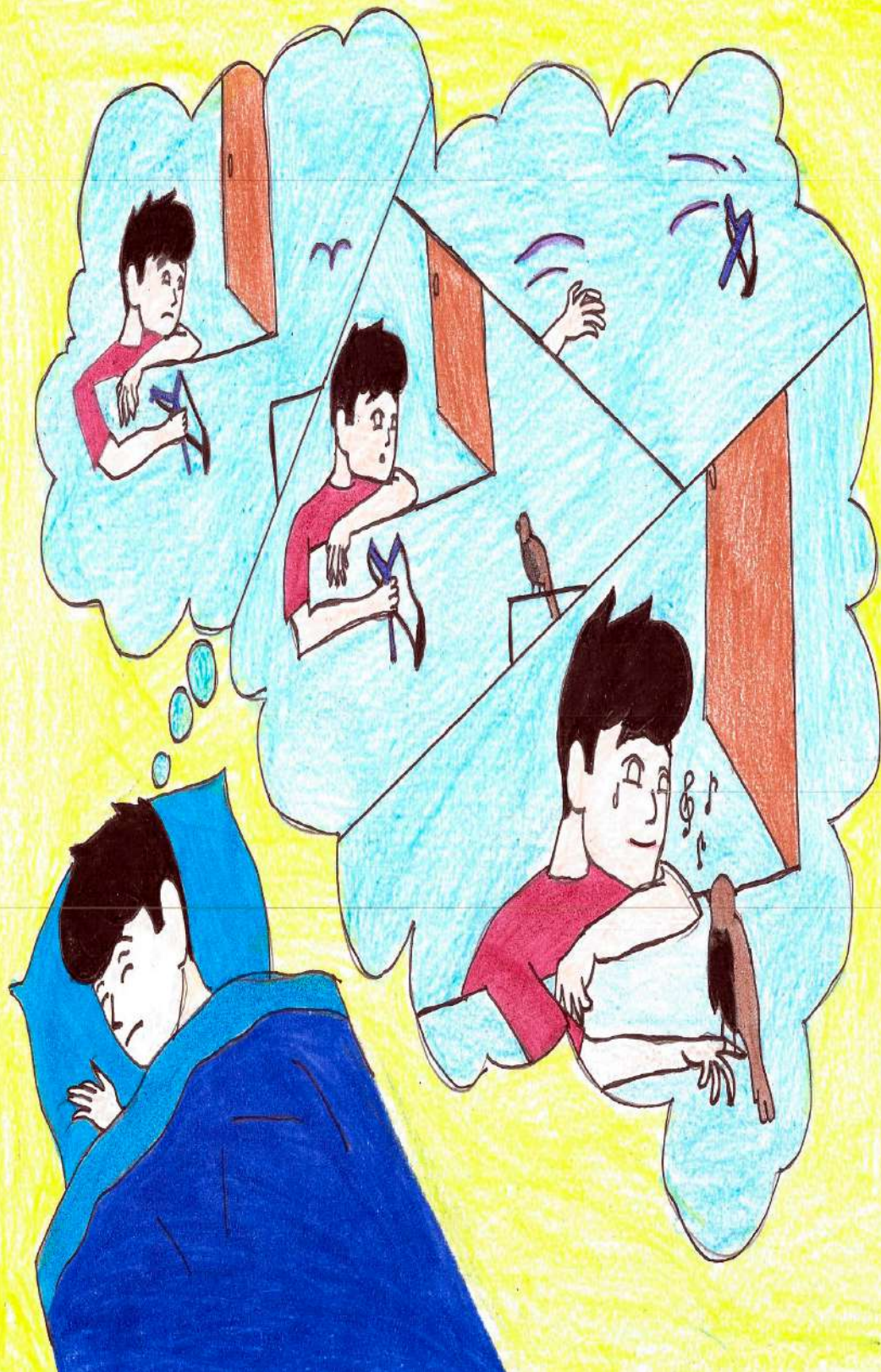
Narrador: No outro dia, Luiz foi caçar sozinho e lá, matou um curió. Quando o pássaro caiu, o seu canto foi sumindo lentamente. Isso, fez Luiz refletir fortemente o deixando triste chorando sem parar até chegar à casa de sua tia Ana.

Tia Ana: O que houve, Luiz?

Luiz: Acabei de matar um passarinho. Um ser tão inocente. Não me fazia nada, muito pelo contrário, ele me ajudava a acordar emitindo os seus sons. Agora sei que a professora e o Antônio estavam certos.

Tia Ana: Calma meu filho. O importante é que você se arrependeu do que fez.

Narrador: Luiz, logo após chegar da escola, acabou adormecendo, foi aí que...



... ao adormecer, o curió apareceu no seu sonho, trazendo consigo um cântico de perdão o qual despertou no Luiz uma inquietude muito grande e logo após uma pureza em seu coração.

Luiz: Preciso pedir perdão ao Antônio, tia. Ele só queria o meu bem. Eu vi que estava errado.

Tia Ana: Meu Luiz, que fantástico! Sim, vocês precisam se falar o mais rápido possível.

Narrador: Frente ao conselho de sua tia, Luiz resolve encontrar Antônio para então, pedir perdão.



Luiz: Antônio, eu sei que errei e por isso, venho aqui lhe pedir perdão. Analisei e percebi que sempre fui o errado da história. Um tempo brigados, não vale mais que a nossa história juntos. Por isso, eu pergunto: você me perdoa?

Narrador: Antônio com os olhos brilhando de alegria, respondeu:

Antônio: Claro, meu amigo e primo Luiz. Eu sabia que você tinha um coração bom e no momento certo iria perceber que só queria o seu bem. Eu perdoou você sim. Vem cá, me dá um abraço.



Narrador: E assim, aquela velha memória da antiga amizade e cumplicidade dos dois, voltam a ser uma nova realidade. Todos juntos voltam à escola... família unida novamente.



wesley Aquino

O 
VELHO **das**
CAJARANAS

O velho das cajaranas

Alice e as tias estavam sentadas na frente de casa. Todas as tardes gostavam de ficar na varanda conversando coisas “de mulher” enquanto se balançavam nas cadeiras de pau.

Alice disse à Joana e à Roberta que queria comer cajarana. Roberta, apontando para o rosto da menina como se fosse uma autoridade, gritou:

— Tá doida! Mulher não pode comer esse troço não!

— Oxente! Por quê? Perguntou a pequena Alice.

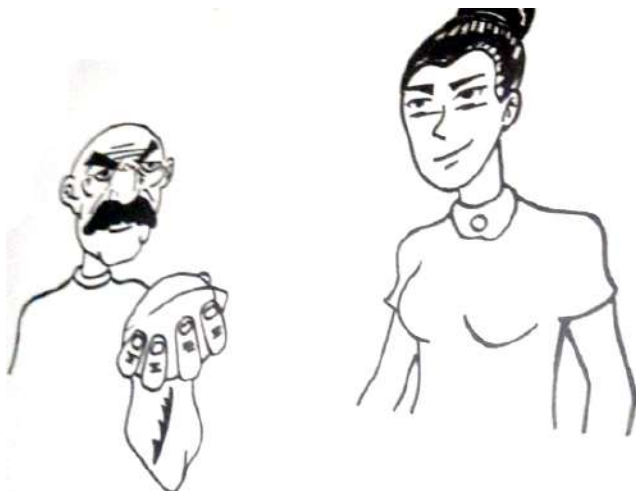
— Porque faz mal, respondeu Roberta com cara maldosa.

Assim como Eva foi expulsa do paraíso, ao ouvir aquele não, Alice sentiu-se expulsa de si mesma, dos seus sentimentos, das suas vontades.

Depois, com os olhos cobertos de lágrimas perguntou-se o “por que” as meninas não podiam fazer as mesmas coisas que os meninos, e, após pensar um pouco, avisou que iria à casa do Matheus e do Lucas.

Depois que Alice saiu, Joana e Roberta retiraram as cadeiras da varanda e entraram para a humilde casinha. Como naquela tarde receberiam visitas, tinham que preparar um bolo de macaxeira para o aniversário de Joãozinho, o priminho de Alice.

Ao passar pela rua do senhor José a menina viu um pé de cajarana no sítio, queria pedir uma, porém, lembrou que sua amiga Carla não recebeu, porque, naquele bairro, “mulheres não podem comer cajarana”. Essa lembrança fez com que ela desistisse da ideia e seguisse em frente.



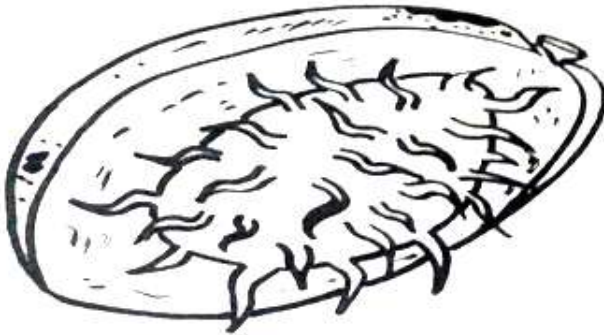
Chegando na rua Maria do Coqueiral, Alice avistou o Matheus e o Lucas brincando de bolinhas de gude na frente de casa... os

moradores da região homenagearam a senhora Maria colocando seu nome numa enorme placa azul. Era uma rua bem popular!

Quando Matheus e Lucas viram Alice, deram-lhe um abraço, eram seus melhores amigos e ao perceber sua cabeça baixa, perguntaram o que tinha acontecido.

— Tia Roberta não me deixa comer a cajarana. Respondeu.

— Mas, as mulheres não podem comer essa fruta. Disse o Lucas.



— Por que não? Questionou Alice.

— Por que os adultos não deixam. Respondeu Matheus balançando a cabeça negativamente.

— Nem sempre os adultos estão certos, Alice afirmava expressando teimosia na voz.

Depois de pensar muito, a menina decidiu retomar o caminho, ir ao sítio do velho José para pedir uma cajarana, o lugar estava localizado algumas ruas antes da Maria do Coqueiral, ficava próximo ao Colégio José Alves.

Seus amigos estavam parados, olhando um para o outro enquanto ela via o tempo dar cambalhotas. Já estava anoitecendo!

— Que horas são? Perguntou passando a mão na barriga.

Lucas levantou o braço esquerdo, olhou seu relógio, em seguida, respondeu: cinco e meia.

— Obrigada! A pequenina agradeceu enquanto refazia o caminho.

— Ei, ei, ei! Quer brincar com a gente?

— De quê?

— De bolinha de gude. Respondeu Lucas balançando o vaso de bolinhas.

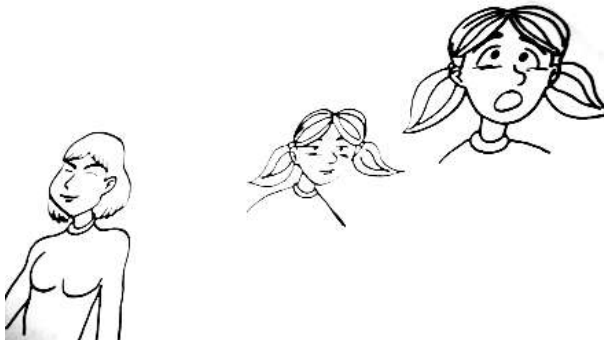
— Não! Voltarei ao sítio do senhor José!

— Mas já?

— Sim, é que estou com bastante fome e quero comer cajarana.

Após se despedir, Alice seguiu em direção ao sítio. Ela voltou saltitando pois estava muito alegre, iria ao sítio do velho José e nem Joana, nem Roberta estariam por perto.

Cantava pela rua uma musica que as crianças do bairro repetiam nas rodinhas de amigos:



Pedro Alves Cabral

Pedro Alves Cabral

Um cascudo não faz mal

Um cascudo não faz mal.

Repetia o refrão e até o gato que atravessava a rua, escutou. Agora, até o bichano sabia que Cabral, de vez em quando, saia do livro escolar para dar cascudinhos nas crianças.

Ao ver uma estrela no céu, perguntou-lhe as horas.

— Que horas são?

— Seis horas. Respondeu a linda estrela com um sorriso no rosto.

Alice começou a correr, correu tanto que as pernas batiam nas costas. Tinha pressa, prometeu chegar em casa seis e meia para a festa de Joãozinho, seu primo que vinha do interior de Salgado Filho.

No meio do caminho, encontrou o senhor José. Ele estava parado com seu chapéu escuro na cabeça e um cachimbo cinza na boca. Todas as noites, gostava de fumar na frente do sítio e de pensar na morte da bezerra.

Alice aproximou-se devagarzinho, não queria chamar atenção, o velho notou sua presença e gritou logo em seguida:

— O que ocê quer na minha residência?

— Quero cajarana!



— Mulher não pode comer essas coisas não, só os homi.

— Mas eu quero!

— Vai ficar querendo! Respondeu o velho José enquanto batia o portão.

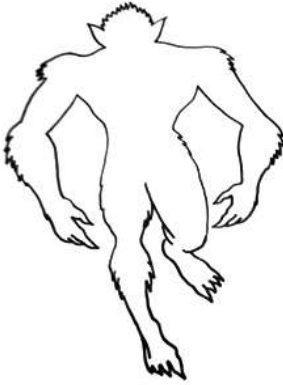
Ela ficou com raiva e novamente se perguntou o porquê meninas não podem fazer as mesmas coisas que os meninos.

Ao perceber que não havia ninguém na frente do sítio, pulou o portão e foi em direção ao pé de cajarana, queria comer a fruta a qualquer custo. Mas quando entrou teve uma grande surpresa: não havia uma cajarana sequer, todas estavam esmagadas no chão.

Morcegos voavam por toda parte. Um deles pousou em seu ombro, ela deu um tapa no bicho e gritou:

— Sai monstro!

O susto fez seu coração sair pela boca, mas isso não foi o pior, José tinha se transformado em lobisomem e vinha na direção dela. Ela correu, tropeçou no bloco que estava no caminho e caiu no chão. O lobisomem, conseguindo pegá-la, puxava-lhe a perna enquanto a curiosa pedia por socorro.



Alice conseguiu escapar, o lobisomem tentou persegui-la, ela pulou o muro e correu na direção de sua casa, o velho lobo não se misturava com a vizinhança quando estava transformado, acabou ficando no sítio durante toda mutação.

Alice chegou em casa atrasada dez minutos para a festa do priminho João, estava suada, com a cara pálida como se tivesse visto um fantasma, Roberta foi a primeira a vê-la e perguntou-lhe o motivo do atraso.

— Estava brincando de bolinhas de gude com o Matheus e o Lucas, respondeu a menina enquanto seu coração saía pela boca ao lembrar-se do senhor José transformado em lobo velho.

GLAUCILANE SILVA, LARISSA DE BRITO, LARISSA CALAZANS

Quêde mora a saúdade?



ILUSTRAÇÕES: DAVID MACEDO





Era um domingo de outono, eu estava completando onze anos. Meu pai me convenceu a ir à Praça Dom José Thomaz para passear, mas suspeitei que, na verdade, seria para me distrair justamente por causa do meu aniversário. Naquele dia, estavam todos agindo de forma estranha, desconfiei que estivessem fazendo uma festa surpresa, mas me distraí brincando e até esqueci que poderia ter uma comemoração. Era o que acontecia sempre que ia à Praça. Ficava tão feliz, esquecia de tudo a minha volta, ainda mais porque lá era meu lugar favorito para brincar. Não existe lugar melhor para se divertir do que ao ar livre, pelo menos para mim.

Já que íamos à praça, convidei Heitor, meu melhor amigo, para ir conosco. Ele sempre esteve presente em minha vida, eu não consigo descrever muito bem a nossa amizade, mas sei que as pessoas se unem quando têm algo em comum entre elas. Ele sempre esteve presente, é leal e me conhece como ninguém. Mas, voltando a falar da ida à praça... assim que chegamos, brincamos de pega-pega na quadra, subimos nas árvores e, depois de nos divertirmos muito, tomamos sorvete. Eu, de chocolate, o meu preferido, e Heitor, de flocos, como sempre.

4



Praça Dom José Thomaz

Quando peguei o sorvete, percebi que Heitor não havia me dado parabéns, então lembrei que poderia ser parte do plano para minha festa surpresa. Afinal, um melhor amigo não esqueceria do aniversário do outro.

No entardecer, voltamos para casa e, como eu suspeitava, havia uma festa surpresa com todos os meus amigos do tempo da escola, a Presidente Vargas. Como minha festa foi feita em casa, meu bolo era simples, de chocolate com granulado colorido; duas velinhas brancas com glitter com números 1, com pavio que queimava em formato de estrela. Realmente pensaram em tudo. Lembro que havia, também, muitos balões, apitos e chapeuzinhos para animar a festa.

Apesar de ter desconfiado da surpresa, fiquei muito feliz ao ser recebida com tanto carinho por todos. Acho que não suspeitaram que eu sabia da comemoração. Ganhei muitos presentes e, depois que todos foram embora os abri, finalmente, e o que mais gostei foi o de Heitor. Ele me deu um diário acompanhado de um cartão no qual estava escrito: “Laura, este é o local para escrever todos os seus pensamentos”. Heitor me conhecia muito bem. Desde então, diários viraram meus maiores confidentes, passei a escrever todos os dias, tudo o que pensava e sentia. Eu sempre gostei de ler e de escrever, vez ou outra me vinha uma inspiração e eu escrevia um poema, uma reflexão, mas agora também escrevia sobre mim.

Meu pai trabalhava em uma oficina chamada Aribé e todos os dias antes de ir para o trabalho ele passava na casa de Heitor e nos deixava na escola. Eu adorava as aulas de história e ele as de geografia. Éramos da mesma turma. Nossa escola era ótima, tínhamos professores legais (e alguns nem tanto). No intervalo sempre tínhamos o que conversar, e Heitor gostava de jogar vôlei na quadra de esportes. Enquanto ele jogava, eu lia ou escrevia no meu diário. Amava passar meu tempo livre lendo, e as árvores grandes da praça eram perfeitas para isso. Sentada embaixo delas eu nem via o tempo passar ao sentir a brisa leve de mais um dia de sol ou de chuva.

Meus dias eram muito alegres e, em muitos finais de semana, eu ia ao Cinema Plaza. Meus pais me levavam, e às vezes Heitor ia conosco. Eu adorava, era ótimo ter a presença dele! Também gostávamos de ver a movimentação da Estação da Leste, onde muitos desembarcavam dos trens. Era tão bom quando eu via tantas pessoas juntas, cada uma vinda de um lugar diferente para visitar um amigo, voltando de viagem etc. E nisso imaginávamos quando seríamos nós...



Estação da Leste

Quando eu saía cedo da escola, ia à feira com minha mãe. Tinha muita gente. Havia variedades de mercadorias, por isso sempre demorava muito nas compras. Ela gostava de conversar com as senhoras que faziam vasos de cerâmica, os aribês, famosos na nossa região, tanto que davam nome ao bairro. Lembro que eu não gostava de ficar esperando. Meus pés ficavam doendo! “Seja paciente, Laura!”, ela dizia.



Minha vida estava perfeita, até que um dia a fábrica de cimento em que o pai de Heitor trabalhava o transferiu de estado, foi aí que tudo começou a mudar...

Tínhamos 14 anos e estávamos mais próximos do que nunca, não esperávamos que íamos nos separar assim. Foi triste para nós, pois estávamos acostumados a fazer tudo juntos e, apesar de ser muito difícil, fui ajudar Heitor com a mudança. Nós ficamos responsáveis por desarrumar o quarto dele. Quando já estávamos terminando, percebemos que faltava apenas o Globo Terrestre que eu dei a ele, ainda do mesmo jeito que eu entreguei, com um cartão preso ao pé que dizia: “Independentemente de onde estivermos, estaremos sempre ligados...” Esse cartão nunca fez tanto sentido quanto naquele momento. Ao encaixotar o Globo, vimos marcados com tachinhas coloridas todos os lugares que combinamos de conhecer juntos. Se eu era a louca dos livros, ele era o louco dos planos de viagem. Sempre se imaginava conhecendo o mundo, queria visitar todos os países, conhecer culturas e comidas diferentes (Heitor sempre foi muito comilão). Eu, apesar de não sonhar tanto com isso quanto ele, ficava feliz só de imaginar que poderíamos viver muitas aventuras juntos. Mesmo com uma aparência de gente séria, Heitor sempre sabia me fazer rir. Era tímido, mas comigo ele sempre ficava à vontade para conversar e brincar. Poder estar junto dele, rindo e conhecendo coisas novas, era um plano perfeito!



Mas o dia mais triste de nossas vidas, o dia em que ele ia embora, havia chegado. Minha família e eu acompanhamos Heitor e os seus pais até a Estação da Leste, onde pegaram o trem que os levou para Minas Gerais.

— Laura, o que acha de sempre trocarmos cartas? — disse Heitor ao nos abraçarmos pela última vez.

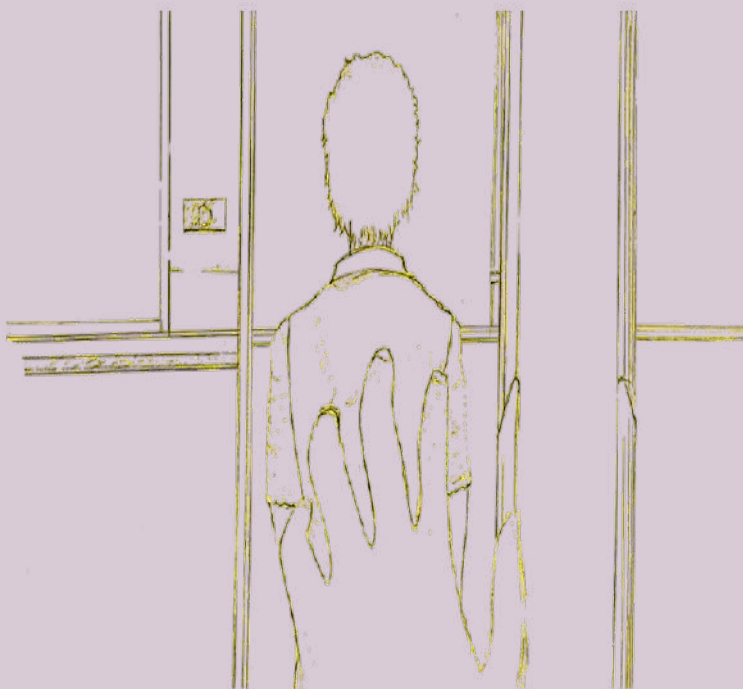
Achei uma ideia perfeita, pois assim poderíamos continuar a ser melhores amigos e, apesar da distância, ainda seríamos confidentes! Quando o trem partiu, senti que um pedaço meu foi com ele. De repente, me vi sozinha, sem meu melhor amigo. E, daquele dia em diante, minha vida não foi a mesma. As idas ao Plaza perderam o encanto, brincar na Dom José Thomaz perdeu a magia e a escola perdeu toda a graça.

Nunca esqueço o olhar de Heitor na despedida.

9



Um adeus inesperado...



Os dias foram passando lentamente e, enfim, a primeira carta chegou. Estávamos almoçando quando minha mãe me entregou um envelope.

— Agora você pode voltar a sorrir — ela disse aliviada.

Tanto ela quanto meu pai sabiam o quanto a amizade dele era importante para mim, e o quanto eu sentia falta dele. A preocupação deles com a minha tristeza tinha chegado ao fim, pois fiquei tão feliz que perdi a fome e fui correndo para o quarto, ansiosa, para ler o que ele havia escrito para mim.

11

Belo Horizonte, Minas Gerais, 4 de novembro de 1953

Oi, Laura!

Muita saudade de você e de todos! Como vão as coisas por aí? Aqui estão indo bem, mesmo não tendo me acostumado ainda...

A casa que estou morando é grande, tem um quintal enorme e minha mãe está pensando em me deixar adotar um cachorro! Não é demais?

Já estou matriculado na escola nova, mas ainda não fiz amizades por aqui pois o ano letivo está acabando e você sabe o quanto sou tímido.

Sinto falta do nosso bairro, da minha casa aí, da nossa escola, da sua companhia e dos nossos passeios.

Não se esqueça de mim, tá bom? E, assim que puder, me escreva também, quero saber de tudo por aí e todas as novidades.

Com carinho,

Heitor

12

Eu fiquei tão feliz! Heitor estava bem e estava com saudade também. Como prometido, comecei a escrever a resposta. Sabia o que escrever e queria deixá-lo atualizado dos acontecimentos do nosso bairro para que pudesse matar um pouco da saudade. Então, comecei a escrever:

Aracaju, Sergipe, 19 de novembro de 1953

Querido Heitor,

As coisas andam bem por aqui também e fico feliz em saber que você está bem por aí. Não acredito que sua mãe vai deixar você ter um cachorro, era uma das coisas que você mais pedia a ela!

Meus dias não são mais os mesmos sem você. Para que possa matar um pouco da saudade, vou falar nas cartas como o nosso bairro está. Há muitas mudanças ocorrendo, sabe? O bairro está se desenvolvendo bastante, outras pessoas estão chegando para morar aqui, e adivinha?! Vai ter uma feira de animais lá no Parque de Exposições João Cleophas nesse final de semana! Estou empolgada, queria muito que estivesse aqui para irmos juntos, mas vou te escrever tudo, com detalhes, sobre o que tiver por lá... Pode deixar que não vou te esquecer! Também não se esqueça de mim, tá?

Ah! Quanto a fazer amizade por aí, fique tranquilo! Você é um garoto muito especial, daqui a pouquinho estará cheio de amigos.

Com amor,

Laura

3

E assim ficamos, as trocas de cartas eram constantes. Recebi mais uma de Heitor que dizia:

Belo Horizonte, Minas Gerais, 5 de dezembro de 1953

Querida Laura,

Meus dias também não são os mesmos sem você, queria estar perto, independentemente do lugar. Lógico que eu preferiria minha casa aí no Aribé. Tudo aqui é diferente, sinto mais saudade do que imaginava... Apesar de sempre querer conhecer outros lugares, confesso que a saudade de Aracaju, do nosso bairro, é muito grande... Também não poder ter mais por perto a pessoa que mais ria das minhas piadas não é algo nada bom.

Minha escola nova é legal, o pessoal tem um sotaque engraçado, usam tanto “uai”, prefiro o nosso “oxente”, acho que vou demorar a me acostumar. Ela não é tão grande quanto a nossa era, mas eles têm vôlei aqui, e você sabe o quanto gosto de jogar. O professor até disse que tenho talento!

Já estou com o cachorrinho em casa, meu pai me levou a uma feira de adoção, e escolhi meu filhote, decidi chamá-lo de Flash, em homenagem ao meu super-herói favorito. É ele que me faz companhia quando a saudade aperta.

14

Promete que vai me contar tudo, tudo, tudo sobre as mudanças daí? Talvez, assim, eu me sinta mais perto de casa e, principalmente, de você. Já estou ansioso pelas próximas cartas...

Com carinho,

Heitor

Hoje, ao lembrar de tudo isso, consigo me dar conta facilmente que o meu sentimento por Heitor era algo para além da amizade, mas eu era uma menina, mal havia começado a vida e não tinha me dado conta de que ele era uma pessoa que eu queria sempre ao meu lado... Mas, voltando para as minhas histórias... O tempo foi passando, às vezes saía com outros amigos da escola, tentava me divertir ao máximo. Eu sabia que, apesar da distância e da saudade que sentia, teria que seguir a vida feliz com a esperança de que no futuro poderia vê-lo de novo.

Continuamos trocando cartas. Depois de receber a que eu falava sobre a exposição do parque, mandei outra dizendo como foi lá.

15

Aracaju, Sergipe, 20 de dezembro de 1953

Heitor,

Estou escrevendo desta vez para te contar do meu passeio ao Parque de Exposições João Cleophas. Só faltou você!

Para que você não se sinta excluído, vou descrever tudo com detalhes: É uma exposição de animais! Cavalos, éguas, bois, vacas, bodes, cabras, pôneis de várias raças. Depois de passear e ver todos os animais, assistimos ao leilão (o boi mais pesado arrematado no leilão, da raça InduBrasil, pesava 15 arrobas). Você iria amar!

Depois do leilão, tinha um trio pé de serra tocando aquele xote que você gosta. A exposição durou três dias, acabei indo apenas no segundo dia, mas deu para ver a corrida de tambor. Eram três tambores formando um triângulo na arena. O cavalo que desse a volta mais rápido e sem encostar em nenhum tambor, ganharia. Foi uma competição curiosa. Fiquei fascinada!

Como estão as coisas por aí? E o vôlei? E Flash?

Ah, quase esqueci de te contar, mudarei de escola. Agora irei estudar na Escola Estadual Professor Acrísio Cruz.

O Natal está próximo. Você sabe o quanto eu gosto dessa época, mas esse ano a ceia aqui em casa não será a mesma sem vocês. Como vocês pensam em comemorar o Natal aí? A cidade está enfeitada? Aqui está tudo lindo, as árvores da praça estão com luzes coloridas!

Sinto sua falta todos os dias, nunca se esqueça de mim. Tenha um feliz Natal!

Com amor

Laura



Sempre havia novidades no bairro e eu não deixava de contar para Heitor. Parecia que ele estava vivendo tudo comigo quando eu partilhava com ele, pois ele amava o nosso lugar tanto quanto eu, mas uma coisa me preocupou: ele não respondeu minha última carta. Apesar disso, enviei outra.

Aracaju, Sergipe, 29 de janeiro de 1954

Heitor,

Você não vai acreditar! A fábrica de cimento que seu pai trabalhava fechou... Ouvi dizer que muitos operários e pessoas do bairro tiveram complicações de saúde e por isso decidiram fechá-la. Muita gente ficou desempregada. Ao saber disso, pensei em você e sua família. Vocês estão bem? A filial aí em Minas Gerais ainda funciona?

Ah! Dona Tereza, aquela vizinha que nos dava doce no dia de São Cosme e Damião, comprou um telefone! Eu nunca tinha visto um, a não ser em jornais. Você tem? Se tiver, escreva seu número na próxima carta. Vou pedir à dona Tereza para te ligar! Será muito bom ouvir a sua voz de novo. Por favor, me responde... estou muito preocupada.

Com amor,

Laura

17

Essa ausência de respostas me deixava tão aflita. Eu não recebi número de telefone, não recebia nenhuma notícia. Meus pais também estavam muito preocupados, mas o que podíamos fazer? Não conhecíamos ninguém em Minas Gerais a não ser Heitor e seus pais. O jeito era esperar e torcer para que estivesse tudo bem.

Eu não deixava de escrever para Heitor, sentia falta dele, todos os dias. Fazia de tudo para pensar positivo e inventava mil coisas na minha cabeça para dar uma explicação àquele sumiço. Conheci outros garotos, gostei de alguns, no tempo do ensino médio, mas por nenhum sentia o que senti por Heitor. Eu estava com 15 anos, continuava amando escrever e comecei a ficar curiosa com os acontecimentos do meu bairro, partilhei tudo com Heitor, como prometemos na despedida, mesmo sem muita esperança de resposta.

Aracaju, Sergipe, 25 de março de 1954

Heitor,

Estou impressionada com a quantidade de pessoas que estão vindo morar aqui: retirantes que fogem da seca, da fome, do desemprego, que buscam melhorias. Como já disse, aqui mudou muito. Estão surgindo muitas vilas, tantas casinhas de palha. Fico pensando nas dificuldades dessas pessoas até chegarem no bairro. Nós não somos ricos, mas o emprego de papai faz com que não nos falte nada. Eu espero que essas pessoas também consigam melhorias em suas vidas.

Queria que estivesse aqui para ver comigo, cada dia que passa sinto mais a sua falta...

Continuo à espera de respostas suas. O que aconteceu, Heitor? O que aconteceu de tão grave para não me responder mais?

Com carinho,

Laura

E, assim, continuei observando os avanços do bairro que até mudou de nome, o antigo Aribé se tornou Siqueira Campos, uma homenagem ao militar que participou do Tenentismo e da Revolta dos 18 do Forte. As ruas começaram a ter nomes interessantes em homenagem aos Estados do Brasil.

Depois de alguns meses, escrevi para Heitor, queria atualizá-lo, mesmo sem saber se ele recebeu as últimas cartas. Eu estava bastante preocupada, mas tentava pensar que ele devia estar muito ocupado, não tinha tempo ou, quem sabe, estivesse planejando uma visita surpresa!

19

Aracaju, Sergipe, 7 de agosto de 1954

Heitor,

Espero que esteja tudo bem, você não respondeu minhas últimas cartas, estou aflita!

Estou te escrevendo pra te contar sobre as mudanças daqui. Nosso bairro mudou de nome. Agora se chama Siqueira Campos e, na aula de história, a professora explicou que é em homenagem a um militar que participou do Tenentismo e da Revolta dos 18 do Forte, no Rio de Janeiro. Ele foi um dos únicos que sobreviveu. Muitas ruas estão mudando de nome em homenagem aos estados da federação, a minha rua agora se chama Rio Grande do Sul, a sua ficou como Distrito Federal. Não gostei muito do novo nome do bairro, o antigo tinha mais a ver com a identidade cultural e histórica daqui. Siqueira Campos nem nordestino era!

Agora temos uma biblioteca fora da escola, foi inaugurada mês passado, se chama Clodomir Silva. Podemos consultar os livros e até levá-los para casa emprestado. Imagina, nós dois lá, podendo escolher o que quiser para ler...

Outra coisa: temos um poeta morando aqui no bairro, o nome dele é Santo Souza, ele é muito inteligente, aprendeu a ler e escrever sozinho... fiquei pensando, inclusive, se um dia eu vou ter um livro publicado, você sabe o quanto eu sou apaixonada por livros. É um sonho para o futuro...

Parece besteira, né? Mas como prometi te contar tudo, é exatamente o que vou fazer, mesmo você não fazendo o mesmo.

Laura

5

Algumas semanas após o envio da última carta, estava ficando ainda mais preocupada, não sei como aguentava tanta aflição. Meus pais estavam preocupados com a minha teimosia, pois, apesar de não ter mais resposta alguma, eu insistia em continuar mandando cartas. Eles não viam sentido nenhum nisso, já para mim era uma forma de não deixar morrer a esperança de um dia ler uma carta de Heitor novamente.

Me questionava sempre sobre o que poderia ter acontecido. Pensei que as cartas realmente poderiam ter se perdido nos correios, porque não conseguia imaginar que Heitor pararia de responder de repente, afinal, ele havia me prometido. Estava sendo angustiante esperar notícias dele. Essas semanas transformaram-se em meses e, então, passou o primeiro ano sem qualquer informação sobre Heitor. Foi um ano nos correspondendo e agora, nada... Um ano sem notícias, o que haveria acontecido com ele? Ainda sentia saudades! Mas o que poderia fazer?! A essa altura eu já estava sem esperanças de ter uma resposta do meu amigo. O que confortava meu coração era observar o desenvolvimento do bairro, o Siqueira Campos tornou-se um lugar conhecido por vários motivos e um deles era a diversidade religiosa, chegaram no bairro grandes igrejas como a Assembleia de Deus, Universal (que, inclusive, foi construída no lugar do cinema Plaza, nosso cinema favorito), centros espíritas, terreiros de Candomblé. Apesar de eu ser católica, fico feliz em ver que todos podem professar sua fé.

21

O lugar que mais parecia um povoado quando Heitor ainda estava aqui passou a ser um segundo centro comercial dentro da Capital. Clínicas médicas começaram a ser instaladas, a rua Bahia é famosa pelo seu vasto número de consultórios. Ao ver toda essa mudança e todo esse crescimento, resolvi tentar mais uma vez, mais uma carta, uma amizade como a nossa não podia se desfazer assim!

Aracaju, Sergipe, 12 de setembro de 1955

Heitor,

Novamente te escrevo em busca de informações sobre você e sua família. Estou muito preocupada...

Mas vamos às novidades... uma das ruas, agora chamada rua Bahia, está lotada de clínicas médicas, não precisamos nem sair do nosso próprio bairro para fazer qualquer tipo de exame ou consulta. Além disso, nosso bairro conta até com um estádio chamado João Hora de Oliveira, a comunidade está vibrando de alegria por causa dessa nova conquista. É do Clube Sportivo do Sergipe, eles que organizam e cuidam da manutenção, o estádio é enorme.

Agora uma notícia ruim: o Plaza fechou, para dar lugar a uma das inúmeras igrejas que chegaram aqui, inclusive de variadas religiões, muitos são contemplados agora com templos que são de acordo com suas crenças.

Espero que esteja tudo bem com você e seus pais, aguardo sua resposta...

Laura



Com evolução do bairro, eu não sentia vontade de me mudar, via que tudo o que eu precisava estava aqui, minha família, amigos, tudo. E aquele sonho de conhecer o mundo junto com Heitor já era algo tão distante da realidade... Não sabia o que havia acontecido, se estava bem ou se apenas cansou de mim e de escrever.

“Será que ele fez novas amizades e esqueceu de mim? Será que ele se mudou novamente? Caso tenha se mudado, por que não me falou o novo endereço? Será que ele está bem? Será que está tudo bem com a família dele? Ai meu Deus, será que ele está namorando? Será que a namorada sentiu ciúme? Não gostou de saber que o namorado se correspondia com uma amiga? Não acredito que ele me trocou por uma namorada!” Esses eram os meus pensamentos, eu tentava entender o porquê desse sumiço, e tudo que eu pensava era que ele estava namorando alguém e me esqueceu. Foi aí que comecei a entender meus sentimentos por Heitor. Havia pensado nisso antes, mas agora eu estava mais madura para compreender. Eu o amava e por isso decidi escrever uma última vez.

Aracaju, Sergipe, 27 de abril de 1956

Heitor,

São quase três anos sem notícias. Já estive preocupada, com raiva, aflita, angustiada e principalmente chateada. Não sei porque ainda insisto em te escrever.

Tudo mudou em minha vida desde que você se foi, porém não achei que a nossa amizade, que eu acreditava ser tão verdadeira, fosse mudar também.

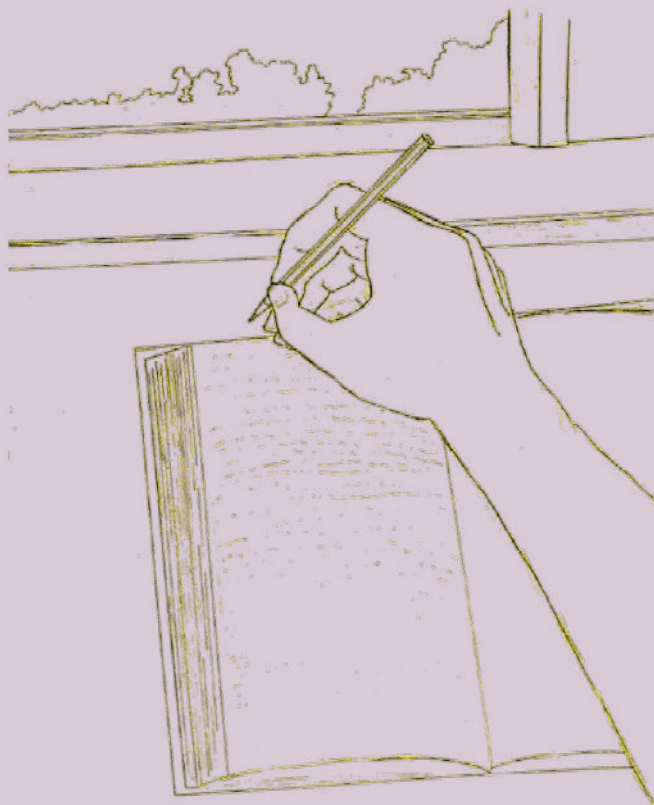
Eu espero, do fundo do meu coração, que você e sua família estejam bem, mas essa é a última carta que envio, pois cansei de esperar por você.

Teria muito mais coisas a dizer, mas, para o meu bem, vou parar por aqui.

Seja feliz.

Laura

Com tudo isso passando em minha mente e em meu coração, continuei escrevendo no meu novo diário, algo que me lembrava muito Heitor e me aproximava dele de alguma forma que nunca consegui explicar. Coloquei todos os meus sentimentos, minhas dúvidas, questionamentos internos e, principalmente, a saudade de Heitor e as preocupações com ele nas páginas dos meus diários, e não foram poucos, mesmo estando chateada. Pode-se dizer que Heitor, meu melhor amigo, me ajudou muito, pois sem ele aqui tenho meus diários, maiores confidentes, que foi uma ideia dele desde o princípio, como este no qual escrevo.



6

Cinco anos depois, em um domingo à tarde, como aquele dia inesquecível do meu aniversário de onze anos, avistei uma pessoa que parecia já ter visto antes. Depois de um certo esforço, admito, reconheci que era Heitor que se aproximava. Seu rosto não mudou nada, sua aparência continuava sendo de uma pessoa séria, porém, estava bem mais alto, mais forte (confesso, estava mais lindo do que lembrava, podia ser uma peça do tempo em minha memória ou realmente ele estava mais bonito...) meu coração acelerou! Sentia um misto de sentimentos, saudade, vontade de correr e abraçá-lo, mas ao mesmo tempo tinha mágoa por ele não ter mandado mais notícias, porém agora, com ele diante dos meus olhos, vi que ele estava bem.

Trocamos olhares, intensamente, como se nunca tivéssemos ficado separados na vida! Achei que meu coração ia sair pela boca, será que Heitor também estaria sentindo a mesma coisa em me ver? Quem diria que uma simples ida à praça, como normalmente faço, me levaria em, praticamente, uma viagem de volta ao meu passado, minha infância, meu primeiro amor e melhor amigo...

Seu olhar estava tão intenso, me desconcertou totalmente, não consigo descrever... talvez, seja porque não esperava revê-lo depois de todo esse tempo distante e após tantos anos sem notícias dele. Eu, até então, não sabia se a saudade morava só comigo ou também com ele!

Por onde ele andou? O que conheceu? O que viu? O que viveu? E mais importante de tudo: haveria uma explicação para o silêncio de todos esses anos?





— Eu não esqueci de você...

(Fim das páginas de mais um diário.)

NA ONDA DE

INARA



CARLA LAUANE COUTO FREITAS

TÍTULO
Na Onda de Inara

ILUSTRADO POR
Luan Dias da Silva

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Leonardo Breno

Carla Lauane Couto Freitas

NA ONDA DE INARA



Em uma noite de verão, os quatro amigos: Inara, João, Heloísa e Bia estavam entediados pensando em algo para fazer na grande Aracaju. Conversa vai, conversa vem, surgiu a ideia de irem à praia. Bia estava um tanto quanto inquieta com a ideia porque sabe o quanto a praia é perigosa no período da noite e já havia escutado histórias sobre coisas estranhas que aconteceram ali. Como os amigos não deram ouvidos a ela resolveu acompanhá-los mesmo assim, ao menos para garantir que nada de ruim ocorresse.

Saíram de casa tarde da noite e pegaram um ônibus rumo a seu destino. Chegaram então na praia da tão frequentada Cinelândia, localizada na Orla de Atalaia. Procuraram um lugar para se sentar e começaram a conversar na areia, enquanto bebiam refrigerantes; só que Helô, como era chamada, que não é flor que se cheire, começou a incentivá-los a entrar no mar – coisa que não foi planejada para a saída. Apesar de os outros três mostrarem resistência para não entrar no mar, acabaram por aceitar a sugestão – menos a Bia, que bateu o pé e disse que ficaria de fora só observando e guardando as roupas.





Helô, outra vez soltou mais uma pérola, sugerindo que entrassem sem roupa. Ao entrarem no mar, tudo estava aparentemente perfeito e divertido, e Bia passou até a cogitar entrar, vendo o quanto eles estavam rindo alto e jogando água uns nos outros, quando de repente algo mudou.

Tudo aconteceu muito rápido: João, como sempre muito bobo, começou a fingir que estava se afogando.

– João, deixe de ser sem graça, pare com isso. Você tá me assustandoooooo!!!! gritou Helô

João apareceu na superfície soltando uma gaitada e foi logo em direção a Helô para abraçá-la, quando de repente tropeçou em algo no fundo, e sumiu. Quando as outras duas perceberam o sumiço, foram logo puxadas para dentro do mar.



Bia, que estava sentada na areia um pouco desatenta admirando a quantidade de estrelas que tinha no céu, se assustou ao ouvir o grito de Helô e se levantou às pressas para entender o que estava acontecendo, mas antes mesmo de chegar no mar, Helô e Inara também tinham sido puxadas.

02h35min, Bia já não sabia mais o que fazer, desesperada gritando para os amigos e pedindo ajuda, mas como já era tarde, a praia estava deserta e ninguém a ajudara.

Minutos antes de a tragédia acontecer, algo passou perto de João, porém ele não se importou e continuou a se divertir com Helô e Inara, as chamando cada vez mais para o fundo. Não demorou muito para serem puxados, mas logo foram soltos.

Tinham várias redes com muito lixo dentro e isso fez com que quando a onda batesse puxassem eles para o fundo. Como a maré estava alta, Bia não conseguia enxergar o que estava acontecendo e continuava a se desesperar chamando por seus amigos.



Até o momento o medo já tinha passado, por mais que fosse algo para refletir, sobre como a ignorância do homem em si pode assustar alguém, João lembrou-se de Bia e chamou as meninas para voltar à beira da praia e avisá-la sobre o ocorrido e que estava tudo bem, quando, de supetão, algo passou muito rápido pelas pernas de Inara e mordeu com muita força sua perna esquerda. O desespero tomou conta. Era um filhote de tubarão que veio arrastado pela rede.



–Alguém me ajude!!! – gritou Inara. – Tem alguma coisa me mordendo e tá doendo muito!!!!!!!

–Inaraaaaaaaaa!!!! Pegue minha mão e não solte. – bradou desesperadamente João.

–Não consi... – tentou dizer Inara, que tentava sair à superfície e logo era puxada.

–Eu não saio sem você!! Por favor, me dê a mão! - gritava João.

Helô já estava a chegar na beira da praia quando Inara gritou para João:

–Eu não vou resist... por favor... saia logo antes que te ataq... – Cada vez mais Inara se afogava e não conseguia terminar o que queria dizer...



João, muito confuso e desesperado sem saber o que fazer e o que falar, mesmo aos prantos fez exatamente o que Inara pediu. Quando chegou à beira da praia, pouco esperançosos, todos olharam para o mar para tentar ver se sua amiga Inara conseguira se salvar. Ficaram olhando para o mar por minutos que mais pareciam horas, seus corações não aguentavam mais de tanta aflição. Bia chorava muito abraçada a Helô, que estava desamparada. Nada mais podiam fazer.

Ainda acreditando na saída de Inara, João olhava fixamente para o mar. Começou a se aproximar ao notar algo incomum: uma luz. Um brilho que estava sendo levado pelas ondas, adentrando o mar, ficando cada vez mais forte. João, com os olhos marejados e inchados de tanto chorar, se virou para as meninas – que tinham acabado de perceber o brilho – deu um sorriso e disse:

– Aquele brilho é Inara... ela sempre foi assim, possui de tudo um pouquinho, às vezes calada e às vezes exagerada; às vezes ria até a barriga doer, às vezes no cantinho dela só ouvindo as pessoas falando; às vezes amadora e as vezes o próprio amor; mas só às vezes, porque no fim, ela é a própria luz, e agora faz parte de nós e do mar.



O silêncio tomou conta e, a partir daquele dia, Inara se tornou a luz da Cinelândia.

ELUZ SETORNOU.....

O TESOURO QUE BRILHAVA A MIL MILHAS DAQUI



ROZANA SILVA DA CUNHA SANTOS
HIVANILDA SILVA DOS SANTOS

O TESOURO QUE BRILHAVA A MIL MILHAS DAQUI

Rozana Silva da Cunha Santos
Hivanilda Silva dos Santos

Ilustrações:
Luciano Silva da Cunha
Rozana Silva da Cunha Santos

Esta é a história de um menino que se chama Pedro, que vivia em uma pequena vila de pescadores no bairro Atalaia, era um lugar tranquilo com pessoas bem acolhedoras, o sonho do menino era viver uma grande aventura. E para realizá-lo ele precisava encontrar um amigo para juntos se aventurarem, mas, os poucos garotos que viviam ali, não queriam serem amigos de Pedro, porque a maioria gostava de pescar junto com seus pais, já Pedro nunca gostou.

Mesmo assim, a falta de amigos não entristecia Pedro, ele continuava sendo feliz, e todos os dias saía para brincar sozinho nos manguezais, na praia, debaixo de coqueiros e cajueiros, vivia feliz a sonhar, naquele belo lugar.

Certo dia, como de costume Pedro saiu sozinho para brincar na mata, mas em meio ao silêncio ele começa a ouvir uma voz, fica assustado, porque nunca havia ouvido aquela voz antes, era uma voz muito estranha.

Que dizia: — Olá, olá menino solitário, que observo todos os dias a brincar!

Pedro ficou assustado, se encostou em um cajueiro para tentar se esconder da voz desconhecida, e mais uma vez ele ouviu a voz:

— Oi, garoto! Quer ser meu amigo? — Perguntou a voz misteriosa.

— Mas quem é você? Você é um fantasma? — Perguntou Pedro.

Do nada, caiu um caju na cabeça de Pedro, e ao olhar para cima ele descobriu que não existia fantasma nenhum, era um papagaio.



— Ah, então era você a voz que estava me assustando! Disse Pedro.

— Sim, eu mesmo e vou logo me apresentando. Meu nome é Akaiu e quero ser seu amigo. — Respondeu o papagaio.

— Nossa! Que legal! Agora terei um amigo pra viver grandes aventuras! Era tudo o que eu mais queria.

No mesmo instante, em meio ao silêncio, eles começaram a ouvir um barulho vindo na direção do rio. Imediatamente Pedro subiu no topo do cajueiro enquanto Akaiu voou no mesmo sentido. Os amigos observaram que havia chegado uma embarcação misteriosa, diferente da que eles estavam acostumados ver. Depois disso eles voltam assustados para casa.

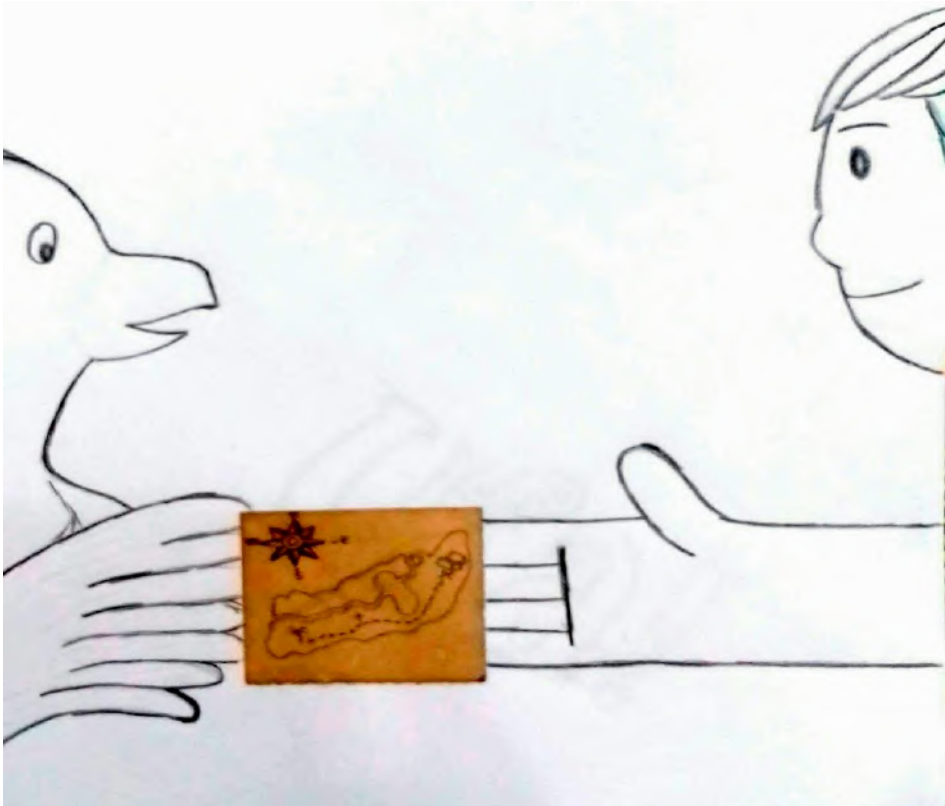
No dia seguinte, Akaiu e Pedro retornaram para o local, subiram no cajueiro e de longe avistaram que algo está sendo construído.

Akaiu decidiu se aproximar da embarcação para tentar descobrir algo e logo ver um mapa que estava bem próximo ao porão. Sem pensar duas vezes, decidiu carregá-lo e, por pouco, quase foi capturado por um dos piratas. No mesmo instante, Pedro do alto do cajueiro percebeu que Akaiu está sendo perseguido e desceu o quanto antes. Os dois fugiram na mesma direção, até que enfim conseguiram escapar.

Ufa!

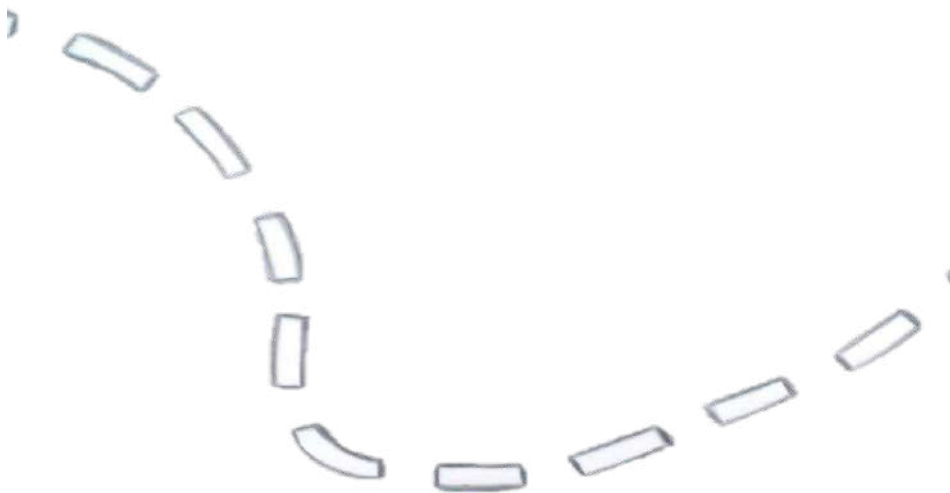
Foi emocionante! — Disseram os amigos em sincronia, e logo em seguida pularam de alegria.

Já era noite quando os amigos chegaram na pequena vila de pescadores. Com o mapa em mãos, eles começam a imaginar o que teria chegado na embarcação misteriosa.



A maior suspeita era que existisse um tesouro, que iria ser deixado ali, em algum lugar. Porém, depois de um dia de aventura, os amigos acabam dormindo.

No dia seguinte Pedro e Akaiu planejaram continuar a sua missão, em busca do tesouro, mas perceberam que o mapa estava em branco, e logo ficaram surpresos, afinal eles haviam visto na noite anterior as pistas para encontrar o possível tesouro.



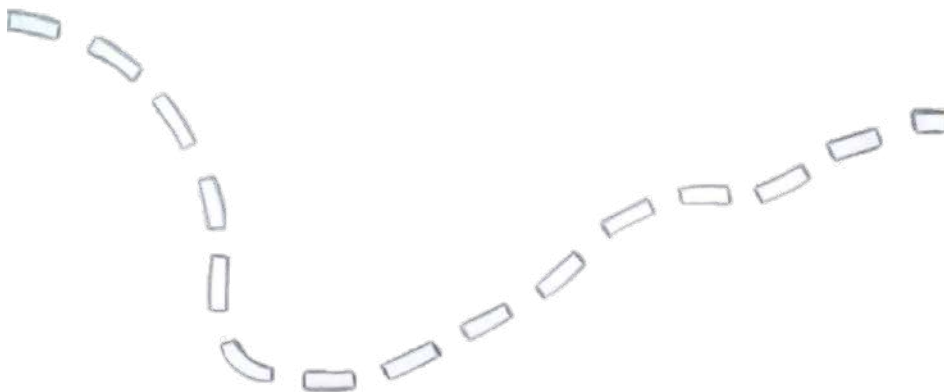
Mesmo identificando o problema, levaram o mapa com eles. Ao chegarem próximo ao local tiveram duas surpresas. A primeira foi ter visto que o mapa estava com as pistas. Não acreditaram! Descobriram que o mapa era mágico e que as pistas do tesouro só apareciam naquele local. Mas ficaram mais encantados com a segunda surpresa, que mesmo vista de longe em meio aos coqueiros e cajueiros, acabou deixando os amigos mais curiosos! Naquele momento, mais do que nunca, eles queriam

saber o que os piratas estavam construindo. Sabiam que seria alguma coisa extraordinária, algo grande, feito de ferro que a cada minuto ficava cada vez mais alto.

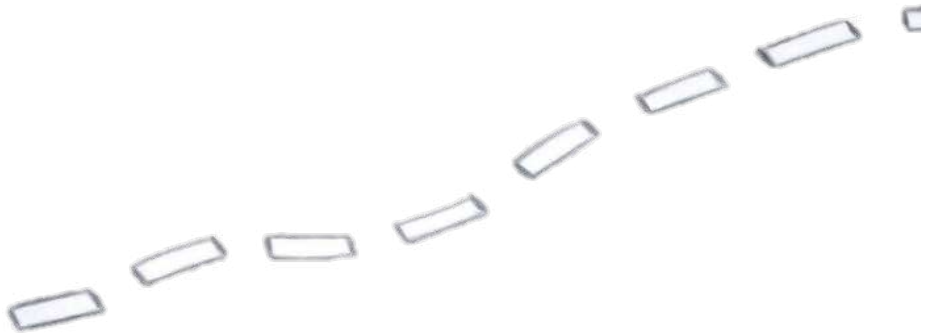
— Foi então que Pedro olhou para Akaiu e disse:
— Temos que encontrar esse tesouro, Akaiu! Com ele poderemos ajudar a todos que vivem aqui.

— Vamos viver uma grande aventura respondeu Akaiu.

— Calminha, Akaiu! Disse Pedro — Assim que os piratas forem embora.



Depois de vários dias observando a construção, os amigos viram que a embarcação não se encontrava mais ali, e certamente os piratas também não.



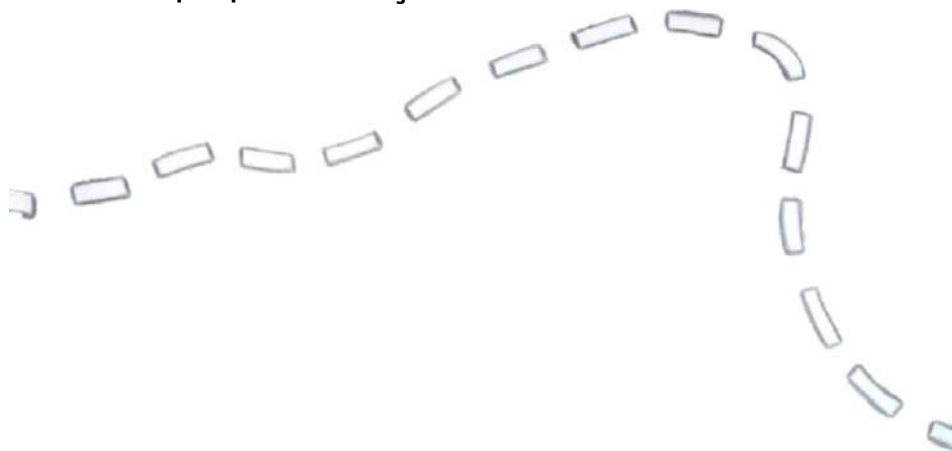
Naquela hora, então, eles poderiam chegar próximo daquele monumento construído pelos piratas e finalmente poderiam começar a busca pelo tão sonhado tesouro.

Ao chegarem no local os amigos ficam encantados com o que viram. Akaiu perguntou: O que é isso? — Pedro surpreso, logo respondeu: — Nossa! Akaiu, isso é um farol.

- Agora temos que começar a busca pelo tesouro.
- Disse Akaiú. Isso mesmo, afinal temos o mapa em mãos.



Os amigos não queriam perder mais tempo... No mesmo instante Akaiu pegou o mapa na bolsa de Pedro e começou a seguir todas as pistas presentes naquele mapa mágico. Depois de caminharem bastante pelas redondezas do farol, perceberam que estavam caminhando em círculos. Já exaustos, eles decidiram não mais seguir o mapa. A partir de então, seguiriam apenas as suas próprias intuições.



Já cansados, por conta do sol forte, sentaram na base do farol, em uma parte onde existia uma leve sombra, já que aqueles poucos minutos de descanso ajudariam os amigos a pensarem quais seriam os seus próximos passos na aventura. Foi, então, que os dois encostados na ferragem do farol olharam para aquele lindo céu azul com um belo sol brilhando. E eis, que Akaiu teve uma brilhante ideia.

Olhou fixamente para Pedro, e disse: — vou voar até o topo! Já que ele é alto, talvez eu consiga avistar alguma pista que nos ajude.

— Ótima ideia Akaiu, ficarei aqui aguardando. Disse Pedro.

Chegando no topo, Akaiu não encontrou nada, nenhuma pista. Porém, ele se encantou com um objeto que ficava no centro do alto farol, uma grande esfera de vidro transluzente. E como era curioso, desceu para perguntar a Pedro o que era aquele objeto, e Pedro logo disse: — Imagino que você esteja se referindo à lâmpada. Não se preocupe! ela não é o tesouro. Mas Akaiu decidiu voltar ao topo para olhar mais de perto para a lâmpada que havia chamado muito a sua atenção. Algo inesperado aconteceu. Ele ficou com uma asa presa entre um dos vão do farol. Akaiu começou a se debater e pediu socorro desesperadamente.

— Pedro me ajude, estou preso, gritou Akaiu.

Pedro subiu de imediato e finalmente conseguiu desprender a asa de Akaiu, que ficou um pouco machucada e impossibilitou que ele voasse naquele momento. Depois desse susto, os amigos aproveitaram a bela vista que tinham do alto e ficaram mais uma vez maravilhados com o farol, mas não podiam perder mais tempo e, logo em seguida, descem.

Estavam com tanta sede, que precisaram caminhar em direção ao rio Cotinguiba para se refrescarem. Mas, no meio do caminho, ouviram ruídos de passos no local. Assustados, tiveram a sensação de que estavam sendo seguidos, pararam e observaram por todos os lados, mas não viram ninguém. Ignoraram o barulho e seguiram em direção ao rio de Águas Cristalinas, curvaram-se para beber a água e puderam ver que, além do reflexo dos seus rostos, o rio também refletia o farol como num espelho.



Então, Pedro falou sem conseguir piscar. — Akaiu, você percebeu que o farol nos encanta mais do que o próprio tesouro que estamos tentando encontrar?

Akaiu olhou para o amigo e respondeu: — Verdade Pedro! Ele é a coisa mais bela que já vimos.

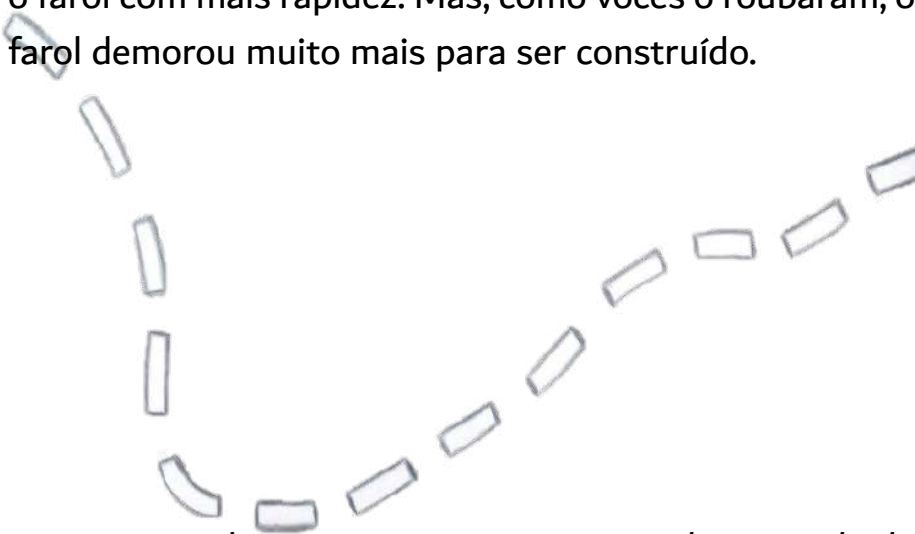
Em meio ao silêncio, os amigos viram que a embarcação misteriosa estava voltando. Em seguida, começaram a fugir, mas não imaginariam que estavam prestes a cair em uma armadilha feita com rede de pesca e escondida entre as folhas. Foi então que, ao passarem entre dois cajueiros, os amigos foram capturados. Assustados, Pedro e Akaiu, dessa vez, não conseguiram escapar, o pirata que estava o tempo todo seguindo os amigos, apareceu e disse: — Vocês estão com algo que me pertence! Pensaram que iríamos embora sem recuperar o mapa?

Os amigos trêmulos disseram: — Não sabemos de nada, nunca vimos mapa nenhum.

Enfurecido o pirata gritou: — Eu conheço você, papagaio! Foi você que roubou o mapa no porão da nossa embarcação! E não adianta mentirem! Só serão libertados, se me devolverem.

Tremendo de medo Pedro disse: — Estamos, sim, com seu mapa. Eu e meu amigo queríamos encontrar o tesouro para ajudarmos o nosso bairro a crescer e temos certeza de que vocês o esconderam em algum lugar.

No mesmo instante, ao ouvir aquilo, o pirata começou a dar gargalhadas. E disse aos dois: — Esse mapa contém apenas as instruções que seriam usadas para construirmos o farol com mais rapidez. Mas, como vocês o roubaram, o farol demorou muito mais para ser construído.



Em seguida, o pirata passou sua espada na corda da armadilha e: Puff! Os amigos caíram no chão. Enquanto se levantaram, o pirata pediu que abrissem o mapa e vissem com os próprios olhos. Quando abriram, os amigos não acreditaram que o mapa não era o mesmo. Naquele só havia o desenho do próprio farol e as instruções para construí-lo.

Os amigos olham para o pirata e o primeiro a falar foi Pedro: Como assim? Tínhamos visto algo diferente! Não era isso que está aí agora.

Em seguida Akaiu, lembrou: — Pedro, ele está tentando nos enganar. Lembra quando levamos o mapa para casa? As pistas não apreciam! Pode estar acontecendo alguma magia novamente.



Os amigos nem medo do pirata tinham mais, porque não se conformavam em não ter encontrado o tesouro. Ficaram completamente entristecidos.

De repente, o pirata, em outro tom de voz: — Meninos, vocês queriam tanto viver uma grande aventura, que criaram na imaginação de vocês coisas que não existem! Fiquem felizes, afinal vocês conseguiram realizar uma grande aventura. A melhor parte é saber que vocês conseguiram achar o tão sonhado tesouro!

— Encontramos? Perguntou Pedro.





E, no mesmo instante, Akaiu indagou: — E onde está ele? Foi quando o pirata apontou para o farol e disse: — Esse é o tesouro que vocês estavam à procura, ele vai servir de guia para as embarcações que chegarão ao estuário do rio Cotinguiba, será muito importante não só para o crescimento do bairro como também para o progresso da capital sergipana. Agora terei que partir e comigo levar o mapa, para quem sabe construir um outro farol em algum lugar desse mundo. Então, os amigos se despedem do pirata, que antes eles acreditavam ser um inimigo, mas que, na verdade, se tornou um grande amigo inesquecível.

Já era noite quando eles chegaram na pequena vila. Pedro reuniu todos os moradores em volta de uma fogueira e contou a história vivida por ele e por Akaiu, mas, é claro, que ninguém acreditou. Isso não importava! Eles sabiam mais do que ninguém a aventura que carregariam em suas memórias e em seus corações.

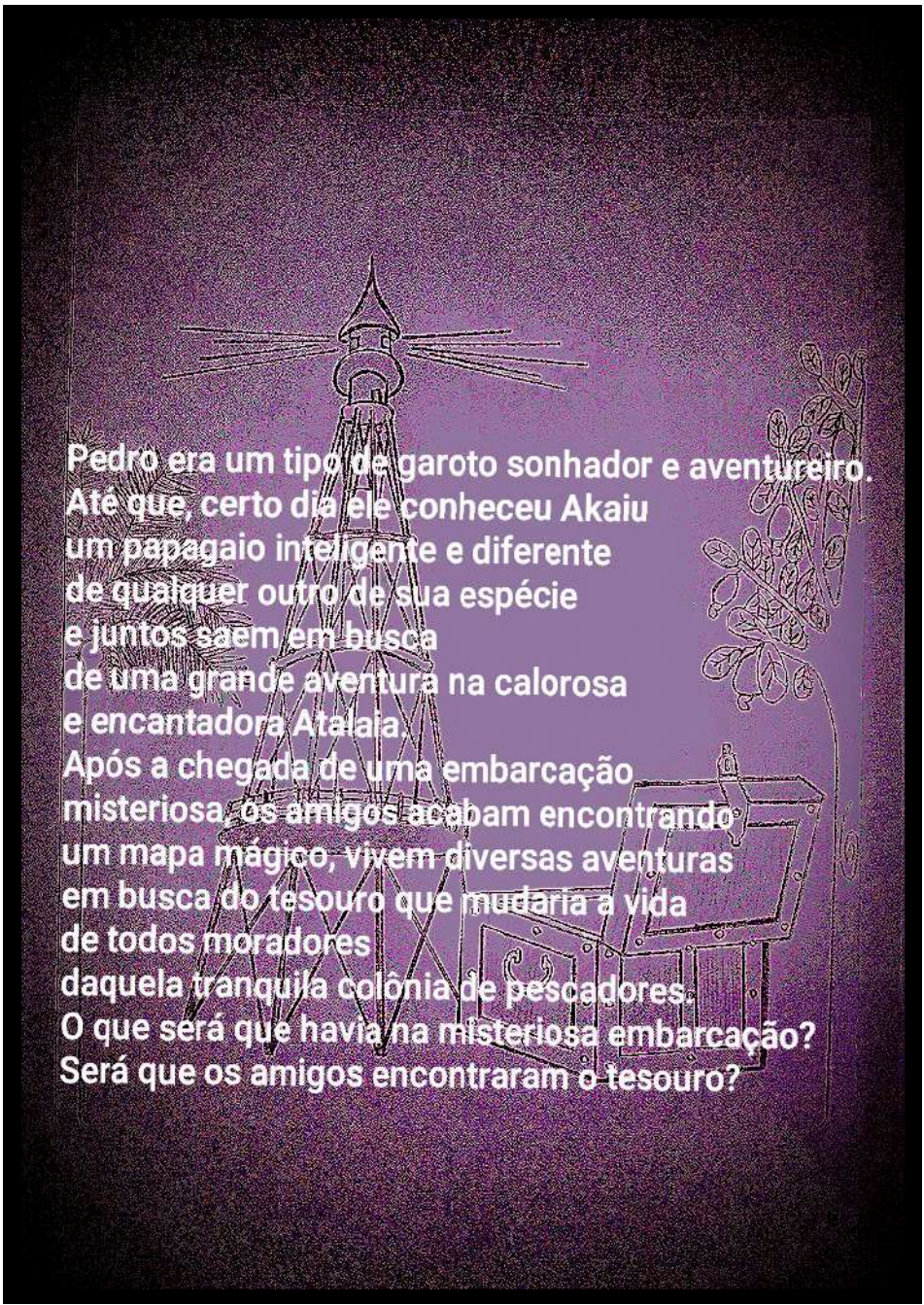
Daquele dia em diante, todas as noites os amigos iam em direção à praia, sentavam em um pequeno tronco de madeira e passavam várias horas admirando a luz que brilhava a 1.000 milhas dali.





O FAROL DA FAROLÂNDIA

A história é narrada na época em que o Farol ainda fazia parte do bairro Atalaia, devido as mudanças que ocorreram em relação ao crescimento imobiliário, foram surgindo outros bairros, como por exemplo a Farolândia que recebeu esse nome por causa alusiva ao Farol, é neste bairro que atualmente está localizado o Farol dessa história



Pedro era um tipo de garoto sonhador e aventureiro. Até que, certo dia ele conheceu Akaiu um papagaio inteligente e diferente de qualquer outro de sua espécie e juntos saem em busca de uma grande aventura na calorosa e encantadora Atalaia. Após a chegada de uma embarcação misteriosa, os amigos acabam encontrando um mapa mágico, vivem diversas aventuras em busca do tesouro que mudaria a vida de todos moradores daquela tranquila colônia de pescadores. O que será que havia na misteriosa embarcação? Será que os amigos encontraram o tesouro?



Escrito por:
SAÁDIA PATRÍZIA ALVES CÁSSIA

Ilustrado por:
VINÍCIUS PRUDENTE DE ASSIS

DIVERSÃO da Criança

SAÁDIA PATRÍZIA ALVES CÁSSIA

Ilustração de:

VINÍCIUS PRUDENTE DE ASSIS





Eram três crianças muito amigas. Eram colegas de escola. Numa sexta-feira de julho de 2018, no período de férias, marcaram de se encontrar em um local, no mesmo bairro de suas casas.

O encontro de suas tardes seria na Praça Missionária Zilda Arns, no Bairro Jardins, em Aracaju. Essa praça foi inaugurada em 1º de julho de 2010 e era um lugar muito divertido para brincar. A praça possui seu piso em concreto e isso facilita para correr, o parque infantil tem gangorra, muitas paisagens, árvores e para os idosos alguns equipamentos de ginástica. Para chegar até ela é muito simples, pode ser caminhando pelo bairro, andando de bicicleta, de carro, motocicleta ou de ônibus. Nas suas vizinhanças estão localizadas a Avenida Marieta Leite; Avenida Ministro Geraldo Barreto Sobral e Avenida Deputado Sílvio Teixeira.



O nome da praça é uma homenagem à Zilda Arns que foi médica pediatra, sanitarista e missionária brasileira. Foi a fundadora da Pastoral da Criança, programa de ação social que se desenvolveu por diversos países e tinha como principal objetivo ajudar famílias pobres a evitar a mortalidade infantil com a divulgação do uso do soro caseiro. Seu trabalho foi importante para diminuir a mortalidade infantil, levando Zilda Arns a receber a indicação ao Prêmio Nobel da Paz em 2006.



ÍRIA ZILDA ARNS

Essa área de lazer, bastante frequentada por crianças, representa os sonhos de Arns se materializando. Afinal, ela que sempre lutou pelo crescimento saudável das crianças, ficaria radiante ao olhar aquela praça, florida de crianças barulhentas, cheias de vidas, desfrutando daquele ambiente. Rita, Sofia e Pedro, sempre que podiam, reinavam naquele lugar. Inventavam brincadeiras, corriam, cantavam, criavam passos de dança, ou seja, aquela praça era sinônimo de diversão e liberdade.

Agora, combinaram de encontrar diariamente durante os 15 dias do recesso escolar. Rita, Sofia e Pedro, ambas tinham nove anos de idade e gostavam de brincar de bola, já que o espaço era propício, além de grande e arejado, permitindo liberdade para correrem e se divertirem. Em um desses encontros Sofia perguntou:

- Vamos jogar vôlei?
- Estou com vontade de montar um time. Pedro riu e indagou.
- Um time? Com apenas três pessoas?

Sofia sorriu e respondeu:

- Sim. Queria muito ser a levantadora do time e tocar a bola para uma colega marcar pontos.



Foi então que eles ficaram pensando que apesar de ter amigos, estarem sempre juntos, não conseguiriam jogar vôlei e brincar como se estivessem em uma quadra de vôlei, pois, não tinham mais amigos para dividir as tarefas e também montar o seu time. Como o horário de brincar havia acabado, eles foram para casa com aquela preocupação que até então não conheciam, já que, estavam sempre brincando da mesma maneira e nunca haviam sentido falta de outros amigos.

No outro dia, conforme combinado, voltaram para a praça e perceberam que existiam duas crianças que estavam brincando sozinhas e um pouco tímidas. De início se olharam, mas, não quiseram se aproximar. Aquelas duas crianças pareciam novas naquela praça e pela altura deles certamente já seriam crianças mais velhas.



Eles continuavam se olhando, mas, nenhum se aproximavam do outro. Isso durou por um bom tempo, naquela tarde bonita e luminosa. Pedro, Sofia e Rita voltaram a conversar, e lembraram-se do comentário de Sofia que queria muito jogar vôlei, e ter um time para poder brincar e ser a levantadora para ficar na posição da rede esperando a manchete e o toque na bola dos seus colegas. Porém, eles voltaram com esse assunto e ainda assim não tinham conseguido nenhuma solução para Sofia ter realizado o seu desejo.

Do outro lado da praça, eles estavam sendo observados pelas outras crianças e como não tinham começado a brincadeira ainda, eles mesmo tímidos, envergonhados e recentes naquela praça, tomaram coragem e vieram chamar os três para começarem uma brincadeira. Ocorre que Pedro, ao olhar para os dois e ao perceber novamente e agora próximo deles o tamanho do menino mais alto, ficou preocupado e quis logo dizer que não estavam a fim de brincadeiras. Surgia ali um medo de brincar com um menino estranho e bem mais alto do que eles.

A menina, ao perceber que a situação iria ficar chata entre eles, apresentou-se logo e disse que se chamava Patrícia e que estava passeando na casa de sua tia e que por isso estava com seu primo Cristiano. Eles se falaram e todos disseram os seus verdadeiros nomes. De início ficou um ambiente surpreso e provocador, apesar desta praça ser muito linda e agradável pois, Patrícia e Cristiano, eram novatos ali, e foram justamente eles que foram atrás dos outros para se comunicarem.

Para eles havia uma inquietação. De um lado, Pedro, Sofia e Rita por serem menores do que Patrícia e Cristiano. Do outro lado, e também muito preocupante para eles, Patrícia e Cristiano achavam que estavam em desigualdade por ser novidade naquela praça e também por estarem apenas os dois primos juntos, ou seja, na visão deles sentiam-se prejudicados por estarem em minoria.







Importante destacar que as crianças, por estarem em desenvolvimento, enfrentam alguns obstáculos que lhes são passados nos mais diversos locais que convivem, como por exemplo: não sabem ir a um ambiente sozinho (a), pois, tanto na educação de casa quanto da escola, aprendem com os pais e professores que eles não podem ter conversa com pessoas desconhecidas e que não sejam parentes ou amigos em comum.

Com isso, as crianças têm um pouco de dúvida quando se trata de algum estranho, mas, o principal motivo é que elas vão ganhando liberdade e ficam mais ágeis nas atitudes que precisam passar durante a vida, principalmente nas horas de lazer, como aconteceu nesse encontro natural desses meninos.

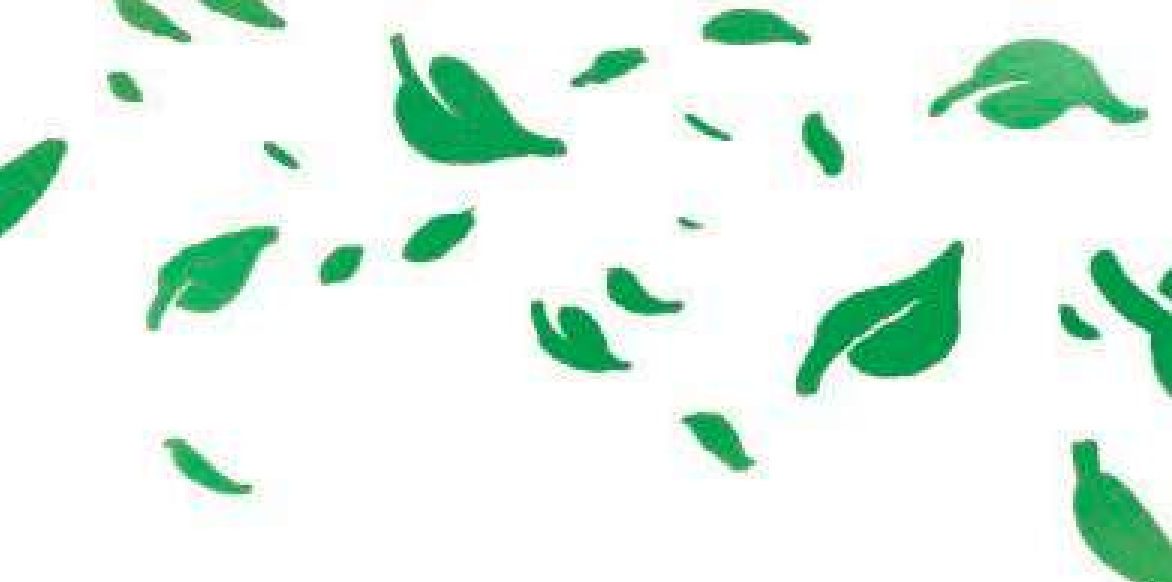
Por essa razão, uns sentem-se menores e expostos devido a sua altura e as brincadeiras que já estão acostumados, pois, por serem mais novos na idade e também no desenvolvimento do corpo físico ficam angustiados de começarem uma brincadeira e machucar ou sair prejudicado do resultado devido a esses aspectos. Já os outros se sentem também em prejuízo por serem apenas duas pessoas e estarem em minoria, fazendo com que os outros sejam mais fortes, pois, há mais um integrante para ajudá-lo ou preservá-lo de algo que possa acontecer durante a diversão deles.

Há uma diferença de posicionamentos e as crianças demonstram os cuidados para se relacionarem e brincarem. Essa preocupação as atinge de modo direto porque já estão com uma opinião formada em relação ao estranho, ao outro, ao desconhecido. Porém, essa desconfiança é uma força interior que fica incomodando suas cabecinhas. Elas não aceitam a brincadeira e se cumprimentam para ir para casa, no final da tarde, como de costume.

No outro dia, como combinado, lá estavam eles novamente na praça. Pedro, Sofia e Rita espantam-se ao chegarem e já avistaram Patrícia e Cristiano no mesmo local que eles estavam no dia anterior no período da tarde. Nesse momento, todos ficaram em silêncio e aproximaram-se uns dos outros, pois, naquele instante não poderiam mais fugir daquela situação ou evitar que não houvesse outras crianças ali, porque eles se conheciam de vista e sabiam os seus verdadeiros nomes.

Cumprimentaram-se e começaram a conversar. Perguntaram em que colégio eles estudavam e onde ficava localizado. Patrícia e Cristiano contaram o nome do seu colégio e falaram o nome do bairro em que ficava a sua escola, mas, naquele momento, aquela informação não foi muito importante para os três amigos porque não sabiam, não conheciam e nunca tinham ido visitar aquele bairro.





Pedro, logo começou a falar o nome do seu colégio e de alguns amigos que eram colegas de sala. Passou a falar também do bairro que, inclusive era o mesmo da praça e tinha o mesmo nome do Shopping Center da cidade, fazendo com que ele fosse bem conhecido e lembrado por todos.

Sofia contou que ela e seus amigos moravam lá desde bebês e segundo relato do seu pai trata-se de um bairro novo da zona sul de Aracaju. Ela, Rita e Pedro são vizinhos e sempre vão para o colégio andando, mas, quando chove muito durante à noite, no outro dia não conseguem ir para a escola andando porque muitas ruas ficam inundadas.

Rita falava também que gostava do bairro e adorava ir passear no shopping. Eles passeavam bastante por toda a redondeza e iam a sorveterias, lojas e parques que, em alguns períodos do ano, eram montados ao lado do shopping, fazendo com que esse bairro fosse muito movimentado.

Depois desse diálogo eles estavam mais calmos e conversaram de maneira bem natural, mostrando uma maior aproximação com Patrícia e Cristiano. Como sabiam algumas coisas em relação aos novos amigos, surgiu a necessidade de chamá-los para brincar e se divertirem juntos.

O início do convite foi encorajador e eles aceitaram logo, afinal, também se sentiram mais sossegados por estarem apenas os dois e em um lugar diferente da sua vivência. Surge uma indagação: Por que a escola não apresenta os assuntos que são tantas vezes separados da vida dos alunos, que se prendem somente ao ambiente escolar e se limitam para o mundo dentro da escola?



Assim, as crianças puderam perceber que apesar das diversidades combatidas entre elas, como a questão de estarem em minoria ou de serem menores no tamanho em relação ao outro, não significa que não possam ser amigos. Com certeza a brincadeira e a diversão da criança são as melhores opções para o seu desenvolvimento pessoal e mesmo que não consigam montar um time de vôlei, possam se divertir com outras brincadeiras e sem nenhum inconveniente, fazendo com que elas aproveitem o seu direito de brincar, desfrutando desse direito legítimo e tendo essa consciência apesar da pouca idade.







Trata-se de um encontro ocorrido nas férias escolares de 5 crianças na Praça Missionária Zilda Arns, localizada no Bairro Jardins na cidade de Aracaju.

O livro retrata a diversão das crianças através das brincadeiras; ressalta a importância de uma amizade e como as crianças imaginam e sentem-se desafiadas em meio as novidades que vão aparecendo ao seu redor.

Há uma verdadeira troca de experiências e as crianças conseguem aprender outros aspectos sociais não abordados na escola.



A stylized illustration of a pink ice cream cone with a red swirl on top and a lollipop stick. The background is yellow. The title 'Sorvetes Mágicos' is written in white, bold, rounded letters across the middle of the image.

Sorvetes Mágicos

**Carla Azevedo
Daniela Santos**

Autoras:

Carla Thatiane Azevedo Santos

Daniela Santos Batista

Ilustrações:

Daniela Santos Batista

SORVETES MÁGICOS

CAPÍTULO 1

Em uma manhã ensolarada de sexta-feira, a senhorita Cacau, apoiava-se no balcão da sorveteria Yara, varrendo seu olhar triste por entre as mesas vazias. O avental, antes tão utilizado e útil, costumava espalhar sorrisos dos mais jovens aos mais velhos na fase de ouro e agora descansava empoeirado e mofado, jogado na pia. Cacau se sentia triste pelo fato daquele lugar que antes exalava alegria, sempre tão cheio de gente, agora estava às moscas. Estava perdida sem saber o que poderia fazer para que aquele espaço voltasse a ser sinônimo de sentimentos bons, exatamente igual aos tempos da sua amada mãe.

Dona Yara havia fundado o local há mais de 40 anos e, desde criança, Cacau observou sua mãe cuidando muito bem da sorveteria. Diariamente, inúmeras pessoas faziam seus pedidos, sempre tão sorridentes. Todos na cidade conheciam Yara como a dona dos saborosos sorvetes mágicos e faziam questão de cumprimentá-la com abraços e beijos estalados no rosto. Cacau tinha muito orgulho da sua mãe e vivia falando que quando crescesse, daria continuidade ao trabalho dela.

O Centro da cidade sempre fora o ápice de Aracaju, o ponto principal de encontro das famílias e dos amigos embriagados pela juventude. O Rio Sergipe, percorrendo ao leste a região, tornava-a deslumbrante e encantadora. Do lado oeste, encontravam-se os bairros Getúlio Vargas e Cirurgia, ao sul, o São José. A antiga estação ferroviária trilhava o caminho da evolução e avanço – esta, removida na década de 50 para outra localidade da capital. Tudo a respeito do bairro inspirava entusiasmo e, como uma cereja do bolo, lá estava a sorveteria Yara, que desde o princípio, representava a união de um povo guerreiro que sempre procurava celebrar suas conquistas.

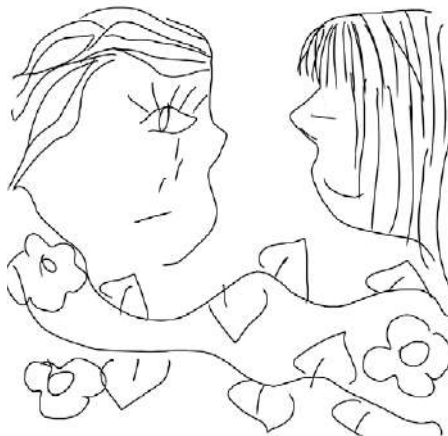
Mas com o passar do tempo, a cidade foi crescendo e a paisagem ao redor da sorveteria foi sendo modificada. Bondes elétricos foram instalados, ligando os demais bairros ao Centro. O comércio da região expandindo a todo vapor. O antes breve e planejado tabuleiro de xadrez das ruas de Aracaju, agora se encontrava aos pés do progresso! Mãe e filha estavam ansiosas pelo futuro que lhes aguardava. Mal puderam se conter com a construção do edifício Mayara, o primeiro prédio comercial com elevador de Aracaju! Cacau recordava-se do quão insistente foi ao puxar inúmeras vezes a barra da saia da mãe, implorando para que visitassem a construção recém-criada. A empolgação de apertar os botões e se mover dentro de uma enorme caixa de ferro pela primeira vez foi inesquecível e única.

Outros restaurantes, lanchonetes e sorveterias foram construídos e, com isso, o trajeto de acesso àquele bairro foi alterado, fazendo com que, pouco a pouco, a clientela da sorveteria Yara diminuísse. Fato este que aconteceu de forma gradativa, porém disfarçada. A população ansiava pelo desenvolvimento, mas não fazia ideia que tudo aquilo que estava acontecendo poderia deixar muitos para trás.

Depararam-se em um beco sem saída e como se não bastasse, o local onde se encontrava a sorveteria não estava em seu nome e a prefeitura alegou que a área fazia parte de um espaço que era destinado à construções municipais, tornando-se os atuais prédios da Câmara dos Vereadores, da Procuradoria Geral do Estado e o Palácio Museu Olímpio Campos.

Logo, a sorveteria foi demolida para dar lugar ao prédio da prefeitura. Dona Yara encontrou-se perdida, sem saber como trazer o sustento para ela e sua filha. Os dias foram passando e elas não pensavam em nada que pudessem fazer. Cacau até sugeriu que elas conseguissem um carrinho e saíssem cidade adentro vendendo sorvete. Assim fizeram. Contudo, havia dezenas de concorrentes, e as vendas foram caindo cada vez mais. Com a correria instalada, as pessoas pareciam se importar somente com elas mesmas, todas apressadas, desejando somente chegar ao seu local de trabalho o mais rápido possível. Os mínimos detalhes da vida, como um “Bom dia!” ou “Como você está?” que faziam parte do cotidiano, haviam sido deixados para trás e mãe e filha empurrando um carrinho de sorvetes pelas novas ruas daquele bairro, pareciam fazer parte apenas de uma paisagem velha e ultrapassada do que costumavam conhecer.

O negócio da família faliu definitivamente!



Pouco a pouco, Cacau observou dia após dia, sua mãe ficar deprimida, trancada em seu quarto depois de ter passado um dia inteiro de faxina na casa de uma senhora rica que lhe mandava de vez em quando algumas bonecas. Nada que ela fizesse, poderia tirar sua mãe daquele estado. Sequer admitia que uma só palavra sobre a sorveteria fosse dita em sua casa.

As memórias de Yara foram se esvaindo com o tempo, a idade avançando. Uma tristeza sem fim ia tomado conta, enquanto ia embora qualquer sentimento feliz.

Certo dia, ela simplesmente não acordou. “Mamãe havia partido com os anjos para um lugar melhor, onde o amor prevalece e as pessoas se importam umas com as outras” pensava, Cacau.

E, desde então, Cacau, foi tomada por um desejo único e nostálgico: reconstruir o local dos saborosos sorvetes mágicos!



CAPÍTULO 2

Durante a tarde, perdida em devaneios, Cacau assustou-se com um pequeno grupo de estudantes que se aproximavam do trailer da sorveteria. O céu esbanjava uma grande quantidade de nuvens e o vento fresco balançava as árvores da praça Fausto Cardoso, que estava em reforma nos últimos meses, fazendo com que os longos cabelos negros escapassem da fina touca de proteção e escorressem pelo seu rosto. Rapidamente ajeitou os teimosos fios, colocando-os no devido local. Eram adolescentes que provavelmente dirigiam-se à escola, pelo horário e fardamento. Sorriam à toa, conversando em alto. Pôs-se de pé, colocou o avental e preparou-se, seriam os primeiros possíveis clientes do dia!

– Boa tarde – o mais alto disse. –, tem sorvete de quê?

– Olá, boa tarde! Sejam bem-vindos! Pedaco do Céu, Sonho Doce, Pesadelo Azedo, Uva do Sono, Arco-íris, Montanha-russa Cremosa, Jujuba Sorridente e... Explosão de Alegria!

– Que nomes estranhos! – disse uma das garotas às gargalhadas. – Esse verde com pedaços de chocolate qual é? – apontou.

– Explosão de Alegria é feito de menta com raspas de chocolate.

– Uma bola desse.

– É pra já!

Cacau suspirou, feliz em saber que ao menos um pedido havia sido feito naquela sexta-feira.

– Eu quero o de Pesadelo Azedo.

– Uva do Sono é de uva, não é? – perguntou a outra menina, que parecia a mais jovem do grupo.

– Não! É feito com a sua burrice, Lelê. – o rapazote zombou.

– Você poderia me defender, Júlia. – Lelê fez uma careta e empurrou a garota.

– Vê se cresce, chata! Sou sua irmã, não sua mãe. – Julia rebateu, provando do sorvete que acabou de ser entregue por Cacau. – Que sorvete horrível, parece que minha boca acabou de ser queimada, eca!

– Como assim? Sempre foi um dos mais pedidos... – Cacau rebateu, franzindo a testa.

– Nos teus sonhos, só pode. – Julia jogou algumas moedas em cima do balcão e derramou todo o sorvete na lixeira. – Está mais para uma explosão de tristeza, isso sim.

– Eu que não vou querer mais... – o rapaz comentou, seguindo a amiga. Cabisbaixa, Cacau entendeu que aquele seria mesmo o mais novo e repaginado fim da sorveteria Yara.

– Perdoe aqueles idiotas, moça, eles esqueceram a educação em casa. – Lelê esticou-se, sentando-se na banquetta giratória à frente do balcão. – Ainda não está na hora da aula, ainda quero o Uva do Sono. – falou, girando sorridente no banco.

– Sério? – a filha de dona Yara ficou surpresa.

– Sim, não posso julgar algo que ainda não provei.

– Está bem.

Caprichou na bola do sorvete e colocou na tigela.

– Alguma calda?

– Doce de leite.

– Aqui está.

Observou a pequena Lelê levar a primeira colherada à boca e, enquanto mexia no pingente de seu colar e como se aguardasse a pior notícia da sua vida, fechou os olhos.

– Que colar bonito, onde comprou? – Lelê perguntou, curiosa.

– Ganhei da minha mãe. – Cacau desconversa. – Gostou do sorvete Uva do Sono?

– Está bom, mas falta alguma coisa...

– O quê?

– Não sei explicar, é como se faltasse algum ingrediente...

– Eu desisto! Só minha mãe sabia prepará-los da forma correta!

– E cadê ela?

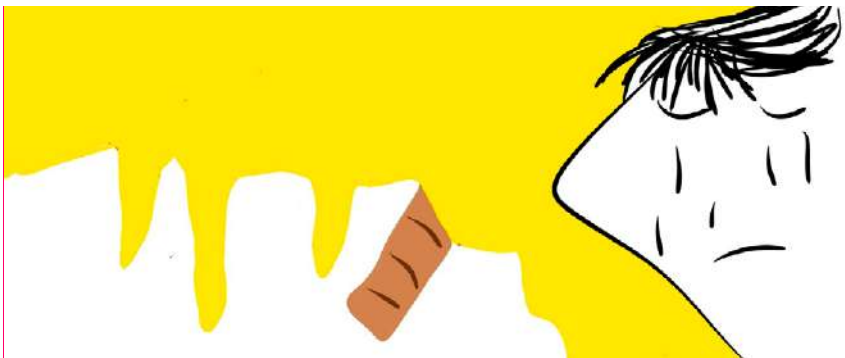
Cacau balançou a cabeça negativamente e Lelê, mesmo jovem demais, entendeu o recado.

– Sinto muito.

– Tudo bem, faz tempo.

– Ela te deu o colar antes de morrer? Você sente falta dela?

- Sim. – suspirou. – Sinto demais. – sorriu, pesarosa.
 - Você tem pai?
 - Nunca o conheci, ele faleceu quando eu tinha um ano.
 - Sinto muito.
 - Não precisa pagar nada, mocinha. Esse fica por minha conta! – quis retratar-se.
 - Nem pensar, meu pai puxaria minhas orelhas se soubesse que eu comprei algo e não paguei. – entregou uma nota de dois reais. – Voltarei aqui com meu pai. Ele é um ótimo confeiteiro. Quem sabe não pode te ajudar com as receitas dos sorvetes? – deu uma piscadela e pulou do banco.
 - Agora tenho que ir, senão irei me atrasar para aula. Até mais – parou e olhou para o nome no avental – “Cacau!”
- A garota saiu correndo em direção à escola, deixando Cacau com um sorriso intrigado no rosto. Quem sabe o destino finalmente tenha sido gentil e tenha jogado em seu colo uma solução para o problema?!



CAPÍTULO 3

Uma semana após a conversa com a adorável Lelê, Cacau esteve completamente desanimada. Afinal a garota não havia retornado com o seu pai até então. Só havia vendido quinze bolas de sorvete durante os últimos dias, um verdadeiro afronte à memória da dona Yara!

Cabisbaixa, levantou-se da cama e se encaminhou direto ao banheiro. Precisava tomar um bom banho e deixar os problemas de lado, mais uma vez. Quando ficou pronta, ligou a TV da sala e observou a previsão do tempo para aquela manhã: 35 graus e sensação térmica de 38°, por Deus! Ouviu a jornalista mencionar que seria o dia mais quente do verão naquele ano. De repente, fora invadida por uma empolgação e esperança sem igual!

Hoje seria seu dia de sorte, com toda a certeza.

Logo, correu para a sorveteria, baixou os preços em relação ao mercado, mesmo ficando sem lucro algum, porque sua intenção mesmo era conquistar novos clientes.



Por volta das 8 horas, o movimento começou a se intensificar naquela região os espaços começaram a ser disputados por quem queria chegar ao trabalho, escola ou simplesmente fazer compras. Eram lembretes como estes que faziam suas recordações vagarem pela praça, como numa valsa elegante, percorrendo cada canteiro local em seus dias de glória. Os casos de violência eram escassos tanto quanto o índice populacional da região, que crescia, pouco a pouco. Não precisaria se preocupar em verificar cada fechadura do trailer. Afinal, as pessoas eram respeitosas e solícitas umas com as outras. Agora, mal podia limpar as mesas e sombreiros à frente, que corria o risco de perder o pouco que conseguiu vender, como aconteceu no mês anterior e a má iluminação, à noite, só piorava os números de assalto da região, pois a reforma afetava a estrutura da praça e as pessoas evitavam passar por ali, porque sentiam medo. Além disso, pelo dia, o vai e volta dos trabalhadores da obra, causava barulhos ensurdecedores e poeira que fazia a sorveteria parecer mais um mausoléu abandonado do que um ambiente prazeroso.

Resolveu então afastar as memórias e focar na realidade, tentando vender os sorvetes :

– Pessoal, aqui temos os melhores sabores e preços da cidade. São os sorvetes Yara, os queridinhos da praça!

Mesmo com todo aquele calorão que fazia no Centro da cidade, todos pareciam ignorá-la. Vendera somente dois sorvetes aquela manhã – para seu histórico fracassado, até que havia se saído bem, vamos constar. Decidiu descansar um pouco e ir buscar um copo d’água dentro do trailer, quando foi surpreendida com um sobressalto.

– Eu não disse que retornaria?! – a garota piscou, sorridente. – E olha só quem trouxe? Cacau, este é meu pai, Prestígio. Prestígio, esta é Cacau, a moça dos sorvetes com nomes engraçados!

– Ei, pensei que não viria mais, mocinha... – Cacau brincou, saindo do trailer e se aproximando dela para um abraço. – Olá, muito prazer, senhor... – disse franzindo a testa, como se tentasse vasculhar sua mente em busca de algo.

Exclamando com os olhos arregalados, falou:

– Você é filha da dona Yara!

– Sou sim e você é aquele rapaz que passava todos os dias por aqui vendendo bombons, eu lembro! – cumprimentou-o. – Como vai? Faz bastante tempo, meu Deus!

A garota estava boquiaberta com o surpreendente reencontro do pai.

– Não acredito que vocês se conhecem. Que mundo pequeno!

– Muito bem, obrigado! E você? Como cresceu, ainda ontem era uma garotinha...

– Estou bem, mas o negócio da família anda de mal a pior. – disse, pesarosa.

– Minha filha comentou que eu poderia ajudá-la, mas agora, sabendo quem é, me pergunto quem poderia saber preparar um sorvete melhor que a dona Yara. – comentou. – Ela se sentiria até ofendida. Onde ela está?

Os próximos segundos pareceram uma eternidade. Cacau recordava-se do homem que aparentava agora ter uns 60 anos com seus cabelos grisalhos, altura média, olhos profundos e negros e curvatura inclinada pelo tempo e que no passado, fora um grande amigo para dona Yara. Ele costumava afagar seus cabelos sempre que passava pela sorveteria e ao menos uma vez na semana, entregava-lhe um bombom do seu sabor preferido, morango. Não sabia ao certo quando ele deixou de frequentar o negócio e sequer o porquê. E hoje, neste exato instante, não fazia ideia de como contar a ele sobre sua mãe.

– Ela faleceu, vinte anos atrás.

– Oh, sinto muito! – olhou-a ternamente. – Eu precisei há algum tempo me mudar para São Paulo. Nem pude me despedir...

– Tudo bem.

Lelê ouvia curiosa.

– Eu gostaria de tê-la convencido a me mostrar algumas de suas receitas secretas. Pena que não consegui. E agora é tarde demais.

– Como assim... receitas secretas?

– Sim, as que ela guardava a sete chaves.

– Essas? – Cacau buscou rapidamente dentro do trailer um velho caderno de receitas para o senhor Prestígio.

– Não, de forma alguma. Esse contava apenas o básico, nada muito revelador. Você não sabia?

– Não! – falou, consternada. – Onde mamãe poderia ter guardado essas receitas secretas...

– Desculpe se acabei falando demais. Imaginei que ao menos para sua própria filha ela tivesse desvendado este mistério.

– Pai, você é um gênio! – a garota beijou a testa de seu pai e falava eufórica. – Cacau, quem sabe se você não encontra as tais receitas secretas?! Você conseguiria descobrir que ingrediente é preciso para o sorvete ficar incrível?

– Mas eu não faço ideia de onde possa estar, Lelê. Minha casa fica a poucas quadras daqui e é pequena o suficiente para eu saber cada mínimo objeto que se encontra lá. Não é possível que durante todo esse tempo eu tenha deixado passar o que salvaria a sorveteria da minha mãe...

– Nós podemos te ajudar a procurar, não é, pai?

– Claro que sim! Será uma imensa alegria poder ajudá-la, Cacau. Sua mãe ficaria muito feliz, se pudesse ver este lugar cheio de vida novamente.

CAPÍTULO 4

No dia seguinte, pela manhã, o senhor Prestígio e sua filha Lelê foram à casa de Cacau, ajudá-la a encontrar a tal receita secreta que salvaria o negócio da família.

– Sejam bem-vindos, não reparem a bagunça! – disse Cacau. – Querem alguma coisa, água, suco ou café? Vieram nesse sol quente! Devem estar esbaforidos!

– Quero suco. Tem biscoito? – Lelê perguntou, ganhando um empurrão de leve do pai.

– Quer me matar de vergonha, menina? Antes de sair você já tinha tomado café. Parece que não tem comida em casa. Oxe, menina, não se preocupe com isso, não queremos dar trabalho, Cacau.

– De forma alguma, não será incômodo algum. – afastou-se para buscar o biscoito com suco de Lelê.

– Já tem ideia de onde começaremos a procurar a receita secreta?

– Pra falar a verdade, não. A casa está uma bagunça, não tive tempo de arrumar tudo. Mas podemos começar pelo antigo quarto de mamãe que hoje serve de depósito.

– Ótima ideia, Cacau! Onde fica?

– Na última porta à direita, já perto do banheiro, Prestígio. Pronto, Lelê, aqui está. Fique aí comendo, enquanto eu e seu pai começamos a procurar.

Cacau deixou a sala e foi ao encontro de Prestígio, que revirava gavetas e armários empoeirados, espirrando o tempo todo. O quarto estava coberto de teias de aranha, a pintura das paredes já não estava mais essas coisas e os antigos móveis disputavam espaço com velharias da antiga sorveteria. Cacau avistou a fachada enferrujada que logo lhe causou nostalgia e por alguns instantes, ela fora levada para o passado. Foi tirada do transe ao ver que ele não parava de espirrar e entrou em desespero.

– Ah, meu Deus, Prestígio, mil perdões, eu deveria ter limpado isso na madrugada. – disse, abrindo a janela do quarto, que estava emperrada para completar. – Arre, até isso não dar certo. – forçando o ferrolho com toda sua força, Cacau acabou se desequilibrando e caindo em meio a lixaria. – Cabrunco, ai meus quartos!

Seu Prestígio foi correndo em sua direção.

– Está tudo bem? Machucou alguma coisa? – dando-lhe a mão, para ajudá-la a levantar.

Ela arregalou os olhos e avexada, começou a tatear o chão, como se tivesse encontrado algo.

– Me ajude aqui. – pediu.

Sem entender, ele fez o que ela solicitou.

– Quando eu caí, vi que o piso de madeira estava em falso, meio oco, acredito que a receita possa estar escondida lá embaixo.

Lelê adentrou o quarto, se juntando a eles.

– Nós estamos parecendo o Scooby-Doo. Eu sou a Daphne! – bateu palmas, empolgada.

– Eu só espero que não saia nenhum monstro daqui. – Cacau falou rindo.

Os três puxaram parte da madeira que estava apodrecida e acharam um velho pequeno baú e se entreolharam, questionando se dentro daquilo, estaria a salvação da sorveteria. Cacau sentou-se na cama e colocou o baú em seu colo, tirando a poeira com as mãos, notando a presença de uma fechadura, que logo lhe causou preocupação.

– Ave maria, era só o que faltava.

– E esse seu colar com pingente de chave, Cacau?

Cacau franziu a testa, confusa, sem perceber que relação Lelê percebeu entre seu colar e o pequeno baú. E, na mesma hora, caiu em si, tirando imediatamente o cordão, encaixando o pingente na fechadura, que abriu em seguida. Fora invadida por uma felicidade sem igual, ao encontrar diversos papéis escritos em letras garrafais por sua mãe e abraçou Lelê, grata por sua descoberta.

– Muito obrigada, Lelê! Não tenho como agradecer a vocês por todo apoio.

– Somos agora uma família, Cacau. – disse senhor Prestígio, abraçando-a também. – Você não precisa ficar mais sozinha no mundo!

Cacau ficou muito emocionada, pois se sentia extremamente solitária desde que sua mãe faleceu. E, agora, havia reencontrado um velho amigo que transmitia a ela um sentimento de reconforto fazendo-a lembrar-se de dona Yara. Seus gestos e ações faziam com que se lembrasse dela e, de brinde, ganhava também uma pequena e esperta sobrinha de coração. Mal poderia esperar para ler todas aquelas anotações secretas e desvendar o segredo do antigo sucesso da sorveteria.

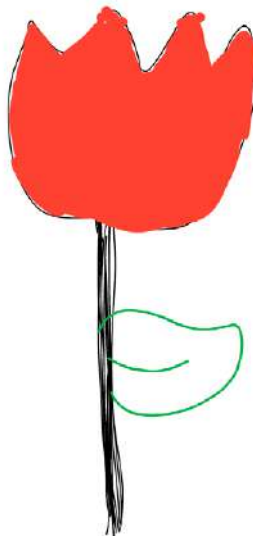


CAPÍTULO 5

Após Cacau ter passado a noite em claro, lendo todos aqueles papéis manchados pelo tempo, ficou maravilhada e se sentiu revigorada e com uma força mágica dentro de si. Tomou um café bem forte para se manter disposta, porque pressentia que aquele dia seria diferente de todos os outros. Não passava das 4h da manhã. Foi se arrumar... O sol ainda não havia nascido e até o cacarejar dos galos da vizinhança parecia nostálgico e a remetia aos tempos que saía bem cedo, com tudo ainda escuro, para abrir a sorveteria. Partiu em direção à sorveteria para preparar a nova remessa de sorvetes e tudo ao seu redor tinha ares diferentes.

Com o passar das horas, os sorvetes estavam quase prontos e tudo naquele lugar estava a seu favor, desde os pequenos detalhes inanimados, como a pintura nova do Palácio Olímpio Campos à sua esquerda, as atitudes das pessoas que se mostravam mais gentis umas com as outras. Observou, por exemplo, uma criança ajudando uma senhora a atravessar a rua e um rapaz surpreendendo a namorada com um buquê de rosas.

A reinauguração da praça coincidiria com a redescoberta das receitas secretas e isso a deixava ainda mais animada. Porém, toda essa mudança repentina, a intrigava um pouco. Será que as receitas eram mágicas ou ela estaria enlouquecendo e as pessoas estavam apenas sendo melhores?



Na década de 1970, dona Yara possuía um estabelecimento de grande sucesso na capital, além de ser o ponto de encontro da juventude da época. A sorveteria Yara tinha uma arquitetura inspirada nos cafés europeus e obteve destaque por sua localização privilegiada. Com os avanços no processo de urbanização e comércio da área, o público tornou-se escasso, sempre buscando novas opções para o lazer que eram cada vez mais variadas. E, aos poucos, imersa em dívidas que o aluguel e outras pendências lhe custavam, fora obrigada a deixar o lugar. Quase sessenta anos após o local ser demolido e transformado em uma área livre e arborizada entre os atuais prédios da Câmara dos Vereadores e da Procuradoria Geral do Estado, sua filha Cacau encontra um meio de reviver os tempos de ouro que tanto ouvira dona Yara narrar e embarca em uma aventura misteriosa e saborosa ao lado de seus amigos em busca de descobrir o segredo que faria da reabertura da sorveteria que marcou a grande Aracaju e a pessoa mais mágica da sua vida, novamente um doce sucesso!



Fim!

Franciele Vieira & Suelen Souza



As aventuras de América
uma busca interplanetária pela leitura

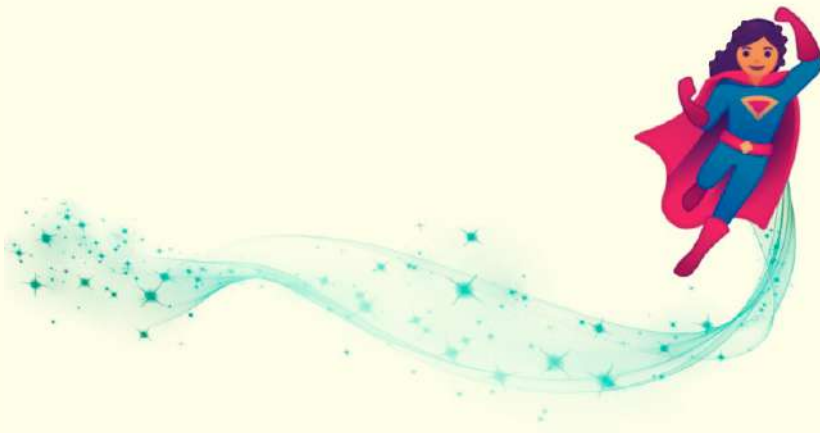


Vinda de Marte há anos luz de distância da Terra, América, uma flowergirl, tem a missão de formar a maior quantidade de leitores numa comunidade em um bairro na cidade de Aracaju, porém grandes desafios foram colocados em seu caminho. Entre os desafios enfrentados por América, um deles é a Trix, nascida no planeta Internet, que foi mandada à Terra para tornar o planeta habitável ao seu povo, uma figura muito arisca e que domina o mundo tecnológico, está disposta pôr um fim na carreira de heroína da sua inimiga usando todas as artimanhas de uma tecnologia avançada capaz de destruir o mundo da leitura. As Aventuras de América e seu grande desafio de expandir a leitura serão motivos de grandes batalhas entre sociedade, super vilões e a era digital tecnológica. Mas será que a tecnologia e a leitura podem andar juntas?



**APROVEITE A
VIAGEM!**

Era uma vez, em um planeta não muito distante, chamado de Marte, vivia uma garotinha chamada América, apelidada de Flowergirl., pois quando nasceu tinha uma boca tão pequena que seus avós a comparavam com o botão de uma rosa. América tinha os cabelos longos e ondulados, pele negra e bochechas grandes, o que ela mais gostava de fazer, era ler.



Em outro planeta não muito longe dali, vivia outra garotinha muito esperta e sabichona, cujo nome é Trix, nascida no planeta Internet, teve que enfrentar a vida muito cedo, seus pais morreram antes que completasse 9 anos, no meio de uma disputa territorial entre seu povo. Quando completou 18 anos, foi enviada à Terra, pois seu planeta de origem tinha sido destruído após a disputa e restaram poucos recursos para abrigar tamanha população, o objetivo era tornar a Terra um lugar habitável para os teenos, como era denominado seu povo. Mesmo gostando de ler, seu maior hobby era a tecnologia, acreditava que um dia faria algo tão grandioso que o mundo se curvaria diante dela..

América adquiriu gosto pela leitura por causa dos seus pais, a mãe professora de literatura e o pai de língua marciana, adorava ler para as crianças mais novas, seu sonho era que todos se apaixonassem pela leitura, assim como ela. Aos cinte anos, América já tinha um currículo extenso, falava quatro línguas, trabalhava em uma biblioteca e já tinha participado de vários projetos voluntários.

Um belo dia, ela decidiu que iria fazer uma viagem, conhecer outros planetas e espalhar conhecimento. Após passar por três planetas, Júpiter, Saturno e Vênus, sua próxima parada é a Terra, após uma leitura sobre todos os continentes do planeta, apostou sua sorte no continente Americano, na América do Norte, selecionou sua melhor nave e seguiu em direção ao seu chamado.

Mas mal sabia América que seu destino mudaria a partir da primeira volta.. A flowergirl passou pela América do Sul, e aterrissou no Brasil, por acaso, encontrou no mapa um bairro de mesmo nome que o seu, o Bairro América, localizado em Aracaju, litoral brasileiro. Ao longo dessa viagem, ela começou a traçar planos que atendiam à necessidade da população. Enquanto isso, Trix continua fazendo investigações sobre o planeta Terra e faz uma descoberta que a deixou interessada, o povo terrestre lê pouco e está vivendo uma era digital, isso a ajudaria em seu objetivo, como também ajudaria a tornar os humanos cada dia mais conectados ao mundo digital.





Juntando toda a sua pesquisa e tudo que conseguiu descobrir sobre a Terra, Trix tem o plano perfeito. Para isso, ela fará o teste no Bairro América, ela enviará mensagens para todas as crianças do bairro convocando-as para um jogo desafiante onde todos têm que cumprir cada etapa e no fim ganharão um prêmio surpresa, mas isso não passa de uma mentira, pois o objetivo principal é fazer as crianças não largarem o celular..

Mensagem: OLÁ AMIGUINHO
INTERNauta, QUE TAL ENTRAR NO
DIVERTIDO MUNDO DOS DESAFIOS E
VIVER AVENTURAS EMOCIONANTES,
PASSANDO POR TODAS AS ETAPAS
TERÁ UMA GRANDE SURPRESA PARA
VOCÊ. O PRIMEIRO DESAFIO É MOLEZA:
FAZER TUDO SEM LARGAR O CELULAR.
SERÁ QUE VOCÊ CONSEGUE ? NÃO
VALE MENTIR, ESTOU CONECTADA
ESPERANDO VOCÊ PARA O PRÓXIMO
DESAFIO. ATÉ JÁ. ASSINADO:
SUA AMIGA, TRIX!

— Pronto agora é só esperar mais um pouco e
continuar conectando cada vez mais esses seres
terrestres e logo eles estarão na minha mão.

Certo dia, já no Planeta Terra, a Flowergirl resolve visitar o Bairro América para entender as dificuldades encaradas pela comunidade. Chegando lá se depara com uma roda de crianças, empolgada, tenta descobrir do que elas estão brincando e ao chegar mais perto percebe que estão todas conectadas nos seus celulares. Curiosa para entender o porquê das crianças não brincarem mais na rua, tenta iniciar uma conversa com uma jovem encostada no portão de casa:

— Pois chegou para todas as crianças do bairro uma mensagem de uma garotinha chamada Trix. Compreendendo o tamanho do estrago feito pela sua rival, a Flowergirl questiona :

— E o que havia nessa mensagem?

A moça responde:

— Ah! As crianças devem cumprir todos os desafios que foram ordenados e um deles é não se distanciar do celular e como recompensa, as crianças irão ganhar o celular mais desejado.

Trix acabou descobrindo que América andou xeretando seus planos e fica furiosa.

— Quem deu o direito a essa intrometida de se meter nos meus planos? Ela não ouse entrar no meu caminho ou eu acabo com ela!

Enquanto isso em Marte :

— A Terra está precisando muito de nós, precisamos levar a leitura para aquele lugar, só assim aquele povo terá um futuro melhor e não ficará dependente do celular, acreditando em mentiras da internet, ainda mais agora com essa tal de Trix querendo enganar as crianças.

América, então, decide fazer uma feira de artes, com direito a contação de histórias, encenação, tenda de livros e tudo mais que envolva arte e leitura e conta com a ajuda de seus amigos marcianos Roseta, Tito e Sun, para que seu plano dê certo.

Sua primeira ordem é dada :

— Precisamos de livros, juntem o que puderem, vamos mostrar a esse planeta que ler é bom e transforma vidas. De volta à Terra começam a divulgar a feira e uma semana depois vem os preparativos, montar as tendas, os palcos, arrumar os livros e separar suas fantasias, tirando o Tito que ficou responsável pela contação de histórias e América sugeriu que ele pedisse ajuda ao público para criar seu personagem, então ele precisa ser bem esperto para montar seu personagem na hora.

Roseta ficou responsável pela encenação, junto com um grupo de teatro que contratou, eles vão encenar Chapeuzinho Vermelho e uma adaptação infantil de Dom Quixote, ela estará de Chapeuzinho, Sun ficou com a apresentação de filmes que tem alguma relação com livros, sua fantasia é a bruxinha Hermione e por último América, que fica com a tenda de livros, onde ela apresenta as mais diversas obras e cada criança pode levar um livro para ler, a fantasia dela é feita de tecido rosa, ela tem flores no cabelo e asas de borboleta, uma verdadeira Flowergirl. A feira acontece próximo à Praça da Liberdade, que foi onde a Flowergirl teve o primeiro contato com os humanos. De longe avistou alguém se aproximar, era Trix que decidiu ir confrontá-la.

— Quem você pensa que é para promover esse tipo de evento ? Essas pessoas precisam é de internet, não desses livrinhos mixurucas!
Afirmou

— Você deve ser a Trix. Já me falaram dos seus “desafios”, o que você está tentando fazer? Acabar com o resto de esperança que temos no mundo?

— Eu só quero trazer meu povo, porque convenhamos esse povinho da Terra não sabe cuidar de um planeta, olha as ruas cheias de lixo, as praias poluídas, essa gente merece viver na ignorância..

— Eu não vou deixar você transformar esse planeta em um polo de escravidão, essa gente merece ser feliz, ter como se defender das adversidades dessa vida e para isso os livros estão aqui, lógico que a tecnologia pode ajudar, mas não da forma que você está fazendo.

— Por bem ou por mal essa gente vai se curvar diante de mim e ninguém vai me atrapalhar, por isso eu te intimo à um desafio, vamos ao antigo presídio, não deve haver ninguém essa hora nas redondezas, lá posso te mostrar com quantos dados se faz uma internet.

— Fechado, chego em um piscar de olhos!

Chegando no antigo presídio, Trix coloca em ação seu plano para tirar América do seu caminho, primeiro ela checa os sensores infravermelho e as armadilhas que instalou por todo prédio para que América não conseguisse passar e em seguida envia mensagens para todos os moradores do bairro, dizendo que há uma festa com muita comida, mostra de tecnologia e Wi-Fi próximo à igreja dos Capuchinhos, assim, todos que estão na feira migrarão para essa festa.

Ao observar os desafios impostos por Trix, América tenta concluí-los, mas no meio do caminho o cansaço a preenche e então começa a desabafar.

— Trix, antigamente esse espaço era uma cadeia pública, em 2007, ela foi desativada permanentemente e hoje esse local é chamado Praça da Liberdade, e assim como o nome dessa praça, eu anseio que as crianças sejam livres como passarinhos, para poderem pensar, agir e viver de acordo com suas vivências.

— Mas eu não posso permitir! Olhe-as! Estão felizes com a festa que organizei. Entenda que estamos numa era digital, tecnológica e não tem como voltar atrás. Afirma Trix com uma leve ironia na sua fala. Triste, América responde :

— Eu não quero voltar atrás e compreendo que vivemos numa era digital, mas até que ponto a tecnologia pode ser benéfica ? Há tantas notícias falsas espalhadas por essa telinha de celular, que podem fazer com que as crianças cresçam numa bolha social, sem questionar e acreditando que tudo que está na internet é verdade.

Já desajeitada com os discursos da Flowergirl, Trix desativa os infravermelhos e corre até a frente da praça. Assustada, América segue-a e se surpreende quando encontra Trix aos prantos.

— Meu propósito aqui não é ver as pessoas tristes como você está, quero vê-las sorrindo e felizes ao mesmo tempo, Trix.

Declara América, que senta ao lado da rival.

— Eu não pude ter uma estante cheia de livros, nunca sequer fui numa biblioteca, pois no meu planeta não tinha. Com a perda dos meus pais, a única coisa que eu fazia era governar o meu povo e não me restava tempo a não ser para criar aplicativos e jogos distrativos para a população.

— Bom, sabendo que a tecnologia é tão importante para você e para a atualidade, podemos nos unir e formar grandes leitores com a ajuda da tecnologia!

Trix esboça um sorriso de orelha a orelha e afirma:

— Eu posso criar um aplicativo de leitura para que todos tenham acesso aos livros que desejam ler! Depois de um longo abraço, as duas garotas se levantam e seguem caminhando até a festa, onde finalmente falam quem são e o propósito delas no bairro. Após a despedida, América convida Trix para visitar bibliotecas do seu planeta de origem. Atualmente, as duas garotas, Trix e América estão presentes na nossa sociedade como conhecimento, leitura e tecnologia e ajudam na construção do pensamento autônomo de cada indivíduo.



É PRECISO
QUE A LEITURA
SEJA UM ATO DE

amor



Gilberto Freire



O pneu que girou na canal 5

DICSON SOARES DOS PRAZERES



Ilustrações de
Ellen Cristina Santos Souza
e Matheus Symon da Silva Melo

Todo dia era dia de estar na aventura cinematográfica de viver os anos 80, eram anos de muita ação e poucos sentimentos, vivíamos no automático, entre frutas frescas, tapas e disputas futebolísticas.

A minha rua era composta dos mais variados tipos humanos, frutos de criações bem modelares dos anos vividos; explico; mães ativas e multiusos que educavam com instruções de frases feitas e pequenas surras para alinhar o caráter da gu-rizada, desconfio da eficiência das correções, porque éramos incorrigíveis.

Na nossa rua existia uma hierarquia institucionalizada naturalmente, baseado na idade e nos subgrupos que se formavam a partir da harmonização do ano de nascimento, em certas situações recreativas todos se misturavam e os menores tomavam “atraso” (se davam mal) ...isso é o que acontece com quem é café com leite e quer brincar com os maiores... a nossa rua era uma criatura ativa e cruel, onde filho chorava e se fosse dizer a mãe estava suspenso das brincadeiras, o comitê punitivo era implacável... às vezes era melhor aguentar os atrasos e se manter no grupo das brincadeiras, visto que eram as únicas coisas que tínhamos acesso livre, sem ter que pagar nada, éramos lascados, mas não percebíamos muito, apenas vivíamos, dinheiro? Umas moedinhas apenas.

Fazíamos mandados à espera do troco, o trocado geraria geladinhos, cocadas e chicletes; nossa comida artificial era essa, no mais, alimentávamo-nos de presentes da mãe natureza: manga, carambola, coco e “marta fome” (termo utilizado para mata fome, uma fruta rançosa que devorávamos com ânsia de banquetes celestiais).

Nossa turma apresentava vários tipos humanos com apelidos peculiares de uma criatividade literária absurda: “todo feio”, “Ed catarro”, “Zé busca-pé”, “toio”, “D. Poty”, S. boca podre, “Marcelo Bogoio” entre outros, evidentemente que todos esses apelidos eram explicados facilmente através de uma história específica ou pela apresentação físico-estética dos personagens da vida real.

Esse último, o Bogoio, tinha esta alcunha por conta dos exagerados globos oculares, era um menino até legal, mas não sei explicar porque, era alvo constante das brincadeiras mais desagradáveis que se possa pensar, éramos muitos bélicos, a compaixão era um sentimento que raramente circulava naquela rua do conjunto residencial Augusto Franco.

Certa feita a gurizada encontrou um pneu de trator, daqueles enormes, que rapidamente percebemos que seria a garantia de uma tarde de entretenimento, um misto de roda gigante e autopista que faria o passageiro daquela roda girar em 360° em um frenesi e emoção indescritível, logo formou-se uma fila de candidatos para adentrar naquela nossa nave espacial...um entrava no pneu e os demais empurravam na maior velocidade possível, para proporcionar ao passageiro uma mistura de emoções que começava por uma euforia avulsiva e logo se transformava em uma situação sem volta que acabaria com um belo de um estrago corporal, os mais safos conseguiam abandonar a nave antes dela se chocar em algum obstáculo, era por instinto, os fortes se safavam, os demais se davam mal... arranhões, mangações e vida que segue, afinal de contas se reclamasse era pior... “vais conhecer o mundo meu filho”. Após muitos candidatos se apresentarem e se darem mal, chegou a vez de Bogoio, vítima preferida da pirralhada bélica e cruel da nossa rua, todos se entreolharam e como que se fosse combinado, houve um consenso de deveríamos ir para o outro lado da rua, onde havia um canal de dejetos (esgoto a céu aberto), a aventura seria maior ainda...Bogoio entrou no nosso pneu-

ção, segurou-se e apresentou um olhar grande e inocente de que estava recebendo o direito de uma viagem especial em um espaço ainda não explorado por nenhum de nós, é senhores e senhoras, a vida também é feita de ilusões iniciais que culminam em realidade cruéis e muito duras de encarar... o Augusto Franco eram um bairro afastado e popular, construído para acomodar uma boa parcela de trabalhadores braçais com uma “reca” de filhos que tinha o básico do básico para sobreviver, era um tempo sem computadores, sem telefones, sem muita informação, as escolas eram quase todas públicas, o transporte rodoviário era escasso; o suposta proximidade com a praia de Atalaia fazia do conjunto um abrigo de alguns surfistas amadores, estes que desfilavam pelo conjunto com pranchas remendadas(nunca esqueçam que éramos pobres) e cabelos alourados. Alguns grupos de capoeira eram comuns naquele nosso habitacional suburbano; arte da capoeira trazia muitas histórias para o imaginário popular do conjunto, os capoeiristas eram os nossos heróis, sobre eles contavam-se as narrativas mais emocionantes... enfrentou cinco e bateu... bateu em dois policiais... e tome aumentos e hipérboles nos fatos contados.

No Augusto Franco, todo mundo andava a pé, os mais “abas-tados”, espécie de pobre “plus”, tinham bicicletas BMX e estudavam nas escolas do centro, iam de ônibus para escola, que chique! Lá na nossa rua a vida seguia: repetitiva, óbvia e aventureasca... por falar em aventura voltemos a Bogoio e o pneu de trator... ele havia embarcado com muita empolgação no pneuzão de trator, começamos a empurrar, a velocidade aumentava, Bogoio começava a não achar tanta graça, nosso sa-dismo estava em seu maior pico de euforia, empurrávamos o pneu e nos cumprimentávamos, era um plano perfeito, a cota de maldade do dia seria preenchida com sucesso, o roda atra-



vessou a rua e seguiu imparável até quicar e ,ainda nas alturas, dispensar abruptamente o já não mais eufórico passageiro, o coitado caiu de cara na canal cheia de dejetos, arranhou todos os membros possíveis, arranhões e micróbios agindo automaticamente na pele fresca e aberta... o pneu caiu no outro lado de uma rua, destruiu um pequeno jardim cultivado com amor por dona Lourdes... a gurizada se dispersou, Bogoio saiu da canal, aos prantos, voltou para calçada e automaticamente desmaiou, teve um mal súbito, morreu no local, todos se desesperaram... nossa... que isso... e agora?... kkkk MENTIRA GENTE.... ele não morreu, era apenas para chamar a atenção de vocês que poderiam estar perdendo o interesse no enredo... Bogoio sobreviveu, e passou 4 semanas dentro de casa, ele chegou a reclamar por conta da fuleragem que fizemos, mas logo se aquietou, pois o chefes da rua disseram que não foi nada demais, que era para ele deixar de frescura, era uma alerta de suspensão, melhor deixar para lá... o sistema era bruto, nos anos 80, no Augusto Franco, na minha rua, o sistema era realmente bruto... a minha infância e pré-adolescência passou voando, o conjunto que falei, está no mesmo local, mas já não é mais o mesmo, ele ficou mais badalado, tem universidade e tudo, cobriram as canais, deram nomes de pessoas às ruas, surgiram até outras entradas para o conjunto, alguns insistem em chamá-lo de Farolândia, creio que acham mais chique as-

sim... mas o meu conjunto Augusto Franco ainda existe, forte e surreal na minha e nas cabeças de todos aqueles que viveram naquele tempo, naquele lugar tão, tão distante na memória corrompida de um jovem senhor de 42 anos que viveu boa parte deles no conjunto residencial governador Augusto Franco... ah... Bogoio passa bem até hoje, todo feio melhorou a estética, Ed catarro fez muitos filhos, S. boca podre hoje tem dentes e vários dos nossos chefes estão espalhados por bairros de Ará, são senhores como eu que apesar do tempo passado, recordam com carinho a substancial passagem das nossas vidas vividas.

ORGANIZADORES, AUTORES E ILUSTRADORES SE APRESENTAM

Alberto Roiphe é professor de Literatura e de Língua Portuguesa do Departamento de Didática da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de São Paulo (PPGAV-USP). Doutor e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Realizou Estágio de Pós-Doutoramento na área de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e na área de Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (IA-UNESP). Pesquisas e publicações com ênfase na relação Literatura/Artes Visuais (Literatura de Cordel: palavra e imagem; Modernismo Brasileiro: poesia e pintura) e Ensino/Aprendizagem de Literatura.

Beatriz Montes dos Santos é graduanda de Letras - Português e Inglês. Atualmente ministra aulas de Português para estrangeiros em um Trabalho voluntário no SJMR- Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados, Belo Horizonte.

Carla Lauane Couto Freitas, 21 anos, foi participante do PIBIC (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica) no ano de 2015 através do Colégio Estadual Cícero Bezerra em Nossa Senhora da Glória- SE; foi participante do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) através da Universidade Federal de Sergipe, atuando no projeto intitulado “Livros Infantojuvenis sobre os bairros de Aracaju”. Atualmente graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Carla Thatiane Azevedo Santos foi bolsista no Programa de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Sergipe, atuando no projeto “A construção de imagens discursivas do nordestino em poemas e cordéis de Patativa do Assaré”. No ano seguinte, continuou na pesquisa com o projeto “A Construção de imagens da mulher nordestina em narrativas, poemas populares e cordéis. Além disso, participou como bolsista no Programa de Iniciação à Docência (UFS), atuando no projeto intitulado “Livros Infantojuvenis de Bairros de Aracaju”. cursou toda a sua trajetória escolar na rede pública e vê a publicação do seu livro “Sorvetes Mágicos” como um marco muito importante na sua carreira. Atualmente, é formanda do curso de Letras Vernáculas (UFS).

Daniela Santos Batista foi bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Sergipe, atuando no projeto INTEGRA-UFS como pesquisadora sobre a “Percepção dos estudantes da Universidade Federal de Sergipe sobre o plágio acadêmico”; foi bolsista no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – UFS), atuando no projeto intitulado “Livros infantojuvenis de bairros de Aracaju”. Atualmente, é graduanda do 7º período de Letras-Português (UFS) e residente do Programa Residência Pedagógica, onde desenvolve o projeto “1, 2, 3... textando”, abordando os gêneros textuais com os alunos do 1º ano A do Ensino Médio em Tempo Integral da Escola Estadual Professor Gonçalo Rollemberg Leite, situada em Aracaju-SE. cursou toda sua trajetória escolar na rede pública e vê a publicação do livro Sorvetes Mágicos como celebração importante e necessária da regionalidade literária tão diversificada na capital sergipana.

David William Santos Macedo foi bolsista no programa de apoio pedagógico no qual atuou em ensino e pesquisa, desenvolvendo os parâmetros de leitura dos estudantes do 6º ano do ensino fundamental; foi ministrante da V SEMAC com a pesquisa de “Fluência e velocidade

em leitura”; foi voluntário no projeto de PIBIC “Como e por que ensinar e aprender literatura”. Atualmente, é graduando do 7º período do curso de Letras Vernáculas (UFS) e voluntário no programa de residência pedagógica auxiliando na preparatória dos estudantes do 3ª ano para o Enem.

Deyvison Moreira Santos é aluno de graduação em Letras Vernáculas na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atuou como pesquisador no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) nos seguintes projetos: “Variação/Mudança da terminologia médica dos autos de corpo de delito de defloramento (séculos XIX e XX)” (2018), vinculado ao projeto “Socioterminologia e terminografia diacrônicas: variação e mudança na terminologia de manuscritos sergipanos oitocentistas e novecentistas”; “Crítica textual e Edição de processos-crime de defloramento (Estância, 1854-1900)” (2018), vinculado ao projeto “Edição de Textos Manuscritos oitocentistas: construindo os corpora do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB/Sergipe)”; “Léxico e Edição de processos-crime de ofensa verbal: Estância” (2018), vinculado ao projeto “Edição de Textos Manuscritos oitocentistas: construindo os corpora do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB/Sergipe) [fase 2]”; “Propriá: terminologia médica dos autos de corpo de delito de defloramento (séculos XIX e XX)” (2018/2019), vinculado ao projeto “Socioterminologia e terminografia diacrônicas: variação e mudança na terminologia de manuscritos sergipanos oitocentistas e novecentistas [fase 2]”; e “Ofensas Verbais em Propriá (séculos XIX e XX)” (2019/2020); vinculado ao projeto “Socioterminologia e terminografia diacrônicas: variação e mudança na terminologia de manuscritos sergipanos oitocentistas e novecentistas [fase 3]”. Além disso, foi pesquisador-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UFS-2018/2019), atuando no projeto “Elaboração de livros infanto-juvenis sobre os bairros de Aracaju”. Atualmente atua como aluno de Iniciação Científica no plano de trabalho “Processos-crime de defloramento (Capela)”, vinculado

ao projeto “Socioterminologia e terminografia diacrônicas: variação e mudança na terminologia de manuscritos sergipanos oitocentistas e novecentistas [fase 4]” e é monitor das disciplinas “Língua e Cultura no Brasil” e “Sociolinguística”.

Dicson Soares dos Prazeres é professor de Língua Portuguesa da rede pública e particular do estado de Sergipe. Graduado em Letras/Português pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre em Letras e Letramento pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Escreve poemas, contos e crônicas desde a infância, tem sua produção literária voltada para o uso em sala de aula, pois acredita que a literatura adaptada à realidade pode ser veículo facilitador do processo educativo

Edna Ferreira dos Santos é estudante de Letras Português e Francês na Universidade Federal de Sergipe (UFS), participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) entre os anos de 2018 e 2020, no projeto intitulado “Livros Infantojuvenis de Bairros de Aracaju”, sob orientação do Professor Dr. Alberto Roiphe, e atualmente é bolsista do Programa de Residência Pedagógica Português.

Ellen Cristina Santos Souza Desde pequena se interessou pelas artes em geral, em específico o design e a música, sendo suas principais paixões, dentre outras as ciências da natureza e da computação. Ficou muito contente em realizar uma das ilustrações deste livro, sendo uma das primeiras que fez. Atualmente cursando o 2ºano do Ensino Médio, a escola foi um ambiente importante para desenvolver sua criatividade. Entretanto, devido à pandemia esse processo foi um pouco afetado e a fez sair um pouco da zona de conforto. Nunca pensou que surgiria uma oportunidade dessas, pois sempre lidou com o desenho como hobby.

Emily Maria dos Santos é estudante de Letras Português na Universidade Federal de Sergipe, foi bolsista do PIBID-UFS no projeto intitulado “Livros Infantojuvenis de Bairros de Aracaju” sob

a orientação do Professor Dr. Alberto Roiphe. Desde 2018 é bolsista PIBIC-UFS no projeto “Socioterminologia e Terminografia Diacrônicas: Variação e mudança na terminologia de manuscritos oitocentistas e novecentistas”, ligado ao Projeto para História do Português Brasileiro (PHPB-SE) e ao Laboratório de Humanidades e Documentação Terminológica da Universidade Federal de Sergipe (LADOC-UFS).

Franciele Vieira Francisco foi bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - UFS), atuando no projeto intitulado “Livros infantojuvenis de bairros de Aracaju”, onde escreveu e ilustrou um livro com narrativa sobre um bairro de Aracaju: “As Aventuras de América”. Atualmente é graduanda do 7º período de Letras-Português (UFS), é bolsista no Programa de Residência Pedagógica no Colégio Professor Gonçalo Rollemberg Leite desenvolvendo o projeto sobre gêneros textuais “1,2,3...textanto” para estudantes do 1º ano do ensino médio integral e também é estagiária da Coordenadoria de Educação para o Trânsito/SMTT Aracaju.

Glaucilane Santos da Silva foi bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-Conexões de Saberes-Penedo/UFAL), no qual trabalhou nas áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão; foi bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - UFS), atuando no projeto intitulado “Livros infantojuvenis de bairros de Aracaju”; foi aluna de Iniciação Científica, atuando no projeto “Como e por que ensinar e aprender literatura”. Atualmente, é escritora; graduada em Letras-Português (UFS) e estagiária na empresa Elesson, na qual desenvolve conteúdo de Língua Portuguesa para plataforma digital.

Hivanilda Silva dos Santos, nascida em Lagarto, é estudante de Letras Vernáculas na Universidade Federal de Sergipe (UFS), participou como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) também na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente é estagiária na área da educação.

Jefferson Campos é xilogravador autodidata. Ministra oficinas de xilogravura e participa de diversos eventos sobre cultura nordestina.

José Regivaldo Vieira Santana foi bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - UFS), atuando no projeto intitulado “Livros infantojuvenis de bairros de Aracaju”; atualmente participa do Residência Pedagógica, no qual auxilia alunos do primeiro ano do Ensino Médio; graduando do 7º período de letras vernáculas.

Júlio César Antão Lima é estudante de publicidade e propaganda na Universidade Federal de Sergipe (UFS), atua há 3 anos na área de Direção de Arte, tendo ganhado prêmios: 1 internacional (prata na categoria jovem criativo - Lusófonos) e 1 nacional (2º lugar no primeiro prêmio perifa lions)

Larissa Ramos de Brito foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Universidade Federal de Sergipe (UFS), atuando no projeto “Livros infantojuvenis de bairros de Aracaju”; atuou como aluna de Iniciação Científica com bolsa voluntária no plano de trabalho “Texto motivador, abordagem processual e livro didático de língua portuguesa: foco no ensino médio”. Atualmente, é graduada em Letras Vernáculas pela UFS.

Larissa Santos Calazans foi bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - UFS), no projeto intitulado “Livros Infantojuvenis de Bairros de Aracaju”; foi voluntária no PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - UFS), atuando no projeto “Representações dos gêneros acadêmicos por graduandos da UFS”. Atualmente, é graduada em Letras - Português (UFS - Universidade Federal de Sergipe).

Luan Dias da Silva, 19 anos, artista visual, negra, não-binária, sergipana e, atualmente, estudante de Licenciatura em Artes Visuais. Nascido em Aracaju, mas residente em São Cristóvão. Interessado por diversas áreas das artes visuais, entre elas: a Estética, a História das Artes Visuais e a Arte-Educação. Traça o caminho nas artes visuais por meio da pesquisa de gênero e sexualidade com abordagem político-decolonial.

Luciano Silva da Cunha nasceu no estado de Sergipe e desde a sua infância carrega consigo o gosto de desenhar. Atualmente é autônomo e em suas horas vagas está sempre desenhando.

Márcio Souza de Jesus, mais conhecido como Márcio du Coqueiral, é estanciano, licenciado em língua portuguesa e suas respectivas literaturas. Atualmente reside em Aracaju e divide seu tempo entre escrever algumas linhas e rabiscar pequenos esboços sem nenhum compromisso.

Matheus Symon da Silva Melo desde pequeno gostava de desenhar, ao longo do tempo esse interesse cresceu e começou a levar como um hobby, vindo começar a desenvolver recentemente sua própria obra escrita, o que instigou ainda mais seu interesse por artes gráficas e afins. A internet foi o principal meio para desenvolver sua criatividade. Atualmente estando no segundo ano do ensino médio, trouxe bastante complicações, porém não deu o braço a torcer a nenhuma das suas adversidades. É um prazer, para ele, participar da ilustração deste livro; sendo uma das primeiras coisas oficiais que fez.

Maria Poliana Santos Dias nasceu em 1999, em Salgado. Graduada em letras vernáculas pela Universidade Federal De Sergipe, atuou como voluntária no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). E atualmente participa da Residência Pedagógica no Colégio de Aplicação da UFS.

Nana Vitória de Carvalho Menezes foi bolsista voluntária do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – UFS) no projeto intitulado “Livros Infantojuvenis sobre os bairros de Aracaju”, atualmente é voluntária no projeto de extensão “Oficinas de redação: um espaço de interação entre a leitura e a escrita no Colégio de Aplicação”, graduanda em Letras Vernáculas, 6ª período – UFS.

Nívea Costa Souza, sergipana de Aracaju, graduanda do último período do curso de Letras Português Espanhol da Universidade Federal de Sergipe, onde atuou nos programas de iniciação científica PIBID e Residência Pedagógica, respectivamente. Ainda criança, apaixonou-se pela literatura e encontrou nas letras e nos traços uma forma de se expressar e representar suas vivências. Atualmente reside na cidade de São Cristóvão e além de trabalhar em suas «escrevivências» e pinturas é artesã e professora de língua espanhola na rede particular em Aracaju.

Renata DeCastro é doutoranda em Literatura; graduada em Letras Francês/Português pela Universidade Federal de Sergipe (2020); mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas, com ênfase em Língua Latina (2013); possui especialização em Língua Portuguesa - Leitura e Produção de Textos (2005); e graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe (2003). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Latina, Filologia Românica e Língua Portuguesa.

Ricardo Costa dos Santos é professor de Língua Francesa do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, possui Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Além de músico, é escritor e ilustrador. Como obra de ficção, publicou O Menino que não sabia ser feliz ou a história de um herói (infanto-juvenil), bem como o livro de contos, Eiva. Nemésio e o Dinossauro é o seu terceiro trabalho de literatura, sendo o segundo dedicado ao público adolescente. No que tange à área acadêmica, lançou Brasões Episcopais: Registro e memória visual da Bahia no século XVIII

Rozana Silva da Cunha Santos foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID no projeto intitulado “Livros Infantojuvenis sobre os Bairros de Aracaju”, na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente, é graduada em Letras-Português pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Ruth Evely dos Santos é estudante de Letras Português e Inglês na Universidade Federal de Sergipe. Participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no projeto intitulado “Livros Infantojuvenis de Bairros de Aracaju”, sob orientação do Professor Dr. Alberto Roiphe. Participa do Programa Residência Pedagógica como bolsista.

Saádia Patrícia Alves Cássia, foi bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - UFS), atuando no projeto intitulado “Livros infantojuvenis dos bairros de Aracaju”, graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Advogada, Graduada em Direito pela Faculdade Pio Décimo - Campus III - Sergipe (2012), Pós-graduada em Direito Civil e Processual Civil pelo Centro Universitário FG – UNIFG. Atualmente, Conselheira Tutelar do Município de Brumado - BA (Gestão 2020 - 2023).

Suelen Souza dos Santos escreveu e ilustrou um livro com narrativa sobre um bairro de Aracaju: “As Aventuras de América”. É graduanda de Letras-Português (UFS). Atualmente trabalha com Design e como acompanhante educacional de crianças especiais.

Thalita Síntique dos Santos graduanda em Letras Português na Universidade Federal de Sergipe - UFS. Foi pesquisadora-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UFS-2018/2019), atuando no projeto “Elaboração de livros infantojuvenis sobre os bairros de Aracaju”. Como pesquisadora-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFS-2019/2020), executou o plano de pesquisa “COLETIVOS FEMINISTAS: um estudo das primeiras páginas dos sites do movimento político no

Brasil”, tendo os resultados de pesquisa publicados no livro «Pesquisas em linguística: abordagens contemporâneas» volume 4. Para além do espaço acadêmico, é poetisa e intérprete, e atua como agente cultural no município de Estância/SE.

Vinícius Prudente de Assis assina quase sempre suas ilustrações como Cico, apelido de infância. Desenha desde os 10 anos de idade e aos 16 começou a atuar profissionalmente na área, após ingressar na graduação em Design gráfico – UFS. Atualmente trabalha como designer e ilustrador freelancer. Na graduação tem como foco de pesquisa o design editorial de livros infantis e acessibilidade.

Wesley Cleiton Aquino Almeida foi bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - UFS), atuando no projeto intitulado “Livros infantojuvenis de bairros de Aracaju”; foi aluno de Iniciação Científica, atuando no projeto “O ser e o nada no texto de Ionesco”. Atualmente, é poeta, contista, graduado em Letras Português e francês (UFS) e bolsista no programa Residência Pedagógica.

Yonara Sousa Maltas é Tecnóloga em Gestão de Turismo, pelo antigo Centro Federal de Educação Tecnológica de Sergipe (CEFET-SE), Pós-Graduada em Gestão Ambiental e Responsabilidade Social das Empresas pela Faculdade Amadeus (FAMA) e Recém-graduada em Letras Português-Francês Licenciatura Noturno pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Possui interesse desde a infância pela natureza e desenvolveu interesse pela escrita durante sua adolescência, tendo encontrado no curso de letras o espaço ideal para experimentar e amadurecer esse seu lado, mas tem consciência de que existe um caminho muito amplo a percorrer.



Criação Editora



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO



ISBN 978-856010226-6



9

788560

102266